

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Programa de Pós-graduação em História Social

**As Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de  
1964**

Aline Alves Presot

Rio de Janeiro  
2004

Aline Alves Presot

AS MARCHAS DA FAMÍLIA, COM DEUS PELA LIBERDADE E O GOLPE DE  
1964

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fico

Rio de Janeiro

2004

Aline Alves Presot

AS MARCHAS DA FAMÍLIA, COM DEUS PELA LIBERDADE E O GOLPE DE  
1964

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em História  
Social da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de  
Mestre em História Social.  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Fico

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Carlos Fico (Orientador)

---

Profa. Dra. Marieta de Moraes Ferreira

---

Prof. Dr. Celso Castro

Rio de Janeiro

2004

PRESOT, Aline Alves.

As Marchas da Família, com Deus pela Liberdade. Rio de Janeiro, 2004.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

## RESUMO

O trabalho de dissertação intitulado *As Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964* tem como objetivo principal investigar o acontecimento que arregimentou milhares de pessoas em todo país, constituindo em algumas das maiores manifestações públicas de nossa história política. As Marchas enquanto fenômeno social inserem-se em um momento em que diversificados setores da população saíram às ruas em repúdio ao governo nacionalista de João Goulart, que, segundo acreditavam, possuía aspirações comunizantes e caminhava para a destruição dos valores religiosos, patrióticos e morais da sociedade. Tais passeatas surgiram como uma espécie de pedido às Forças Armadas por uma intervenção salvadora das instituições, e, posteriormente ao golpe, passaram por uma resignificação de seu discurso, transformando-se numa demonstração de legitimação do golpe militar.

## ABSTRACT

The main purpose of this master thesis is to research the "Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade" (1964), one of the most important manifestations of the Brazilian political history. As a social phenomenon, the "Marchas" can be understood as part of the opposition to the João Goulart's nationalist government. To the organizers of the "Marchas", the Brazilian president João Goulart had communist inclinations and was trying to destroy the religious, patriotic and moral values of the Brazilian society. The "Marchas" were a kind of act of asking for intervention to the Armed Forces to save the Brazilian institutions. After March the 31, 1964, the "Marchas" were re-defined and became part of the justifications of the coup d'état.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	7
Capítulo I: As Marchas da Família e alguns aspectos do imaginário político do pré-1964.....	11
A "Marcha da Vitória" .....	11
O Ipês.....	30
O catolicismo .....	39
O Governo João Goulart .....	45
O comício.....	54
Capítulo II: As Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade nas capitais e no interior dos estados.....	67
Ao centro da praça .....	67
Breve intervalo historiográfico .....	68
As cidades .....	71
Capítulo III: "Imaginando" o Golpe: as Marchas e a Ditadura Militar.....	84
Os grupos femininos no pós-64 .....	84
"Marchando" sob a Ditadura.....	100
Conclusão .....	108
Caderno de Ilustrações.....	110
Fontes.....	134
Bibliografia.....	135
Anexo I - Entidades que convocavam a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" no Rio de Janeiro. .....	140
Anexo II- Entidades de São Paulo que aderiram à "Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade". ....	141
Anexo III - Marchas das Família, com Deus, pela Liberdade ocorridas entre 19 de março e 1 de junho de 1964.....	144

## APRESENTAÇÃO

*Bomba e Brigitte Bardot*. Nos anos 60 o país viveu um momento de efervescência cultural e política dos mais marcantes. Era impossível, especialmente aos mais jovens, estar indiferente ao debate trazido pela Revolução Cubana em 1959, e sua opção por um governo socialista em 1961. O cinema era o Cinema Novo e, na música a Bossa Nova leva "Garota de Ipanema" ao primeiro lugar no *hit parade* americano. Tínhamos TVs, eletrodomésticos e havia também os carros: "Fuscas, Simcas e Aero Willys" fabricados no Brasil.<sup>1</sup> O surto desenvolvimentista da "Era JK" abria cada vez mais possibilidades ao consumo. Novos ares ao teatro com os grupos *Arena* e *Oficina* e com a "arte popular e revolucionária" do CPC (Centro Popular de Cultura) da União Nacional dos Estudantes.<sup>2</sup> Importantes segmentos da Igreja Católica experimentavam uma reorientação, inserindo-se no campo político e aproximando-se de movimentos de conotação reformista.<sup>3</sup> O filme *O pagador de promessas* foi exibido em Cannes. A bela Brigitte Bardot, de Búzios, encantava todo um país.

Entretanto, o que a sociedade brasileira experimentou de mais impactante naquele período e que seria responsável por refrear movimentos e aspirações como os acima apresentados, teve seu processo iniciado em 31 de março de 1964. Um golpe civil-militar modificou de maneira drástica os rumos da política, dando lugar a um regime autoritário

---

<sup>1</sup> MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. p. 24.

<sup>2</sup> Idem. pp. 24-25.

<sup>3</sup> SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Hipóteses para uma interpretação. Petrópolis: Vozes, 1979

que se estenderia ao longo de 21 anos.

Foi uma época extremamente significativa para a história dos movimentos sociais, em que ocorreram algumas das maiores manifestações públicas de cunho político que o país conheceu. Grupos de orientação ideológica oposta disputavam o apoio popular para suas bandeiras políticas, levando milhares de pessoas às ruas. De um lado, segmentos identificados com o conservadorismo político, que havia algum tempo articulavam-se numa intensa campanha de mobilização da opinião pública pela desestruturação do governo João Goulart. De outro, representantes das "esquerdas" (comunistas, trabalhistas, nacionalistas), que se encontravam organizados e arregimentados em torno do projeto das "reformas de base",<sup>4</sup> principal preocupação do governo João Goulart em sua fase final.

Esta dissertação tem como objeto de investigação um dos momentos de maior expressão da organização "conservadora", que foi a realização das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, manifestações inicialmente organizadas em oposição ao governo e às políticas de Goulart e que, posteriormente ao 1º de abril de 1964, revestiram-se de caráter oficial enquanto comemoração da intervenção militar. As marchas possuíam um forte apelo cristão e anticomunista, e "tornaram-se peculiares na nossa história, não apenas pelo volume de manifestantes mas especialmente pelos recursos materiais e ideológicos

---

<sup>4</sup> "As 'reformas de base', como ficaram conhecidas, abrangiam algumas reformas - bancária, fiscal, urbana, universitária -, bem como mudanças políticas e institucionais, particularmente a extensão do direito de voto aos analfabetos e oficiais não-graduados das Forças Armadas, assim como a legalização do Partido Comunista. Incluíam, também, políticas nacionalistas que iam desde o controle sobre o capital estrangeiro até a nacionalização e o monopólio estatal de setores específicos da economia." In FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 66.



utilizados na arregimentação popular para a ação política".<sup>5</sup>

Na primeira parte do trabalho, através da narrativa da Marcha da Família ocorrida no Rio de Janeiro, procuramos empreender uma reconstituição do acontecimento em toda sua riqueza de significados. Além disso, apresentamos algo da história da organização e liderança das manifestações, dos grupos e interesses em questão: associações femininas, como a Camde (Campanha da Mulher pela Democracia), o grupo que congregava empresários, militares graduados e importantes figuras do meio político, denominado Ipês, seguida de uma pequena análise da influência do catolicismo no período e sua importância para o acontecimento das marchas. Por fim, delineamos um quadro do governo João Goulart, com vistas a resgatar o clima de tensão que o acompanhou durante os anos em que esteve no poder, especialmente em seus momentos finais.

No segundo capítulo, tratamos da realização das Marchas da Família nas principais capitais do país, bem como em cidades interioranas. Para além da investigação acerca da abrangência do movimento, procuramos voltar o nosso foco para o aspecto multifacetado destas passeatas, uma vez que, a partir da relação com as culturas políticas de determinada região, as marchas eram re-criadas em sentido e significado.

O capítulo III discute a evolução dos grupos femininos após o golpe e suas relações com os governos militares, como também a maneira pela qual as Marchas da Família com Deus pela Liberdade foram vistas e difundidas pela ditadura, exercício realizado através da análise de algumas comemorações de aniversários das marchas veiculadas pela

---

<sup>5</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 64*. Belo Horizonte, UFMG, 1983. p. 94.

imprensa. O questionamento acerca da (re)construção de uma memória das marchas e as possíveis modificações sofridas por ela passados pouco mais de 40 anos desde a primeira manifestação mostrou-se de grande relevância.

Dentre as principais orientações teóricas deste estudo estão o trabalho de Bronislaw Baczko e seu conceito de imaginário social<sup>6</sup>, bem como as contribuições de Chartier no estudo das representações coletivas<sup>7</sup>; tomamos como referencial a recente produção em história política, especialmente no tocante ao debate acerca das relações entre poder político e domínio simbólico.

Conquanto nossas escolhas teórico-conceituais se constituam a partir das análises distintas do simbólico, é preciso não esquecer que a crítica ideológica não estará ausente porque, nesta concepção, tais níveis se interpenetram.<sup>8</sup> Igualmente, é preciso considerar que essas escolhas não incorrem em ecletismo ou fundamentam-se no desconhecimento das singularidades das abordagens específicas apresentadas, pois acreditamos ser possível ao historiador lançar mão de enfoques analíticos e aparatos conceituais diversos sem a necessidade de filiação absoluta a esta ou aquela "escola".

---

<sup>6</sup> BACKZO, Bronislaw. "Imaginação Social". In *Enciclopédia Einaudi*, v. 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

<sup>8</sup> Sobre o tema da correlação entre problemáticas simbólicas e ideológicas, ver as elaborações conceituais de CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 3. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

## CAPÍTULO I: AS MARCHAS DA FAMÍLIA E ALGUNS ASPECTOS DO IMAGINÁRIO POLÍTICO DO PRÉ-1964

E eu achava que o golpe era uma coisa boa. Eu trabalhava junto com várias pessoas de idade. E para essas pessoas o Exército era uma instituição de muita credibilidade. Como se fosse uma coisa sagrada. Uma coisa intocável. O Exército era uma coisa que poderia consertar o Brasil. Quando houve o golpe, a Metalúrgica Independência tinha umas 45 pessoas, e a gente tinha uma meia hora para o almoço. Todo mundo de marmita, a gente sentava para comer e eu via os velhinhos comentarem: "Agora vai dar certo, agora vão consertar o Brasil, agora vão acabar com o comunismo." (...) Era essa a idéia. Era essa a visão que eu tinha na época do golpe militar. Na minha casa, a minha mãe escutava o rádio e dizia: "O Exército vai consertar o Brasil. Agora nós vamos melhorar."

Luís Inácio Lula da Silva<sup>9</sup>

### A "Marcha da Vitória"

No momento em que, dos arredores da Igreja da Candelária, davam-se os primeiros sinais para o início do desfile, uma multidão calculada em cerca de cem mil pessoas encontrava-se entre as avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, as principais vias do centro da cidade do Rio de Janeiro.<sup>10</sup> Eram pouco mais de quatro horas da tarde de dois de abril de 1964. Os serviços meteorológicos haviam previsto um dia de chuvas e instabilidade, com promessas de melhorias no decorrer do período.<sup>11</sup> Mas, a julgar pela atmosfera de nebulosidade que envolvia os últimos acontecimentos políticos do país, em pelo menos um aspecto enganavam-se os técnicos da previsão do tempo. O movimento militar que partira de Minas Gerais sob o comando do general Mourão Filho, na madrugada do dia 31, com o

---

<sup>9</sup> COUTO, Ronaldo Costa. *Memória viva do Regime Militar*. Rio de Janeiro: Record, 1999. P. 250.

<sup>10</sup> Marcha da Família leva às ruas um milhão de cariocas. *Estado de Minas*, 3 abr. 1964. p. 2.

<sup>11</sup> O Tempo. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 1.

objetivo de derrubar o governo João Goulart era então vitorioso.

A cidade havia amanhecido um primeiro de abril repleta de boatos e barricadas: tanques do I Exército ocupavam a Rua Gago Coutinho, defronte ao Palácio das Laranjeiras, para a proteção de um presidente silencioso e indeciso. Nas escadarias da Igreja do Largo do Machado, fuzileiros navais haviam se postado, armados de metralhadoras, com o objetivo de bloquear todas as saídas do Palácio.<sup>12</sup> Não muito longe dali, na sede do governo estadual, desguarnecido de tanques e dispondo de apenas seis minutos de tiro,<sup>13</sup> o governador Carlos Lacerda valia-se dos caminhões da limpeza pública para obstruir o tráfego na Rua Pinheiro Machado.<sup>14</sup> Desde que teve notícia da movimentação das tropas mineiras, temendo um assalto ao Palácio Guanabara, o governador se recolheu a uma espécie de "vigília cívica", para a qual convocou a população através de uma transmissão pela Rádio Roquette Pinto.<sup>15</sup>

Reinava a indefinição durante aquelas primeiras horas, tanto nas ruas, quanto nos altos escalões do regime e até mesmo entre os rebelados. Um dos militares que ocupava as ruas acompanhava as notícias através dos jornais, a bordo de um tanque (ver ilustração na p. 120).<sup>16</sup> Não foram poucos os incidentes que se verificaram entre populares e a polícia.<sup>17</sup> Enquanto os acordos e adesões militares andavam

---

<sup>12</sup> Guanabara viveu 36 horas de apreensões. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 10.

<sup>13</sup> GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 78.

<sup>14</sup> Várias vezes anunciado, não se confirmaram as notícias de um assalto ao Guanabara. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 7.

<sup>15</sup> *Idem* 5.

<sup>16</sup> Caderno Especial: 30 anos depois. *Folha de São Paulo*, 27 mar. 1994. p. B-4.

<sup>17</sup> Carros blindados na rua deixam o povo sob tensão. *Diário de Notícias*, 1º abr. 1964. In *O Rio de Janeiro através dos Jornais - 1888-1969*, de João Marcos Weguelin:

<http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj47.htm>.

a passos lentos, pululavam versões acerca do avanço das tropas pró e anti-Jango.

No início da tarde o desfecho da crise parecia adquirir contornos mais definidos. O presidente, pressionado pelos constantes apelos de seu gabinete e dos generais que ainda se mantinham leais ao governo para que abandonasse as "esquerdas", decidiu se transferir para Brasília. Após a divulgação do manifesto dirigido à nação brasileira e às Forças Armadas pelo chefe do II Exército, o general Amaury Kruel, informando de que o seu comando decidira agir, visando "neutralizar a ação comunista que se infiltrou em alguns órgãos governamentais e principalmente nas direções sindicais, com o único objetivo de assalto ao poder",<sup>18</sup> e da decisão do ministro da Guerra, general Jair Dantas, de abandonar o governo,<sup>19</sup> o presidente percebeu que já não havia como permanecer no Rio de Janeiro. Seguindo o conselho do comandante do I Exército, general Moraes Âncora, seu vôo partiu às 12h45min.<sup>20</sup>

Por volta das quatro horas da tarde, os mesmos tanques que guardavam o Palácio Laranjeiras, então vazio, dirigiram-se para o Guanabara.<sup>21</sup> Era a evidente demonstração de que a situação estava por se definir a favor dos militares.

Minutos depois, nos televisores dos lares cariocas, seria interrompida a exibição de um filme da série *Aventura Submarina*, para um pronunciamento de Carlos Lacerda, através da TV Rio, no qual anunciava o desfecho vitorioso da "revolução". Seu discurso se concluiria de forma um

---

<sup>18</sup> Kruel: contra o comunismo o movimento de São Paulo. *O Estado de S.Paulo*, 1º abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>19</sup> GASPARI, Elio. *Op. cit.* p. 103.

<sup>20</sup> GASPARI, Elio. *Op. cit.* p. 103.

<sup>21</sup> Várias vezes anunciado, não se confirmaram as notícias de um assalto ao Guanabara. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 7.

tanto dramática: chorando, o governador da Guanabara afirmava que "Deus teve pena do povo. Deus é bom."<sup>22</sup>

Na Cinelândia, região central do Rio de Janeiro, alguns manifestantes que se reuniram em frente ao Clube Militar foram alvejados por tropas da PM e pelos oficiais que se encontravam no interior da sede. Do conflito, resultaram três mortos e onze feridos. Todos civis.<sup>23</sup>

No número 132 da Praia do Flamengo, às 17h25min, teve início um incêndio que destruiria completamente o edifício. Os responsáveis pelo atentado se incumbiram, antes, de invadi-lo e de lançar pela janela móveis, máquinas de escrever, arquivos e outros materiais pertencentes à União Nacional dos Estudantes. A mesma cena se repetiria, algum tempo depois, nas dependências do jornal *Última Hora*, acusado de possuir tendências subversivas e de estar infiltrado por elementos comunistas. Fazia algum tempo que jornal vinha sofrendo retaliações de todos os tipos, tendo perdido grande parte de seus anunciantes, chegando a circular apenas com quatro folhas.<sup>24</sup> No início daquela noite, sua redação e oficinas foram completamente destruídas e incendiados os carros pertencentes ao jornal: quatro kombis, dois jipes e três lambretas.<sup>25</sup>

Em Copacabana, havia festa ao cair a noite (ver ilustração na p.121) .<sup>26</sup> Do alto dos edifícios lançava-se papel picado sobre a chuva, numa saudação às tropas do Exército.

---

<sup>22</sup> Carlos Lacerda anuncia o fim da crise pedindo que o povo mantenha a calma. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 4.

<sup>23</sup> Três mortos e onze feridos quando os comunistas tentaram invadir o CM. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 9.

<sup>24</sup> DANTAS, Eudóxia Ribeiro. *Voltando no tempo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1998. p. 85.

<sup>25</sup> Depredadas a sede da UNE e dependências de "Ultima Hora". *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 9.

<sup>26</sup> Goulart dispensou o sacrifício do povo brasileiro. *O Dia*, 2 abr. 1964. In *O Rio de Janeiro através dos Jornais - 1888-1969*, de João Marcos Weguelin: <http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj47.htm>.

Um avião Avro da FAB, em Brasília, aguardava um presidente aflito. Às 22h30min<sup>27</sup> João Goulart transferiu-se para Porto Alegre e, ainda que durante a madrugada de dois de abril pudesse ter "explorado a fantasia da resistência",<sup>28</sup> desencorajaria, mais tarde, quaisquer tentativas que se esboçaram nesse sentido, por parte de Leonel Brizola e do comandante do III Exército, último foco legalista. Dizia, assim, evitar o derramamento de sangue inocente. Àquela altura, era um presidente derrotado. Seu governo ruiu como um castelo de cartas.

Às 3h30min, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, assumiu a Presidência da República.<sup>29</sup> Antes mesmo que João Goulart partisse para o exílio no Uruguai, os EUA reconheciam o novo governo como legítimo.

Eram pouco mais de quatro horas da tarde de dois de abril de 1964 e, nas ruas do Rio, a multidão multiplicava-se com grande velocidade. No seu auge, chegaria, segundo algumas estimativas, ao surpreendente número de um milhão de pessoas, que se colocaram em praça pública a expressar o seu apoio ao golpe militar que então se desencadeava. Da Candelária partia a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" (ver ilustrações nas pp. 123-124 e 126). O acontecimento, havia dias alardeado pelos meios de comunicação, prometia sucesso semelhante ao ocorrido em São Paulo, quando 500 mil pessoas saíram às ruas no dia 19 de março contra o governo e as políticas reformistas do presidente João Goulart. A manifestação representava um pedido da sociedade civil às Forças Armadas para que realizassem uma intervenção "moralizadora" das instituições, afastando do país o perigo comunista, julgado

---

<sup>27</sup> GASPARI, Elio. *Op. cit.* p. 111.

<sup>28</sup> *Idem* p. 111.

<sup>29</sup> Mazzilli assume. *O Jornal*, 2 abr. 1964. p. 1.

iminente. Após a Marcha de São Paulo, outras manifestações com o mesmo teor ocorreram no interior do estado e, em breve, o movimento teria abrangência nacional. A grande passeata do Rio já estava sendo programada quando o golpe do dia 1º de abril modificou o seu caráter, transformando-a numa espécie de "desfile da vitória".

A propaganda organizada para a Marcha buscava a adesão da população utilizando-se de valores e elementos simbólicos como o amor à pátria, o respeito à democracia, a defesa da família e das liberdades políticas. Um volante distribuído pelas entidades promotoras da manifestação dizia do seu caráter cívico-religioso, "destinado a reafirmar os sentimentos do povo brasileiro, sua fidelidade aos ideais democráticos e seu propósito de prestigiar o regime, a Constituição e o Congresso, manifestando total repúdio ao comunismo ateu e antinacional."<sup>30</sup> Os boletins eram distribuídos em igrejas, praias e clubes. A televisão e o rádio deram extensa cobertura aos preparativos da passeata.<sup>31</sup> Também nas páginas dos jornais cariocas, dias antes de sua realização, podia-se ler: "em nome de sua fé religiosa compareça e traga a sua família."<sup>32</sup> A idealização do movimento foi extremamente eficaz no tocante à linguagem utilizada. A própria palavra marcha possui em si um sentido especial, que compreende um movimento orientado, cadenciado, disciplinado. Ela exige fé, solidariedade, entusiasmo, tenacidade. Mas, acima de tudo, disciplina.<sup>33</sup> Uma apreciação do acontecimento, do aparato simbólico e

---

<sup>30</sup> Na Marcha da Família o carioca expressará o seu repúdio ao comunismo. *O Globo*, 28 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>31</sup> Camde comemora aniversário da revolução que ajudou a realizar. *O Jornal*, 28 mar. 1965. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>32</sup> Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>33</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. São Paulo: Papyrus, 1986. p. 74.



imagético evocado, de sua disposição, de seus discursos, revela, que, de fato, essa marca esteve presente.

O desfile foi aberto por vinte membros do Regimento de Cavalaria da Polícia Militar, trazendo lanças adornadas por pequenas flâmulas, nas quais ostentavam o símbolo da corporação. Antes que se iniciasse o desfile (num trajeto de dois quilômetros - que da Praça Pio X percorreria as avenidas Rio Branco e Almirante Barroso até a Esplanada do Castelo) foram executados os hinos Nacional e do Estado da Guanabara, seguidos pelo repicar dos sinos da Candelária. Um automóvel da Rádio Nacional seguia à frente, transmitindo a manifestação em cadeia com a Agência Nacional. À medida que avançava o desfile, seu locutor anunciava à população, que das calçadas e sacadas dos edifícios o assistia: "A Rádio Nacional é do governo, e o governo agora é democrata."<sup>34</sup>

À frente do cortejo marchava o ex-presidente Eurico Gaspar Dutra, cuja presença foi das mais aguardadas ( ver ilustração p. 122). Durante algum tempo o marechal caminhou a pé, sendo posteriormente conduzindo por um caminhão do Corpo de Bombeiros. Usava um chapéu-coco, com que, vez por outra, acenava para a multidão.<sup>35</sup> A seu lado, as senhoras representantes da Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), às quais era dado o título de "líderes" da Marcha. Entre elas estavam mulheres como Amélia Molina Bastos, presidente da entidade, professora primária e "neta, sobrinha, irmã e mulher de general";<sup>36</sup> Eudóxia Ribeiro Dantas, esposa de José Bento Ribeiro Dantas, que ocupava a

---

<sup>34</sup> Mais de 800 mil pessoas na Marcha da Vitória. *O Globo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>35</sup> ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema a serviço do Golpe (1962-1964)*. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2001. p. 58 e 64.

<sup>36</sup> D. Amélia Molina Bastos ou como e onde marcha a Camde. Entrevista concedida a Stella M. Senra Pollanah. *Livro de Cabeceira da Mulher*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 5, 1967. p. 159.

chefia do então Centro das Indústrias, hoje Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e da Companhia Aérea Cruzeiro do Sul;<sup>37</sup> Mavy D'Aché Assumpção Harmon, formada pela Faculdade Nacional de Filosofia, tendo posteriormente estudado nos EUA, chegando a participar da Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas,<sup>38</sup> lecionou na Universidade do Brasil<sup>39</sup> e era casada com o economista e consultor financeiro americano Robert Harmon;<sup>40</sup> Lucia Jobim, também filha de general e esposa de um funcionário de uma companhia de Petróleo<sup>41</sup> e, dentre outras, Ignez Félix Pacheco Brito, esposa de Raimundo Brito, que seria posteriormente ministro da Saúde do governo Castelo Branco.<sup>42</sup>

O histórico da atuação de grupos femininos como a Camde, no Rio de Janeiro, a Liga da Mulher Democrata (Limde), de Belo Horizonte, ou a União Cívica Feminina (UCF), de São Paulo, é de fundamental importância para a compreensão do clima de radicalização anticomunista do início dos anos 1960 que culminou na reação conservadora de 64.

Essas mulheres, especialmente a partir do ano de 1962, dominaram o cenário político com demonstrações de repúdio ao comunismo e franca oposição às políticas nacionalistas do governo Goulart, que, segundo acreditavam, representava o primeiro passo para a completa "bolchevização" do país. Os grupos femininos rapidamente espalharam-se por todos os estados do país e, sob o manto da caridade, atuavam junto

---

<sup>37</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 59.

<sup>38</sup> *Idem.* p. 63.

<sup>39</sup> Professora diz nos EUA como a mulher brasileira participou da Revolução. *O Globo*, 18 nov. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>40</sup> Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>41</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p.62.

<sup>42</sup> *Idem.* p. 57.

ao empresariado, a grupos políticos conservadores e a alguns setores da Igreja Católica em sua campanha de mobilização da opinião pública. As mulheres que fundaram e dirigiram esses grupos comungavam de algumas características, como a de pertencerem à elite e serem esposas ou mães de empresários ou militares graduados. As diretorias, em geral, eram compostas por um reduzido número de associadas, cabendo ao restante das mulheres a realização de tarefas menores, além de engrossar o contingente em suas aparições públicas.<sup>43</sup>

A Camde foi fundada em 12 de junho de 1962,<sup>44</sup> na residência de nº 221 na rua Barão da Jaguaripe,<sup>45</sup> onde vivia Amélia Molina Bastos, mulher do general-médico Virgílio Alves Bastos e irmã do general Antônio de Mendonça Molina, membro do Serviço Secreto do Exército, ligado ao Ipês,<sup>46</sup> e

---

<sup>43</sup> Sobre o peculiar aparecimento das mulheres na cena política da década de 60 e suas características ver SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>44</sup> Há pelo menos três outras versões para a criação da Camde, apresentadas por Simões. A primeira, retirada do histórico da entidade, localizado na Seção de Documentos Particulares do Arquivo Nacional, parece convergir com a apresentada acima. A segunda versão parte de uma entrevista com Eudóxia Ribeiro Dantas, segundo a qual frei Leovigildo teria feito um pedido a d. Amélia, que pertencia à Ordem Terceira de São Francisco, para que reunisse em sua casa algumas senhoras da paróquia, pois ele gostaria de alertá-las sobre o perigo da infiltração comunista no país. A terceira versão foi publicada em *O Jornal*, de 17 de novembro de 1965. O motivo do encontro entre Glycon de Paiva, Antônio de Molina e Frei Leovigildo seriam as eleições para deputados federais e estaduais, que se realizariam no mês de outubro. Dona Amélia teria recebido fichas da ALEC - Aliança Eleitoral Católica - e pretendia distribuí-la entre amigos e vizinhos. Nessa reunião, dona Amélia seria, pela primeira vez, alertada sobre a ameaça comunista, e teria sentido que era um dever da mulher brasileira agir pela salvação da democracia no país. SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 30-31.

<sup>45</sup> Dona Amélia fundou a Camde para que a mulher brasileira salvasse a democracia. *O Jornal*, 17 nov. 1965. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>46</sup> Sobre a criação de organismos empresariais e seu papel nas articulações em torno do golpe de estado ver DREIFUSS, Réne. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981. A participação do Ipês na realização das marchas e sua relação com os grupos femininos serão abordados posteriormente neste capítulo.

cunhada do general Justino Alves Bastos, comandante do IV Exército.<sup>47</sup> Segundo sua própria versão, Amélia havia reunido em sua casa algumas famílias, como parte das atividades que desenvolvia na Paróquia de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Estavam também presentes seu irmão, general Molina, o frei Leovigildo Balestieri e Glycon de Paiva, outro integrante do Ipês. Durante o encontro, os homens alertaram as mulheres sobre a gravidade da situação política e lhes fizeram um apelo para que criassem uma entidade, nos moldes da UCF, fundada um mês antes em São Paulo. Amélia Bastos diz ter aceito prontamente a proposta: "Eu, como sou muito católica, pensei logo: comunismo-atéismo. Então eu tenho de defender a Igreja."<sup>48</sup>

O primeiro protesto público da Camde se deu alguns dias depois, quando trinta senhoras se dirigiram aos jornais com o objetivo de protestar contra a indicação de San Tiago Dantas para primeiro-ministro do governo João Goulart. "Das visitas nós começamos a nos reunir quando aparecia qualquer coisa no Congresso que nós éramos contra ou achávamos perigoso para a democracia", comenta Amélia. "Da primeira vez foram 17 mil cartas para o Congresso, e 4 mil eram da Camde. (...) Esta casa ficou aberta noite e dia (...) todo mundo vinha e enchia as mesas. E faziam cartas do próprio punho, como queriam, assinado e tudo. Outra vez já foram 52 mil cartas, e havia de Minas também. Eram cartas de protesto."<sup>49</sup>

As mulheres da Camde se valeram de eficientes táticas em seu trabalho de mobilização da opinião pública. Uma delas era o envio de telegramas, visando alertar as

---

<sup>47</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 47.

<sup>48</sup> D. Amélia Molina Bastos ou como e onde marcha a Camde. Entrevista concedida a Stella M. Senra Pollanah. *In Livro de cabeceira da mulher.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Vol. 5, 1967. p. 161.

<sup>49</sup> *Idem.*

mulheres do Brasil inteiro acerca da ameaça do comunismo. Amélia explica que pedia o endereço de pessoas conhecidas que tivessem parentes nos vários Estados.<sup>50</sup> Do mesmo modo a Camde enviou cartas para senhoras, distribuiu cartas na porta das estações de rádio, assim como livros, folhetos e outros materiais de propaganda. Os livros e panfletos distribuídos eram redigidos em termos bastante acessíveis e procuravam mostrar o "valor da democracia".<sup>51</sup> Um exemplo era o livreto intitulado *Duas vidas*, de autoria de André Gama, que consistia em uma história em quadrinhos que relatava, "em branco, a vida do democrata e, em vermelho, a vida do comunista." Este tipo de "literatura doutrinária" foi difundido por todo o país, com a colaboração de companhias de caminhão ou de aviação, juntamente com uma proclamação "lembrando os acontecimentos trágicos de 1935 [e que também] conclamava as mulheres a trabalhar no sentido de alertar conhecidos, amigos e parentes sobre as táticas demagógicas de Moscou."<sup>52</sup>

Outro recurso utilizado foram as transmissões através do rádio, em cadeia nacional, com o mesmo objetivo de falar às mulheres sobre os perigos que o comunismo representaria para suas famílias. A Camde fazia um pedido às ouvintes para que transmitissem o conteúdo do pronunciamento a, pelo menos, cinco outras mulheres.<sup>53</sup>

Além dessas estratégias, as mulheres da Camde e de outras entidades organizaram importantes ações públicas, como a da LIMDE, em Belo Horizonte, em janeiro de 1964, um protesto pela realização do Congresso da CUTAL (Central Única dos Trabalhadores da América Latina). As mulheres organizaram uma "cadeia cívica contra o comunismo" e

---

<sup>50</sup> *Idem.*

<sup>51</sup> *Idem.*

<sup>52</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 58.

<sup>53</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 60

enviaram um recado direto aos organizadores do Congresso: quando o avião que trazia a delegação pousasse em Belo Horizonte, as encontraria deitadas na pista do aeroporto. O Congresso foi transferido para Brasília.<sup>54</sup>

O episódio da expulsão de Brizola da Secretaria de Saúde de Belo Horizonte, em fevereiro de 1964, quando pretendia se apresentar numa concentração em defesa das Reformas de Base, conheceu também grande repercussão. Cerca de 3.000 mulheres invadiram o auditório, ao lado do aguerrido anticomunista padre Caio Alvim de Castro, e, com rosários em punho, impediram o discurso do líder nacionalista. O desdobramento dessa atuação se daria com um certo tumulto. Os "organizadores do evento decidiram ocupar o palco", enquanto as mulheres resistiram, gritando que "um dia eles seriam derrotados por Deus. "A polícia interveio, "inclusive jogando bombas." As mulheres "participaram usando sombrinhas e cadeiras como armas."<sup>55</sup> Tal episódio passou a ser conhecido como "Noite das Cadeiradas" (ver ilustrações na p. 110).

Outro exemplo da promissora aliança entre as mulheres e os setores conservadores da Igreja Católica foi a organização da Concentração do Rosário em Família, que constituiu uma espécie de embrião das Marchas da Família com Deus pela Liberdade. A Cruzada do Rosário foi arquitetada pelo padre irlandês Patrick Peyton e, lançada nos Estados Unidos em 1945, percorreu diversas cidades do mundo, como Londres, Sydney e Washington. As principais capitais do Brasil assistiram a essa manifestação, que, sob o *slogan* "A Família que Reza Unida Permanece Unida", pretendia difundir o rosário como a grande arma na luta contra o comunismo, "a mais poderosa alavanca que eleva o

---

<sup>54</sup> A fibra da mulher mineira. *Estado de Minas*, 26 jan. 1964. p. 10.

<sup>55</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 77.

mundo do deprimente materialismo em que se encontra". Em 1962, no Rio de Janeiro, a Cruzada reuniu, segundo estimativas otimistas dos organizadores, cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas.<sup>56</sup>

A marcha do dia dois de abril representava, pois, para aquelas mulheres, o seu momento triunfal. As "marchadeiras", como ficaram posteriormente conhecidas de modo pejorativo, "foram insistentemente aclamadas por generais, políticos e jornalistas como a vanguarda de todo o movimento que, pretendiam eles, teria desencadeado o golpe militar".<sup>57</sup> O general Mourão Filho chegou mesmo a afirmar que "ele, como todos os homens que participaram da revolução, nada mais fez do que executar aquilo que as mulheres pregavam nas ruas contra o comunismo".<sup>58</sup>

Precedidas por duas senhoras, que carregavam uma imensa reprodução de um rosário,<sup>59</sup> as mais de 600 integrantes<sup>60</sup> da Camde percorreram o trajeto da marcha distribuindo fitinhas verde-amarelas entre os participantes e cantando hinos religiosos e canções como *Cidade Maravilhosa*. Algumas carregavam faixas e cartazes onde se liam mensagens como: "Trabalhador, só na democracia poderás escolher a tua religião", "Exército com Deus" e ainda interpelações jocosas do tipo: "Vermelho bom, só batom" ou "Com foguetes foram à lua, conosco viram estrelas", numa referência à primeira viagem espacial feita pela ex-URSS.

Engrossavam o contingente da associação carioca várias delegações de grupos femininos de outros estados - duzentas

---

<sup>56</sup> Padre Peyton e a Cruzada do Rosário. *Revista Família Cristã*, jul. 1964. Paginação não disponível.

<sup>57</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 96.

<sup>58</sup> *Idem.* p. 107.

<sup>59</sup> Marcha da Família durou quatro horas. *Correio da Manhã*, 3 abr. 1964. p. 1.

<sup>60</sup> Marcha da Família empolga todos os setores da população. *O Globo*, 25 mar. 1964. Recorte de jornal do Arquivo da Camde. Paginação não disponível.

senhoras paulistas traziam a bandeira utilizada na primeira Marcha da Família, além de uma mensagem de seu governador, da qual se destaca a frase: "O povo brasileiro não tem vocação para escravo e esta terra jamais será senzala."<sup>61</sup>

Estiveram presentes também as esposas de governadores de estados, entre elas Letícia Lacerda e Leonor de Barros, esposas dos governadores da Guanabara e de São Paulo, aguerridos opositores do governo Goulart, além da esposa do ex-presidente JK, Sara Kubitschek.

Em meio à confusão de guarda-chuvas, cartazes e bandeiras nacionais - mais de 500 delas haviam sido confeccionadas para a manifestação - e dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, destacavam-se eminentes figuras dos meios políticos e da alta oficialidade militar, como os deputados Amaral Peixoto e o general Olímpio Mourão Filho. A presença maciça de religiosos foi outro fator notável da passeata. Apesar de a CNBB não ter dado apoio oficial às Marchas, o desfile contou com a participação de importantes entidades e lideranças de sua ala conservadora, como o monsenhor Bessa - representando o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime de Barros Câmara, que se encontrava doente, além dos padres Patrick Peyton e Caio Alvim de Castro, estes com larga experiência no tocante à arregimentação popular através da manipulação de bens simbólicos ligados à religiosidade.

Mas os católicos não foram os únicos a expressar a sua fé religiosa por meio da Marcha da Família. Entre padres e freiras, que carregavam uma enorme cruz verde-amarela, e senhoras portando estandartes com a inscrição "com este sinal [da cruz] venceremos", marchavam, pastores, espíritas, rabinos e umbandistas. Foi, aliás, com o objetivo de "universalizar" seu apelo ideológico que aquela

---

<sup>61</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 111. Grifos da autora.



que foi originalmente idealizada como "Marcha em Desagravo ao Rosário" transformara-se em "Marcha da Família com Deus pela Liberdade".

Quando os primeiros manifestantes cruzaram a esquina das avenidas Rio Branco e Almirante Barroso, avistaram o Clube Naval com suas janelas repletas de bandeiras nacionais. Logo pôde-se ouvir, aqui e ali, vivas à Marinha, que se seguiram de homenagens ao Almirante Tamandaré e outros heróis consagrados. Algumas pessoas cantaram o "Cisne Branco".<sup>62</sup>

Por ali passariam ainda grupos de escolas e faculdades como da Universidade Católica, do Colégio e Universidade Santa Úrsula, da Universidade do Estado da Guanabara e Universidade do Brasil,<sup>63</sup> estes também portando cartazes e faixas, com mensagens como: "Verde e amarelo, sem foice e sem martelo" ou "Estudantes autênticos saúdam a UNE desejando-lhe felicidade nas profundezas do inferno".

Por volta das 17h30min o cortejo aproximava-se da Esplanada do Castelo, onde uma concentração com discursos e orações finalizaria a Marcha.

A Praça Barão do Rio Branco estava absolutamente tomada pela multidão (ver ilustrações na p. 125). Nas escadarias do prédio do Ministério da Fazenda e do Jôquei Clube em construção, os manifestantes disputavam espaço com os jornalistas, buscando uma melhor visibilidade do palanque que foi montado em frente ao monumento a Rio Branco.

Enquanto os primeiros oradores preparavam-se para iniciar o comício, os expectadores, da praça, acenavam-lhes com lenços brancos, proferindo palavras de ordem como: "Um,

---

<sup>62</sup> Marcha da Família durou quatro horas. *Correio da Manhã*, 3 abr.1964. p. 1.

<sup>63</sup> Mais de 800 mil pessoas na Marcha da Vitória. *O Globo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

dois, três, Brizola no xadrez".

O primeiro a discursar foi o general Milton O'Reilly de Souza, em nome dos espíritas, que advertiu os presentes a permanecerem em alerta: "porque esta marcha que hoje encetamos apenas começou e o inimigo continua em nossas portas".<sup>64</sup> Depois falou a senhora Dala Paes Leme, pela "Comissão de Divulgação da Imagem de Iemanjá", representando as mulheres umbandistas em seu "repúdio ao totalitarismo".<sup>65</sup>

Tal encenação poderia causar alguma estranheza a um expectador menos avisado. A imagem da Virgem Maria, que foi carregada durante toda a manifestação e transportada ao palanque, convivendo harmonicamente com representações de entidades da umbanda e do candomblé. Para o senhor Fernando Lewisnk, da comunidade judaica, era fácil compreender tamanha confraternização. Em seu discurso ele lembraria que "nos tempos dos seus antepassados, seu povo, inspirado nos salmos de Davi, como os cristãos de hoje, pregava que no fim haveria um só rebanho e um só pastor",<sup>66</sup> acrescentando ainda que "o dia chegará em que todos juntos servirão a um Deus uno e formarão uma Humanidade unida e feliz".<sup>67</sup> Em seguida, discursaram representantes dos evangélicos e da Igreja Romana Ortodoxa.

Às 18h, seria a vez do monsenhor Bessa, que, após a oração da Ave Maria, transmitiu aos manifestantes uma mensagem de dom Jaime, com os dizeres: "(...) com esta marcha, Senhor, que é a 'Marcha da Família com Deus', nós

---

<sup>64</sup> Três pontos culminantes da concentração de ontem no Rio. *O Estado de S. Paulo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>65</sup> *Idem*.

<sup>66</sup> Mais de 800 mil pessoas na Marcha da Vitória. *O Globo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>67</sup> Três pontos culminantes da concentração de ontem no Rio. *O Estado de S. Paulo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

queremos dizer que repudiamos o ateísmo e o materialismo sob todas as formas".<sup>68</sup> O padre Caio Alvim de Castro saudou os cariocas em nome do povo mineiro e "fez um apelo à união de todos os cristãos para o combate a novas tentativas de comunização que surgirem no Brasil".<sup>69</sup>

Durante cerca de duas horas, tempo aproximado de duração do comício, tomariam a palavra outros religiosos, representantes de associações de operários, militares e políticos. O ponto alto da concentração se deu com as apresentações do general Olímpio Mourão Filho, que disse, com a mão direita levantada, no gesto de "V" da vitória: "somos o povo que libertamos";<sup>70</sup> da senhora Letícia Lacerda e do marechal Eurico Gaspar Dutra, que, em lágrimas, recusou-se a discursar, ao tempo em que era demoradamente aplaudido.

Causou algum estardalhaço a chegada triunfal de Carlos Lacerda à Esplanada. Descendo ao local da concentração de helicóptero, o governador da Guanabara não se conteve e também chorou de emoção, cercado de populares.<sup>71</sup>

Um discurso de Amélia Molina Bastos finalizou a "Marcha da Vitória". Seu conteúdo é significativo por abarcar boa parte das questões através das quais se estruturou o imaginário da crise do pré-64 e que acabaram por constituir uma narrativa legitimadora da intervenção militar que teria surgido:

contra os que tramavam o aniquilamento das instituições democráticas; ameaçavam as nossas crenças e nos conduziam pelo despenhadeiro do **amoralismo** político, do **caos**

---

<sup>68</sup> *Idem.*

<sup>69</sup> Mais de 800 mil pessoas na Marcha da Vitória. *O Globo*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>70</sup> Brasil nas ruas: viver só com Deus e a liberdade. *Diário de Notícias*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>71</sup> As fotografias da "Marcha" dizem tudo! *O Dia*, 3 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

econômico e financeiro, da desordem social, da **indisciplina** nas escolas e nas fábricas, nos campos e nos quartéis para o abismo do **comunismo brutal, ateu e antibrasileiro**.<sup>72</sup>

Passos apressados seguiram por direções várias, encerrado o evento. Não é difícil imaginar as confusões, burburinhos e atropelos do retorno à casa de um número tão expressivo de pessoas. Alguns poderiam ter aproveitado a ocasião de se encontrar no centro da cidade para uma visita a seus cafés, cinemas, e teatros. Outros teriam ocorrido à Estação Central para tomar os trens de volta aos subúrbios, uma vez que era noite e o dia seguinte era de trabalho. Também as senhoras das delegações advindas de outras cidades estariam, extasiadas, à procura de suas conduções para uma viagem um pouco mais longa. Haveria ainda aqueles que procurariam, apreensivos, se inteirarem das novidades do noticiário.

É possível que o término da Marcha ocorrida no Rio de Janeiro não tenha se dado exatamente desta forma. Contudo, mais importante que alcançar um retrato que se espera fiel da Marcha, é compreender que aquelas pessoas realizaram, de acordo com os saberes compartilhados em sociedade, uma leitura própria do acontecimento. Tal leitura, assim influenciada, também fomentaria as imagens e representações formuladas em torno do golpe de 1964. Deste modo, por mais "universalizantes" que pudessem ser as mensagens evocadas, elas não estiveram imunes a interpretações diversas. Há grandes diferenças na maneira pela qual os vários grupos sociais interagem com os diversos fenômenos, inclusive no modo como recebem e interpretam qualquer propaganda.<sup>73</sup> Assim, se em relação às mulheres- tendo em mente a diferenciação entre a pequena parcela que exerceu posições

---

<sup>72</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 110. Grifos da autora.

<sup>73</sup> FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo*. Rio de Janeiro: Editora da

de liderança dentro das associações e a grande massa feminina que compunha o movimento- se pode afirmar que foram valores religiosos ou morais que as puseram em marcha numa adesão pública a um golpe de Estado, pode-se dizer também dos militares que questões como indisciplina e quebra da hierarquia nas três armas foram decisivas para o seu posicionamento favorável à ruptura institucional.<sup>74</sup>

Para que discursos como estes, que buscam a legitimação de uma ordem política, encontrem ressonância no corpo social, é preciso que estejam ancorados em imagens e signos compartilhados por essa mesma sociedade. "É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de um modo especial o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo."<sup>75</sup> Para Baczko,

O imaginário social *informa* acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita à adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum.<sup>76</sup>

Segundo o mesmo autor, "os símbolos só se tornam eficazes quando se assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm uma tendência a desaparecer da vida coletiva, ou então, a serem reduzidos a funções

---

Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 17.

<sup>74</sup> Em entrevistas realizadas por Soares e D'Araújo foram apontados pelos militares como principais razões para o golpe, em primeiro lugar, caos, desordem e instabilidade, seguidos pelo "perigo comunista". Em terceiro lugar, encontra-se a crise hierárquica militar. In D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio. (Orgs.). *Vinte e um anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p. 23.

<sup>75</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 10.

<sup>76</sup> BACKZO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 311. Grifo do autor.

puramente decorativas."<sup>77</sup>

No início dos anos 1960, as imagens valorizadoras do ideário "ocidental e cristão" foram se re-constituindo e se difundindo, especialmente através de certos grupos ou instituições que se mostravam, em diferentes graus e segundo interesses também diversos, cada vez mais preocupados com o "perigo comunista", que se lhes afigurava mais próximo desde a Revolução Cubana, em 1959, e a opção por um governo socialista naquele país, que se deu ano de 1961. Em tempos de Guerra Fria, a posse do nacionalista João Goulart<sup>78</sup> na Presidência, neste mesmo ano, foi recebida com grande alarmismo. A partir daquele momento o país viveria uma das fases de mais agudo anticomunismo na história do século XX. Várias representações acerca da iminência e da ameaça do regime comunista sobre o país foram re-formuladas desde então. Seja por sua importância nos rumos que conduziram a 1964, ou por sua participação, direta ou indireta, na realização das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, serão aqui analisadas as atuações do grupo de empresários denominado Ipês e de alguns segmentos da Igreja Católica que se destacaram por fazerem do anticomunismo o esteio de seus discursos.

### **O Ipês**

A câmera sobrevoa o Rio de Janeiro, num rasante sobre as praias de Ipanema e São Conrado; o olhar arguto do cineasta procura ressaltar, por todos os ângulos, a estonteante beleza da paisagem, num caminho que vai até as ondas do mar. O foco se detém sobre a praia, na imagem de uma criança empinando uma pipa. A música sugere singeleza e

---

<sup>77</sup> BACKZO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 325.

<sup>78</sup> Uma análise mais detida sobre o governo de João Goulart será feita ainda neste capítulo.

tranqüilidade, e uma voz imponente anuncia: "A terra em tal maneira é graciosa que dela emanam as esperanças, um futuro de abundância, alegria e luz."<sup>79</sup> O olhar se volta mais uma vez para o céu, acompanhando a trajetória da pipa. Num segundo, negras nuvens ameaçadoras encobrem a visão. O cenário pede outras notas, e estas inspiram medo, apreensão e suspense. Em meio à escuridão, a imaginação viaja e logo estamos diante de multidões a assistir um discurso brandido pelo revolucionário cubano Fidel Castro. Sucedem-se cenas de tanques invadindo cidades, cenas de devastação sobre cidades, e, antecedida pela voz que se confunde com a música, a figura de Adolph Hitler e seu exército, com novas multidões a ouvi-lo, quando se impõe sobre a tela uma suástica. De volta, negras, as nuvens. A locução profetiza:

Não há Fidel Castro sem Batista que o preceda. A verdade é que se queremos evitar a "fidéis" é preciso impedir que as injustiças e o caos criem um clima favorável à sua gestação.(...) E nós, para onde estamos sendo conduzidos? O Brasil vive momentos difíceis, as manifestações populares tornam-se cada vez mais agressivas. A inquietação atinge os meios rurais. Os demagogos agitam a opinião pública enquanto a inflação desenfreada anula os melhores esforços dos brasileiros. Sobre a crise econômica e social desenvolve-se uma crise política. O governo está indeciso. Para onde irá o regime híbrido? Vencerão as instituições democráticas no entrelaço das ambições desenfreadas? Da crise ao caos, o país pode ser arrastado a uma crise inconciliável. Que estamos fazendo nós, para impedir que se coloque diante do povo brasileiro a trágica opção entre soluções anti-democráticas?<sup>80</sup>

A narrativa acima é parte integrante do filme *O que é o Ipês*, produzido pela associação homônima entre os anos de 1962-64. Fundado em novembro de 1961, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais reunia em seus quadros membros das elites empresariais que "defendiam (...) uma ordem

<sup>79</sup> Arquivo Nacional. Coordenação de Documentos Audiovisuais e Cartográficos. Seção de Documentos Sonoros e de Imagens em Movimento. Catálogo de Filmes do Ipês - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. *O que é o Ipês*. Q1./Fil. 010.

<sup>80</sup> *O que é o Ipês*. Q1/Fil. 010.

econômica favorável à abertura ao capital estrangeiro",<sup>81</sup> algumas das altas patentes militares, especialmente aquele setor ligado à Escola Superior de Guerra, um estrato considerável do conservadorismo político, além de importantes representações do clero tradicional.

Segundo apresentava a película, a organização tinha uma finalidade básica: "evitar que a difícil situação que o país atravessa venha a comprometer nossas instituições democráticas e cristãs."<sup>82</sup> Inspirada nos princípios da Encíclica *Mater et Magistra* e da *Aliança para o Progresso*, o Ipês declarava como seus objetivos

promover a educação cultural, moral e cívica dos indivíduos, desenvolver e coordenar estudos e atividades de caráter social [e,]por meio de pesquisa objetiva e discussão livre, tirar conclusões e fazer recomendações que irão contribuir para o progresso econômico, o bem-estar social e fortificar o regime democrático do Brasil.<sup>83</sup>

Por detrás da inocente sigla de "instituto de estudos e pesquisas" e amparado por tão nobres objetivos, procurava-se ocultar o que de fato se constituiu num amplo e criterioso trabalho pela desestabilização do Governo Goulart, em defesa de um projeto político-econômico mais adequado às orientações das elites<sup>84</sup> que se desenvolveu em várias frentes. Durante os anos que antecederam o golpe de 1964, o Ipês ampliou sua estrutura e rede de relações ao fundar "filiais" em importantes capitais, organizando palestras e seminários em diversos pontos do país, além de

---

<sup>72</sup> MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. Vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões. *Op. cit.* p. 128.

<sup>73</sup> *O que é o Ipês*. QL/Fil. 010.

<sup>83</sup> DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. *Op. cit.* p. 164.

<sup>84</sup> "Este projeto de reordenação capitalista 'implicava, basicamente, a adoção de um modelo capitalista associado e fortemente industrializante, com uma economia centrada sobretudo em um alto grau de concentração de propriedade na indústria e fortemente integrado ao sistema bancário'." Cf. MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p. 128.



arquitetar um poderoso esquema de propaganda, que ia da distribuição de livros e folhetos até a transmissão de um programa semanal de debates, chamado "Peço a Palavra", pelo Canal 2, na TV Cultura de São Paulo,<sup>85</sup> além dos filmes realizados especialmente para o cinema.

Os recursos para atividades de tamanha envergadura provinham de cerca de "300 empresas americanas e outras centenas de origens diversas".<sup>86</sup>

Os livros produzidos pelo Ipês, cerca de 300 mil exemplares, somados a cerca de 2,5 milhões de folhetos, eram distribuídos em fábricas, empresas e agremiações estudantis. Alguns dos títulos, editados por terceiros, eram apenas repassados ao público leitor, como *Une, instrumento de subversão*, de autoria de Sonia Seganfredo e os clássicos *1984* e *A revolução dos bichos*, de George Orwell. Outros eram publicados ou mesmo editados pelo próprio grupo, como é o caso de *O presidencialismo que nos convém*, de Gabriel Lacerda e Carlos Henrique Fróes, *Reforma de base*, formulado pelo Grupo de Estudos do Ipês, *Reforma constitucional*, de C.J. de Assis Ribeiro, e *Reforma tributária*, de Mario Henrique Simonsen, todos datados de 1963. Entre as edições do Ipês encontram-se: *Declaração de princípios- IPÊS*, *Estatutos do IPÊS*, *Métodos de trabalho do IPÊS* e *O que é o IPÊS*.<sup>87</sup> A organização possuía ainda uma revista mensal destinada aos empresários, que era distribuída gratuitamente.<sup>88</sup> Além disso, o Ipês prestava apoio a gráficas e pequenas editoras, tudo para que a propaganda pudesse alcançar a maior abrangência possível.

---

<sup>85</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 28.

<sup>86</sup> MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p 129.

<sup>78</sup> *Idem.*

<sup>87</sup> Arquivo Nacional. Seção de Documentos Particulares. Arquivos do Ipês (1961-1964). Caixa 22. Pacote 3. Sem data.

<sup>88</sup> STARLING, Heloísa. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o Golpe de 64*. Petrópolis:Voices, 1986. p. 67.

A relação com estes e outros setores da sociedade não se esgotou na mera distribuição de material de propaganda. O Ipês forneceu apoio logístico e operacional à criação de grupos que funcionaram como células do instituto no trabalho de congregar adeptos, disseminar o ideário anticomunista e realizar ações públicas sem que o nome da organização fosse divulgado. Assim se deu com a constituição da ADP (Ação Democrática Parlamentar), bloco de oposição às iniciativas reformistas no Congresso Nacional,<sup>89</sup> que foi de fundamental importância nas eleições parlamentares de 1962, quando os partidos conservadores conquistaram a maioria das cadeiras. Assim também se deu com a criação da Camde, em que estiveram presentes, entre outros ipesianos, uma das figuras mais atuantes do grupo, Glycon de Paiva.

Outra importante atividade do Ipês foi a montagem de um banco de informações "sobre 400 mil pessoas - acervo que o general Golbery do Couto e Silva levaria consigo para dar o pontapé inicial ao Serviço Nacional de Informações (SNI)",<sup>90</sup> depois de vitorioso o golpe militar, ainda no ano de 1964.

Entre os anos de 1962 e 1964, o Grupo de Opinião Pública do Ipês<sup>91</sup> produziu 14 filmes de duração aproximada de 8 a 10 minutos, todos eles criados pelo repórter fotográfico e cineasta Jean Manzon, colaborador do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) durante a ditadura Vargas.<sup>92</sup> Os temas versavam, em geral, sobre os perigos que pairavam sobre a democracia e a liberdade brasileiras, os problemas sócio-econômicos e políticos por que passava o

---

<sup>89</sup> MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p. 129.

<sup>90</sup> *Idem.*

<sup>91</sup> Para maiores informações sobre a estrutura organizacional e hierárquica do Ipês consultar DREIFUSS, René Armand. *Op. cit.*

<sup>92</sup> LOUZEIRO, José. O Ipês faz cinema e cabeças. In ASSIS, Denise. *Op.*

país, dando também a receita através da qual solucioná-los, extirpando o "inimigo" comunista, responsável por todos os males que afligiam a Nação. As fitas procuravam demonstrar como, optando pela "democracia ocidental e cristã", a sociedade brasileira se tornaria mais rica e equilibrada, sem que instituições como a família e a Igreja Católica fossem ameaçadas. Também bastante freqüentes eram as comparações grosseiras realizadas entre o comunismo e os regimes nazi-fascistas.

O filme *Depende de mim* tem início com a imagem de uma urna onde se depositam cédulas eleitorais. Elaborado provavelmente com vistas a "orientar" a população para o pleito de 1962, a fita procura ressaltar a importância de cada cidadão na manutenção do regime democrático. Ao assistir à Revolta na Hungria em 1956 e à invasão do país pelas tropas soviéticas o espectador é questionado: "Até quando viveremos no Brasil sem conhecer em nossa carne esses atos de violência?"<sup>93</sup> Em seguida são mostradas cenas de trabalhadores no exercício de suas funções, mostrando que o fortalecimento da democracia depende de cada cidadão, independentemente da classe social a que pertence:

De quem depende a liberdade? De quem depende a democracia? De quem depende a segurança dos nossos filhos? De quem depende a vida? A liberdade depende do meu voto. E o meu voto depende da minha consciência. A democracia depende de mim. Tudo depende de mim. É o meu voto que defenderá o Brasil. De mim, o tintureiro, depende a paz social do Brasil dentro dos princípios democráticos. De mim, o sapateiro, do meu voto depende a segurança. De mim, o barbeiro, depende a justiça. De mim, o carpinteiro, depende a liberdade que todos têm de escolher qualquer emprego (...)<sup>94</sup>

Na fita intitulada *Que é a democracia?* o roteirista também se debruça sobre o assunto eleições. Indagando-se

---

*cit.* pp. 31-39.

<sup>93</sup> *Depende de mim*. Ql./Fil. 005.

<sup>94</sup> *Idem*.

sobre o significado do conceito de democracia, são sobrepostas imagens de países massacrados pelos totalitarismos. Imagens da capital alemã coberta por cercas farpadas quando da construção do Muro de Berlim são apresentadas como exemplos da antidemocracia.

Hoje a democracia sofre uma nova ameaça: o comunismo. Os habitantes de Berlim oriental buscam a liberdade, procuram fugir a um regime totalitário, a um regime contrário à democracia.(...)Onde se bloqueia o direito de ir e vir, onde a imprensa é exclusiva propriedade do governo falecem os princípios democráticos. Erguem-se alambrados hostis à liberdade popular.<sup>95</sup>

Em contraposição às idéias de medo e aprisionamento, pouco depois a cena se modifica e o expectador se vê diante da imagem do Rio de Janeiro a partir do alto do Cristo Redentor. O que se procura reforçar é uma certa idéia de Brasil ligada a valores como prosperidade, alegria e conagraçamento:

Brasil, terra da liberdade. Essa luminosidade, essa transparência são essenciais ao homem brasileiro, pois neste ambiente de liberdade o nosso povo construiu as suas cidades e se afirmou como civilização. O sentimento da liberdade brasileira tem a mesma idade das primeiras gerações que nasceram em nossa terra. O povo não recebeu de graça a liberdade, mas o povo a conquistou pouco a pouco.<sup>96</sup>

Outros títulos como *Nordeste, problema Nº 1, História de um maquinista* ou *A boa empresa* têm em comum qualidade e sofisticação. A competência dos produtores, aliada ao trabalho com materiais inovadores para a década de 60, resultou em filmes que se destacam pelo som, por possuírem imagens consideradas ainda hoje de bom nível e, principalmente, pela qualidade dos roteiros, claros, objetivos<sup>97</sup> e acessíveis à maioria da população, muitos dos

---

<sup>95</sup> Q1./Fil. 013.

<sup>96</sup> *Idem*.

<sup>97</sup> LOUZEIRO, J. O Ipês faz cinema e cabeças. In ASSIS, Denise. *Op. cit.*

quais de autoria do escritor Rubem Fonseca.<sup>98</sup> Neles são ressaltados valores como

a cidadania, o trabalho com dignidade, que o operário volte para casa certo de que sua família está a salvo da violência, que seus filhos possam estudar, que as fábricas ofereçam condições dignas de trabalho e as autoridades façam sua parte promovendo os serviços básicos de que uma comunidade necessita, principalmente nas áreas de saúde, transporte e educação.<sup>99</sup>

De acordo com Assis, as fitas produzidas eram espalhadas por todos os cinemas para serem exibidas em sessões regulares ou especiais, a partir de um acordo feito com as empresas distribuidoras e com os exibidores.<sup>100</sup> Chama a atenção o relato da autora sobre os filmes que, em sua infância na pequena cidade mineira de Santos Dumont, assistia na Igreja após a missa das 8h<sup>101</sup> dando conta da enorme capacidade que a propaganda ipesiana possuía de alcançar públicos os mais diversos. As pessoas comuns se reconheciam nos personagens populares. Dessa forma "a informação estimula[va] a imaginação social e os imaginários estimula[vam] a informação, contaminando-os uns aos outros numa amálgama extremamente ativa, através da qual se exerc[ia] o poder simbólico."<sup>102</sup>

E foi através da linguagem direta e de expressivas somas investidas que a organização contribuiu para reacender os imaginários anticomunistas na década de 60. Ainda que valores como a religião e a família estivessem sempre presentes nas mensagens, o tom que prevaleceu esteve mais fortemente ligado a representações acerca do trabalho, do universo político-econômico e das liberdades

---

p. 34.

<sup>98</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.*

<sup>99</sup> *Idem.* p. 35.

<sup>100</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 41.

<sup>101</sup> *Idem.* p. 17.

<sup>102</sup> BACKZO, Bronislaw. *Op. Cit.* p. 314.

individuais.

Quanto à participação efetiva do Ipês nas Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade, não bastassem as estreitas ligações com os grupos femininos e a responsabilidade pela idealização da marcha paulista, os ipesianos estiveram presentes através das entidades que os representavam (ver Anexo II), além dos deputados da ADP (Ação Democrática Parlamentar) como Cunha Bueno, Hebert Levy, Arnaldo Cerdeira, Menezes Cortez, Padre Vidigal, Pedro Aleixo e Eurípedes Cardoso de Menezes, que não só marcharam, mas também marcaram presença como oradores nas manifestações.

É preciso que se tenha cuidado, contudo, com certas interpretações algo mecanicistas. De fato, as articulações do núcleo que congregava o Ipês mostraram-se decisivas em diversos momentos para que o projeto de uma intervenção militar fosse vitorioso, mas elas não constituem condição determinante para que o golpe se efetivasse satisfatoriamente. Nem é possível afirmar que existisse um organismo unificado como pretendem as análises de Dreifuss e Starling. Numa referência ao papel dos militares no golpe, que teria sido subestimado, Maria Celina D'Araújo e Gláucio Soares comentam a disposição - no âmbito da análise histórica de inspiração marxista - de considerar os atores revolucionários e contra-revolucionários como idênticos aos recomendados pelas teorias e que "quaisquer outros atores - cuja desagradável e inesperada presença não pudesse ser negada - teriam de agir a serviço dos atores 'clássicos', sem tirar nem pôr".<sup>103</sup>

As representações que uma sociedade constrói para si não se constituem, em nenhuma medida, em discursos neutros,

---

<sup>103</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio. (Org.). *Vinte e um anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Op. cit. p. 12.

sendo "sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam", do que decorre a necessidade de se relacionar "os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza".<sup>104</sup> Por outro lado, é preciso considerar que as escolhas políticas dos indivíduos não se encontram estritamente ligadas a um critério de classe, eles "não são determinados, e existe uma variação que nos remete a outras realidades de ordem imaterial, ligadas a tradições culturais, a educação".<sup>105</sup> As escolhas políticas fazem parte de uma instância autônoma e, contrariamente ao que se poderia supor, "não há correlação entre o grupo social a que determinados indivíduos pertencem, seu *status* profissional, sua fé ou ausência de fé". Para Réne Remond, tal dado constitui uma evidência de que o "político deve ser estudado separadamente, que não é um simples prolongamento do estudo da composição social, por exemplo".<sup>106</sup>

### **O catolicismo**

A Igreja Católica não se furtara ao intenso debate político vivenciado na década de 1960. De fato, não representa novidade a interferência desta instituição nos grandes momentos de tensão que se apresentaram na vida política brasileira, especialmente no que se refere a seu setor conservador, que tem tradicionalmente estreitas ligações com as elites. Para Aline Coutrot, faz parte da própria constituição das igrejas enquanto "corpos sociais" a difusão de um ensinamento que não se limitará à ordem do sagrado. "Toda a vida elas pregaram uma moral individual e coletiva (...) proferiram julgamentos e interpretações em

---

<sup>104</sup> CHARTIER, Roger. *Op. cit.* p. 17.

<sup>105</sup> RÉMOND, Réne. Por que a política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, pp. 7-20, jan./jun. 1994. p. 16.

<sup>106</sup> *Idem.* p. 16.

relação à sociedade, advertências, interdições, tornando um dever de consciência para os fiéis se submeter a eles."<sup>107</sup>

Contudo, como mostra Souza Lima,<sup>108</sup> somente no final dos anos 1950 e início dos 1960, parte da instituição experimentalista uma reorientação em seu posicionamento perante os conflitos sociais, ao aproximar-se de movimentos que então se constituíam e traziam em seu cerne uma forte conotação reformista. Surgia a chamada "esquerda católica", que unia importantes figuras do clero ao apostolado leigo, representado por grupos como a JUC (Juventude Universitária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), o MEB (Movimento de Educação de Base) e a Ação Popular (AP), um dos mais expressivos desse segmento.

A conjuntura global era em grande medida propícia aos seus anseios por modificações na estrutura social. A "pregação reformista e modernizadora" do papa João XXIII representou uma renovação no seio da Igreja como um todo. O Concílio Vaticano II, em 1962, constituiu um importante avanço da instituição no que toca ao seu envolvimento com os movimentos sociais e políticos. As encíclicas *Mater et Magistra*, de 1961 e *Pacem in Terris*, de 1963, legitimavam "o ecumenismo e acentua[vam] a independência das instituições religiosas em relação aos poderes estabelecidos."<sup>109</sup>

No Brasil, a ruptura que daria origem aos termos "progressistas" e "conservadores"<sup>110</sup> para nomear a nova

---

<sup>107</sup> COUTROT, A. Religião e política. In RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 334.

<sup>108</sup> SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Hipóteses para uma interpretação. *Op. cit.*

<sup>109</sup> MORAES, Denis de. p. 39.

<sup>110</sup> Em seu estudo sobre as identidades católicas em Belo Horizonte nos anos 60, Mata rejeita os conceitos de "progressista" e "conservador" e adota as categorias de identidades inclusivas e excludentes para designar, respectivamente, identidades com maior ou menor permeabilidade a elementos simbólicos provenientes de outras visões de



configuração apresentada pela Igreja Católica, causou enorme impacto àqueles últimos, que viam o "crescimento do 'progressismo' em setores do clero e do laicato (...) como resultado da mais recente ofensiva de Moscou, que pretendia dividir e enfraquecer a Igreja." <sup>111</sup>

De acordo com Botas, a correlação de forças que se apresentava na hierarquia da Igreja Católica no período em questão era constituída por:

- 1- Uma minoria *ultra-reacionária* representada pelos bispos d. SIGAUD e d. CASTRO MAYER, de Diamantina e de Campos, que haviam escrito o livro *Reforma agrária: questão de consciência*.
- 2- Uma maioria *conservadora* representando uma grande parte dos católicos que se congregavam nas Congregações Marianas e na Associação de Educação Católica. O porta-voz dessa tendência era o cardeal BARROS CÂMARA do Rio de Janeiro. Havia se declarado contra o projeto de reforma agrária tal como o governo o elaborara.
- 3- Os *moderados* liderados pelo Cardeal MOTA de São Paulo que apoiavam as reformas de base mas temiam o "perigo comunista" e se opunham à legalização do PCB.
- 4- Uma *ala avançada* liderada por d. Hélder CÂMARA, bispo auxiliar do Rio e secretário da CNBB.<sup>112</sup>

É possível concluir, portanto, que grande parte dos católicos que viriam a se opor ao governo Goulart e, posteriormente, aderiram à intervenção militar, o fizeram, principalmente, motivados pelo anticomunismo, pelo medo de que o "perigo vermelho" viesse a se instalar em terras brasileiras. As representações em torno do comunismo

---

mundo, ao sincretismo. Cf. MATA, Sérgio Ricardo da. *A fortaleza do catolicismo: identidades católicas e política na Belo Horizonte dos anos 60*. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG. Belo Horizonte, 1996. p. 145.

<sup>111</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 24.

<sup>112</sup> BOTAS, Paulo César Loureiro. *A benção de abril*. "Brasil, Urgente": memória e engajamento católico, 1963-64. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 17. Maiúsculas no original.

elaboradas no meio católico estavam ligadas a temores como o fim da família, a permissividade sexual e moral, a desagregação de todos os valores cristãos e ocidentais, e com isso o fim da própria instituição católica. Figuras proeminentes do clero se envolveram na propaganda anticomunista, como os citados na esquematização acima, a começar pelo bispo de Diamantina, d. Geraldo de Proença Sigaud, d. Antônio Castro Mayer, bispo de Campos, d. Jaime de Barros Câmara, bispo do Rio de Janeiro e, entre outros, o padre Caio de Castro, secretário de d. Sigaud, que liderou a expulsão de Brizola da Secretaria de Saúde em Belo Horizonte, onde tentava realizar um comício, episódio anteriormente mencionado, que ficou conhecido como a "Noite das Cadeiradas".

O aparato a serviço da Igreja era vasto e ia desde programas de rádio, como *A voz do pastor*, do qual participavam figuras da alta hierarquia católica, até a edição de jornais como *Por um Mundo Melhor*, órgão pertencente ao *Movimento Por um Mundo Cristão*, que em Minas Gerais constituiu-se em um dos mais influentes instrumentos de combate ao "comunismo ateu".

Em fevereiro de 1964, D. Jaime afirmou em seu programa a posição da Igreja de "combate sem descanso ao comunismo materialista, inimigo de Deus e das liberdades", e fez um apelo aos seus ouvintes para que não se deixassem "envolver pela astúcia e audácia dos vermelhos", referindo-se às "atitudes oficiais mascaradas de falso progressismo".<sup>113</sup> D. Jaime ainda aludiu às cartas que recebeu, não apenas de católicos, como também de entidades cujo credo religioso ele próprio desconhecia. "Por exemplo, a União Cívica Feminina, da cidade de Santos, que assim se exprime:

---

<sup>113</sup> D. Jaime: "É ingenuidade não acreditar no perigo comunista". *O Globo*, 15 fev. 1964. Paginação não disponível.

Temos acompanhado, com o mais vivo interesse, a ação das autoridades católicas no que diz respeito à infiltração comunista no País. Se, por vezes, desanimamos com as declarações de elementos da Igreja que, por ingenuidade ou má orientação, fazem o serviço dos extremistas, por outro lado, regozijamos quando vemos que as figuras mais representativas do clero brasileiro, entre os quais V. Revma., vêm, de público, sincera e corajosamente, alertar a consciência do povo e, especialmente dos católicos, para problema tão momentoso. Seria desejável e, para tanto, pedimos vênias, ao fazermos tal sugestão, que em todas as dioceses do país, sem exceção, fossem os fiéis chamados à realidade, através da pregação nesse sentido, permitindo, assim, um levantamento moral contra a destruição que se programa, da Igreja de Cristo."<sup>114</sup>

Para a realização da *Cruzada do Rosário em Família*<sup>115</sup> na capital mineira, em 1963, foi elaborado um vasto esquema de propaganda no qual foram utilizados farto material impresso, filmes, além de transmissões de TV de famílias rezando o terço, das quais participou inclusive a família do próprio governador Magalhães Pinto.<sup>116</sup> A utilização do rosário, ligada à história da aparição Virgem de Fátima às três crianças portuguesas, e seu pedido para que rezassem o rosário todos os dias, fizera dele um dos elementos mais importantes do imaginário católico. O ano da aparição da Virgem, 1917, data da Revolução Russa, e sua menção de que a Rússia seria convertida, aliada à "revelação dos três segredos", "deram ocasião aos anticomunistas de apresentar a imagem como símbolo da luta contra os revolucionários."

117

Outra importante arma a serviço da pregação

---

<sup>114</sup> *Idem.*

<sup>115</sup> Ver p. 14.

<sup>116</sup> MATA, Sérgio Ricardo da. *Op. cit.* p. 157.

<sup>117</sup> O rosário foi utilizado em outros momentos da história da Igreja, quando se tornou necessário mobilizar os crentes na luta contra os "inimigos" da religião. Ele esteve presente, por exemplo, nas campanhas contra os "heréticos" albigenses e depois contra os turcos (Lepanto). O rosário simbolizava a mobilização da Igreja contra o infiel e esta tradição foi recuperada, por meio da referência a Nossa Senhora de Fátima, para a luta contra os comunistas, os "turcos" do século XX. In MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *Op. cit.* p. 100.

anticomunista foi a criação, em 1961, da ALEF (Aliança Eleitoral pela Família), que tinha por objetivo primeiro indicar aos fiéis os candidatos cujos projetos estivessem em consonância com as posturas defendidas pela Igreja. Fazia parte de sua plataforma o "combate ao divórcio e à corrupção, [a] defesa dos privilégios católicos consagrados na Constituição, [e a] defesa das escolas católicas", como também "o combate ao comunismo, à favelização, [a] defesa da propriedade, [a] ampliação do crédito agrícola", além de um programa alternativo de reforma agrária, que pudesse gerar "um aumento no número de pequenos proprietários."<sup>118</sup> Em Minas Gerais, durante as eleições de 1962 para o legislativo, foram divulgadas listas com cerca de 241 candidatos que incluíam nomes como "Benedito Valadares, Gustavo Capanema, José Maria Alkimin, Pedro Aleixo, Rondon Pacheco, Tancredo de Almeida Neves, Francelino Pereira dos Santos, Aureliano Chaves e outros".<sup>119</sup>

A participação da Igreja Católica nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, se deu nos níveis de planejamento, organização e presença. Na Marcha do Rio de Janeiro, por exemplo, das oito pessoas a discursarem, cinco eram religiosos.<sup>120</sup> Também de extrema relevância foi a maciça presença de importantes entidades católicas, como a Federação das Congregações Marianas e a Confederação Católica.<sup>121</sup> Apenas a Ação Católica, órgão ligado às correntes progressistas, enviou nota oficial à imprensa repudiando a utilização da fé em ato político.<sup>122</sup>

A CNBB, apesar de não ter dado apoio oficial às

---

<sup>118</sup> MATA, Sérgio Ricardo da. *Op. cit.* p. 151.

<sup>119</sup> STARLING, Heloísa. *Op. cit.* p. 221.

<sup>120</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 100.

<sup>121</sup> Este dado pode ser comprovado através da observação dos anexos I e II.

<sup>122</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 101.

Marchas, como foi anteriormente citado, assim se expressou em relação à intervenção militar:

De uma à outra extremidade da Pátria transborda dos corações o mesmo sentimento de gratidão a Deus, pelo êxito incruento de uma revolução armada. Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos Militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertarem-na do abismo iminente.<sup>123</sup>

Outro dado importante diz respeito à circunscrição em que se deram as manifestações. Pelo menos as marchas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte tiveram seus limites demarcados entre suas catedrais e monumentos históricos. Tal fato poderia sugerir uma aliança entre o clero e o governo que viria a se impor. Mas, a princípio, é apenas uma demonstração do enorme peso de parte da Igreja Católica em seu apoio ao golpe de Estado.

### O Governo João Goulart

De "político ardiloso e sensato"<sup>124</sup> a um "inepto";<sup>125</sup> "jogador de xadrez esquivo, que antecipava a jogada até dez lances antes",<sup>126</sup> sempre "cauteloso e desconfiado";<sup>127</sup> um "político hábil",<sup>128</sup> ou talvez, apenas "humilde",<sup>129</sup> "um dos mais despreparados e primitivos governantes da história nacional".<sup>130</sup>

Todas estas são adjetivações de cronistas, jornalistas e historiadores que se debruçaram na tentativa de desvendar

---

<sup>123</sup> DECLARAÇÃO DA CNBB SOBRE A SITUAÇÃO NACIONAL, COMISSÃO CENTRAL DA CNBB, MAIO, 1964. IN SOUZA LIMA, LUIZ GONZAGA DE. *Op. cit.* p. 146.

<sup>124</sup> DINES, Alberto. Debaixo dos deuses. In DINES, Alberto *et alli.* *Os idos de março e a queda em abril.* Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964. p. 311.

<sup>125</sup> CALLADO, Antonio. In DINES, Alberto *et alli.* *Op. cit.* p. 256.

<sup>126</sup> DINES, Alberto. *Op. cit.* p. 315.

<sup>127</sup> STARLING, Heloísa. *Op. cit.* p. 24.

<sup>128</sup> DINES, Alberto. *Op. cit.* p. 320.

<sup>129</sup> CALLADO, Antonio. *Op. cit.* p. 249.

<sup>130</sup> GASPARI, Elio. *Op. cit.* p. 46.

a personalidade e as tramas políticas do homem que governou o país naqueles anos tensos que antecederam a implantação do regime militar de 1964. Se misteriosa figura ou destituído de qualquer complexidade, João Belchior Marques Goulart chegou a ser comparado, pelo escritor Antonio Callado, ao personagem shakespeariano Hamlet, obsedado pela angústia entre "o que era e o que deveria ser",<sup>131</sup> perseguido pelo "fantasma" do pai político, Getúlio Vargas, que o transferira da província de São Borja, nos pampas gaúchos, para a arena política nacional, quando eleito para a Presidência da República, em 1950, e o fizera ministro do Trabalho de seu governo, em 1953. Presidente nacional do PTB, João Goulart, o Jango, foi eleito por duas vezes vice-presidente da República, segundo um imperativo da Constituição de 1946, pelo qual a escolha do presidente e de seu vice se efetuavam separadamente. Pela primeira vez figurou no governo JK; já em 1961, elegeu-se juntamente com Jânio Quadros, cujo governo caracterizou-se pelo que teve de conturbado e efêmero: após sete meses de administração, uma fracassada tentativa de golpe, arquitetada pelo próprio Jânio, o afastaria da chefia do Executivo. A entrega de seu cargo consistia em nada mais do que uma desesperada manobra política. Pressionado por uma conjuntura de crise e com minoria no Congresso, Jânio pretendia, com a renúncia, conquistar maiores poderes.

Jânio confiava que o nome do vice-presidente seria prontamente rechaçado pelos grupos conservadores: a elite empresarial, políticos, militares. Jango encontrava-se, a mando do presidente, em visita oficial à China comunista, como parte do programa de política externa independente do governo. Para muitos, o envio de Goulart, naquele momento, a um país "comunista" teria sido mais uma das articulações

---

<sup>131</sup> CALLADO, Antonio. *Op. cit.* p. 256.

de Jânio com vistas à sua permanência no poder. Sua herança populista e suas ligações com os sindicatos faziam com que fosse tido, por determinados grupos, por "esquerdista". E esta viagem certamente reforçaria esta imagem.<sup>132</sup> Enfim, o presidente esperava a recusa parlamentar à sua renúncia e o retorno ao poder "nos braços do povo". Mas, ao contrário do que imaginava, Jânio não seria reconduzido à Presidência. Sua renúncia foi prontamente aceita, e até mesmo suas lideranças no Congresso se recusaram a apoiá-lo. Desencadeava-se uma crise sucessória.

Os ministros militares, com o apoio da UDN (tendo na linha de frente o governador da Guanabara, Carlos Lacerda), exerceram forte oposição à subida de João Goulart à Presidência. Segundo Labaki, a renúncia haveria dado significativa contribuição para o sentimento, entre a corporação, de que os civis se mostravam incapazes de solucionar a crise e que era preciso, por isso, uma intervenção que viesse a "arrumar a casa", reestruturando e moralizando a política do país.<sup>133</sup> Tais setores tentaram a aprovação no Congresso Nacional de uma emenda que impediria a posse de Goulart. No dia 30 de março de 1961, os militares lançaram um "Manifesto à Nação":

No cumprimento de seu dever constitucional de responsáveis pela manutenção da ordem, da lei e das próprias instituições democráticas, as Forças Armadas do Brasil, através da palavra autorizada dos seus ministros, manifestam a Sua Excelência, o Sr. Presidente da República, como já foi amplamente divulgado, a absoluta inconveniência, na atual situação, do regresso ao País do Vice-Presidente, Sr. João Goulart. (...)Ora, no quadro de grave tensão internacional, em que vive dramaticamente o mundo dos nossos dias, com a comprovada intervenção do comunismo internacional na vida das nações democráticas e, sobretudo, nas mais fracas, avultam, à luz meridiana, os tremendos perigos a que se acha exposto o Brasil. (...)Na presidência da República, em regime que atribui ampla

---

<sup>132</sup> LABAKI, Amir. 1961: *a crise da renúncia e a solução parlamentarista*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 45.

<sup>133</sup> LABAKI, Amir. *Op. cit.* p. 140.

autoridade de poder pessoal ao Chefe da Nação, o Sr. João Goulart constituir-se-á, sem dúvida, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam ver o País mergulhado no caos, na anarquia, na luta civil. As próprias Forças Armadas, infiltradas e domesticadas, transformar-se-iam, como tem acontecido noutros países, em simples milícias comunistas.<sup>134</sup>

Em contrapartida, a resistência organizada por Leonel Brizola, através da "Campanha da Legalidade", ia ganhando adeptos em todo o país. O governador do Rio Grande do Sul articulou, dentro do Palácio Piratini, uma cadeia de 150 emissoras de Rádio, chamada "Rede da Legalidade",<sup>135</sup> pela qual, desde que teve notícias da renúncia de Jânio Quadros, transmitia à população pronunciamentos como este:

Porque nós não nos submeteremos a nenhum golpe, a nenhuma resolução arbitrária. Não pretendemos nos submeter. Que nos esmaguem! Que nos destruam! Que nos chacinem, neste Palácio! Chacinado estará o Brasil com a imposição de uma ditadura contra a vontade de seu povo. Esta rádio será silenciada tanto aqui como nos transmissores. O certo porém é que não será silenciada sem balas. Tanto aqui como nos transmissores estamos guardados por fortes contingentes da Brigada Militar. (...)Muita atenção, meus conterrâneos, para esta comunicação. Ontem à noite o Sr. Ministro da Guerra, Marechal Odílio Denys, soldado no fim de sua carreira, com mais de 70 anos de idade, e que está adotando decisões das mais graves, as mais desatinadas, declarou através do "Repórter Esso" que não concorda com a posse do Sr. João Goulart, que não concorda que o Presidente constitucional do Brasil exerça suas funções legais! Porque, diz ele numa argumentação pueril e inaceitável, isso significa uma opção entre comunismo ou não.<sup>136</sup>

Em diversos pontos do país foram organizadas

---

<sup>134</sup> Manifesto dos Militares (30 ago. 1961). In *Textos políticos da História do Brasil*, de Paulo Bonavides e Roberto Amaral. Vol. 7. Terceira República, 2ª parte (1956-1964): <http://www.cebela.org.br>

<sup>135</sup> "O êxito da 'Rede da Legalidade' (...) fez do rádio o principal instrumento de comunicação de Leonel Brizola com as massas. Mais tarde, Brizola conquistaria (...) horário cativo na Rádio Mayrink Veiga." MORAES, Dênis de. *A esquerda e o Golpe de 64: vinte e cinco anos depois*, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões. *Op. cit.* p. 140.

<sup>136</sup> Exortação de Leonel Brizola pelas emissoras de rádio da "Cadeia da Legalidade" (28 ago. 1961). In *Textos políticos da História do Brasil*, de Paulo Bonavides e Roberto Amaral.vol. 7. Terceira República, 2ª parte (1956-1964): <http://www.cebela.org.br>



manifestações de protesto contra os militares e pela posse de Jango. Estudantes e trabalhadores decretaram greve nacional. O apoio da opinião pública foi fundamental para que a legalidade fosse garantida.<sup>137</sup> O Congresso vetou a aspiração militar e assegurou a posse de João Goulart na Presidência.

Mas, em contrapartida à vitória nacionalista, uma solução paliativa foi articulada pelas forças conservadoras. O vice-presidente teve, sim, garantida sua posse, mas sob o regime parlamentarista. Foi a forma encontrada pelos adversários de Goulart de conter, em parte, seu poder ameaçador. O Congresso aprovou tal emenda, que também incluía a realização de um plebiscito, que devia se realizar 90 dias antes do encerramento do mandato de Jango, no qual a população optaria pela manutenção ou não do sistema político em vigor.

Desde que assumiu o posto de chefe de Estado, Goulart iniciou uma campanha pelo retorno ao presidencialismo, o que pode ser observado através de um trecho do seu discurso de posse:

Cumpre-nos, agora, mandatários do povo, fiéis ao preceito básico de que todo o poder dele emana, devolver a palavra e a decisão à vontade popular, (*Palmas prolongadas*) que nos manda e que nos julga, para que ela própria dê seu *referendum* supremo às decisões políticas que em seu nome estamos solenemente assumindo neste instante.<sup>138</sup>

Não seria difícil para o presidente encontrar apoio parlamentar para tais articulações. Para muitos dos setores conservadores que já vislumbravam a sucessão presidencial em 1965, era de todo o interesse o retorno ao regime que devolvia plenos poderes ao chefe do Executivo. Por essa

---

<sup>137</sup> LABAKI, Amir. *Op. cit.*

<sup>138</sup> Discurso de João Goulart perante o Congresso Nacional, ao assumir a Presidência da República. (7 set. 1961). *In Textos políticos da História do Brasil*, de Paulo Bonavides e Roberto Amaral. Vol.7.

mesma razão, os grupos de esquerda comprometidos com as reformas sociais uniram-se ao presidente, dado o fato de que o sistema parlamentarista representava um entrave à sua plena efetivação.

Foi sob o signo da conciliação que se estruturou o governo João Goulart. "Pode-se dizer que o presidente tentava usar as forças antagônicas, mantendo-as em contraste permanente, para equilibrar-se sobre elas. Era um governo de trapézio",<sup>139</sup> que oscilava entre um maior comprometimento com as demandas da esquerda e as tentativas de tranqüilizar o temor dos conservadores, garantindo que seus direitos de propriedade e canais institucionais de decisão política fossem respeitados.<sup>140</sup>

Após a primeira vitória do governo, com a antecipação do plebiscito para 6 de janeiro de 1963, quando cerca de 80% da população votou pelo presidencialismo, sucederam-se crises políticas cada vez mais importantes, ameaçando o tênue equilíbrio governamental. Os últimos anos haviam sido marcados por diversas crises político-institucionais, por uma frenética troca de ministros e por uma forte desestruturação econômica. Além disso verificaram-se altas inflacionárias então inéditas no século XX - em 1962 a inflação atingira o índice de 52% - e intensas convulsões sociais, em grande parte decorrentes do significativo aumento da população urbana que crescia em "ritmo vertiginoso desde o fim do governo JK [e] exigia a retomada dos investimentos em infra-estrutura."<sup>141</sup>

Foi também durante o mandato de Goulart que se

---

Terceira República, 2ª parte (1956-1964): <http://www.cebela.or.br>

<sup>139</sup> FRANCIS, Paulo. Tempos de Goulart. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, maio, 1966.p.83. Apud MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p. 112.

<sup>140</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. Op. Cit.* p. 71.

<sup>141</sup> MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p. 112.

verificou um considerável crescimento e amadurecimento da mobilização popular, especialmente da camponesa, em torno de projetos políticos. "A política começava a deixar de ser privilégio do governo e do Parlamento para alcançar, de forma intensa, a fábrica, o campo, o quartel e as ruas." <sup>142</sup>

Acirravam-se as tensões políticas e pressões sobre o governo, com o aumento das greves e de reivindicações pela execução das reformas de base por parte de grupos que desempenharam importante papel na garantia da legalidade constitucional em 1961, e que passavam a identificar as propostas do presidente com meros exercícios de retórica. Num outro espectro situava-se uma classe média amedrontada com a contínua perda de poder aquisitivo e com as ditas tendências "esquerdizantes" do presidente, tão alardeadas pelas forças conservadoras,<sup>143</sup> e um empresariado cada vez mais descontente, que ansiavam medidas que pudessem conter o avanço das forças populares e dar um novo equilíbrio ao quadro econômico.

Urgia uma tomada de posição, ou o governo caminharia, em pouco tempo, para o isolamento político. E Jango até tentou fazer concessões às elites, ao conter as reivindicações salariais e lançar o Plano Trienal, elaborado pelos ministros do Planejamento, Celso Furtado, e

---

<sup>142</sup> TOLEDO, Caio Navarro de. A democracia populista golpeada. In TOLEDO, Caio Navarro de. (Org.) 1964: *visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

<sup>143</sup> Já no final da década de cinqüenta, parte do empresariado dava mostras de insatisfação em relação à crescente mobilização e politização das camadas populares. Quando Jango tomou posse, esse setor ficou alarmado em decorrência de sua conhecida atuação no governo Vargas, no Ministério do Trabalho, sempre lembrada pelo anúncio do aumento de 100% do salário mínimo. Essa era uma das razões da antipatia das elites à figura do novo presidente. As correntes antipopulistas o viam com herdeiro político de Vargas, o "chefe do peronismo brasileiro", ele representava a "corrupção desenfreada", e a destruição da "ordem capitalista". Suas visitas à China e à URSS lhe renderam a imagem de "claramente esquerdista, tanto no plano externo quanto interno." STARLING, Heloísa. *Os senhores das Gerais: os novos*

da Fazenda, San Tiago Dantas. Em síntese, as medidas previstas pelo plano compreendiam limitações de crédito, cortes nos gastos públicos, cortes nos subsídios, fim das subvenções e contenção salarial.<sup>144</sup> A tentativa era de "compatibilizar o combate ao surto inflacionário com uma política de desenvolvimento que permitisse ao país retomar as taxas de crescimento do final dos anos 50."<sup>145</sup>

Porém, apenas um semestre após o seu lançamento, já era possível perceber suas conseqüências: uma grande perda salarial para a classe trabalhadora, que resultou em protestos por parte dos sindicatos, como de outras organizações nacionalistas e de esquerda. As elites, que começavam a sentir os resultados dessas pressões, passaram a desferir suas primeiras e duras críticas. Na área econômica, nem queda da inflação, tampouco crescimento.<sup>146</sup> Na sociedade crescia o universo de descontentes.

Os grupos conservadores,<sup>147</sup> que havia alguns anos denunciavam a iminência do "perigo comunista", perceberam a necessidade de intensificar sua campanha de oposição ao governo e de arregimentação da opinião pública. Esses grupos acreditavam que a ameaça resultava de três crises: de autoridade, moral e administrativa, e que o presidente era impotente em relação a tais crises, fato que interessava aos ditos comunistas em sua tomada de poder - o enfraquecimento das instituições, a subversão da ordem. Os opositores do governo Jango utilizaram-se de várias referências simbólicas para caracterizar o "inimigo comunista", como a alusão aos símbolos católicos, relacionando o comunismo à sombra, às trevas, ao medo e ao

---

*inconfidentes e o Golpe de 64. Op. cit. p. 42.*

<sup>144</sup> MORAES, Dênis de. *Op. cit. p. 114.*

<sup>145</sup> TOLEDO, Caio Navarro de. *Op. cit. p. 34.*

<sup>146</sup> *Idem. p. 35.*

<sup>147</sup> Estamos aqui nos referindo a grupos já citados no início de nosso

terror, dizendo-o capaz de destruir os três pilares da sociedade livre: *Deus, Pátria, Família*.

Acreditavam numa infiltração comunista no governo, bem como nas Forças Armadas, nos partidos, sindicatos e organizações estudantis, responsável pelas mobilizações populares. Jango estaria interessado em promover um golpe de tendência esquerdista e transformar o Brasil numa "República Sindicalista".<sup>148</sup>

Em fins de 1963, outro fato viria enfraquecer o edifício governamental, que já ameaçava ruir. No dia 4 de outubro, sob a justificativa de reação às críticas feitas por Carlos Lacerda a uma jornal americano, na qual comparava o governo Goulart "a um veículo que vai montanha abaixo sem freios", acusava o presidente de ser "um caudilho com todos os recursos dos tempos modernos" e afirmava "estar convencido de que o único motivo por que Goulart ainda está na Presidência é porque os militares (...) ainda debat[iam] se é melhor tutelá-lo, patrociná-lo, pô-lo sob controle até o fim de seu mandato (janeiro de 1966), ou alijá-lo imediatamente",<sup>149</sup> o Executivo encaminhara ao Congresso o pedido de decretação de Estado de Sítio. Outros fatores comporiam o quadro no qual o Governo ancorava sua solicitação de poderes excepcionais: a "grave comoção intestina com caráter de guerra civil", como a "indisciplina nas PMS estaduais e 'sublevação de graduados e soldados(...) freqüentes reivindicações salariais agravando a crise político-social'". E, "por fim, apontava-se o fato de existirem governadores de importantes

---

trabalho.

<sup>148</sup> STARLING, Heloísa. *Op. cit.* p. 80.

<sup>149</sup> Entrevista do governador Carlos Lacerda ao jornal *Los Angeles Times* (outubro de 1963). In em *Textos políticos da História do Brasil*, de Paulo Bonavides e Roberto Amaral. Vol.7. Terceira República, 2ª parte (1956-1964): <http://www.cebela.org.br>

estados 'conspirando contra a nação' ".<sup>150</sup>

Antes, porém, de encaminhar o pedido de decretação de Estado de Sítio, o presidente, "numa misteriosa reunião noturna no Palácio das Laranjeiras",<sup>151</sup> solicitou ao Corpo de Pára-Quedistas a prisão do governador da Guanabara. Essa estranha manobra política de Goulart seria malograda, de início pela indecisão dos oficiais pára-quedistas, que acabaram por descumprir a ordem advinda do Palácio, e, em seguida, pelo Congresso, onde parlamentares de esquerda e direita repeliram indistintamente sua investida. As preocupações acerca das aspirações continuístas do presidente se veriam reforçadas após esse episódio. De um lado, os liberais perscrutavam um golpe semelhante ao arquitetado por Vargas em 1937; de outro, as esquerdas temiam uma escalada de repressão sobre os movimentos populares.<sup>152</sup> Ganhava força a versão de que o presidente pretendia fechar o cerco contra os estados da Guanabara, de Pernambuco e de São Paulo.

Após essas duas fragorosas derrotas, não restou ao presidente outra alternativa se não a de buscar apoio entre as forças reformistas e nacionalistas. No início do ano de 1964, o governo deu uma "guinada à esquerda" e empunhou, com entusiasmo, a bandeira das reformas de base. O primeiro comício pelas reformas, organizado pelo CGT, e com total apoio do governo, já estava marcado. A data: 13 de março, uma sexta-feira.

### **O comício**

As forças governistas esperavam daquela noite de sexta-feira 13 a difícil tarefa de unir suas bases de

---

<sup>150</sup> TOLEDO, Caio Navarro de. *Op. cit.* p. 37.

<sup>151</sup> CASTELLO BRANCO, Carlos. Da conspiração à revolução. *In* DINES, Alberto *et alli.* *Op. cit.* p. 283.

<sup>152</sup> TOLEDO, Caio Navarro de. *Op. cit.* p. 37.

apoio, que se chocavam mais violentamente a cada dia. As especulações em torno da presença do líder nacionalista Leonel Brizola no comício, que já rompera relações com o cunhado João Goulart, era um dos assuntos mais debatidos nos jornais. Havia ainda rumores apregoados por certos segmentos que possuíam expectativas mais abrangentes em relação ao desfecho do comício: falava-se em guerra civil, golpe, revolução.<sup>153</sup>

Os jornais matinais exibiam, em anúncio de 4 colunas, a figura sem rosto de um camponês, enxada à mão, com os dizeres: "Você deve estar presente ao Comício das Reformas" (ver ilustração p. 110).<sup>154</sup>

Por volta das 17h30min, horário marcado para o início da manifestação, os arredores da Central do Brasil e do Ministério da Guerra já estavam ocupados por cerca de 50 mil pessoas, número que chegou, de acordo com a revista *O Cruzeiro*, a "provavelmente 200 mil pessoas (ver ilustrações nas pp. 112-113). O maior comício da História da República."<sup>155</sup>

Alguns *slogans* visíveis no comício mostram a atmosfera de tensão política da manifestação:

Defenderemos as reformas à bala.  
 Jango, assine a reforma agrária que nós cuidaremos do resto.  
 Tudo de petróleo para a Petrobrás.  
 Reformas ou Revolução.

No mesmo palanque em que, 27 anos antes, Getúlio Vargas anunciara o Estado Novo,<sup>156</sup> Jango aguardava tomar a palavra. Ao seu lado, vestida de azul, a bela primeira-

<sup>153</sup> O comício. *Correio da Manhã*, 13 mar. 1964. p. 6.

<sup>154</sup> FIGUEIREDO, Wilson. A Margem Esquerda. In DINES, Alberto *et alli*. *Os idos de março e a queda em abril*. *Op. cit.* p. 196.

<sup>155</sup> Jango, o dono da praça. *O Cruzeiro*, 4 abr. 1964. Paginação não disponível.

<sup>156</sup> NETO, Araújo. *Op. cit.* p. 36.

dama, Maria Teresa, em sua primeira aparição pública. Antes que pudesse discursar, 15 oradores se apresentaram, entre eles o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, o presidente da UNE, José Serra, Lindolfo Silva, presidente da Confederação dos Trabalhadores Rurais e também Leonel Brizola. A presença do ministro da Justiça, Abelardo Jurema, bem como dos ministros militares, entre eles o ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro, possuía importante significado, era uma clara tentativa de demonstração do comprometimento das Forças Armadas com a legalidade. Para muitos dos militares antijanguistas que acompanhavam os acontecimentos, tal apoio adquiria ares de envolvimento das Armas com um golpe antidemocrático.<sup>157</sup>

Durante o Comício, a exortação que mais se ouvia era: *Manda brasa, presidente!* "A expressão da gíria carioca parecia ter sido inventada para ele. Ainda a caminho do comício um seu ajudante de ordens tinha dito:

- Getúlio fez a Petrobrás e a Eletrobrás. O senhor hoje vai inaugurar a Mandabrás."<sup>158</sup>

E Jango "mandou brasa":

A democracia, trabalhadores, que eles pretendem impingir-nos é a democracia do antipovo, da anti-reforma, do anti-sindicato... É a dos privilégios, da intolerância, do ódio, para liquidar com a Petrobrás, dos monopólios nacionais e internacionais, a democracia que levou Getúlio Vargas ao extremo sacrifício. (...) Não receio ser chamado de subversivo por proclamar a necessidade da revisão da atual Constituição da República (...) É antiquada porque legaliza uma estrutura econômica já superada, injusta e desumana.<sup>159</sup>

Ainda durante o discurso o presidente anunciou a assinatura da desapropriação das áreas rurais com mais de cem hectares localizadas nas margens das rodovias e

---

<sup>157</sup> DULLES, Jonh W. F. *Castelo Branco: o caminho para a presidência*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. p. 308.

<sup>158</sup> CALLADO, Antonio. *Op. cit.* p. 251.

<sup>159</sup> CALLADO, Antonio. *Op. cit.* p. 252.



ferrovias e do decreto de encampação de todas as refinarias de petróleo.<sup>160</sup> "Quando todos esperavam (...) somente pelo decreto da Supra, Jango detonou a bomba da encampação das refinarias."<sup>161</sup> Era o grande momento da noite.

O sucesso do comício superou até as expectativas mais otimistas e surpreendeu a primeira-dama, que após as oito horas e quarenta e cinco minutos de duração do evento, declarou: "O comício foi maravilhoso, Jango esteve maravilhoso, o povo é maravilhoso." (ver ilustração p.113)

162

Enquanto Jango selava o compromisso definitivo com as reformas, cada família da Zona Sul da cidade respondia à convocação de se acender uma vela pelo afastamento do país das aspirações comunizantes. Mulheres de São Paulo se reuniram e rezaram o terço na Sé. Posteriormente, parte da imprensa contribuiria também para o desgaste ideológico do comício: o jornal *O Estado de São Paulo* dispensou uma página inteira à publicação de fotografias de comícios em praça pública de Hitler, Mussolini, Perón e Fidel Castro sob o título de "O comício totalitário".<sup>163</sup>

A resposta do presidente a esses ataques viria como crítica aos que "exploram os sentimentos cristãos do povo na mistificação de um anticomunismo" e na declaração de que "os rosários não podem ser levantados contra a vontade do povo e suas aspirações mais legítimas." Foi o bastante para que seus adversários se organizassem numa ação definitiva. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade seria um movimento de desagravo ao rosário insultado por João Goulart. Na verdade, as mulheres da Camde (Campanha da

---

<sup>160</sup> Reforma da Constituição. *Correio da Manhã*, 14 mar. 1964. Paginação não disponível.

<sup>161</sup> NETO, Araújo. *Op. cit.* p. 41.

<sup>162</sup> NETO, Araújo. *Op. cit.* p. 34.

<sup>163</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 92.

Mulher pela Democracia), associação feminina da Guanabara, chegaram mesmo a distorcer suas palavras, afirmando ter ele dito que "os terços e a macumba da Zona Sul não teriam poder sobre ele."<sup>164</sup>

As diferentes versões acerca da *arquitetura* das Marchas da Família com Deus pela Liberdade convergem ao delegar à irmã Ana de Lurdes (Lucília Batista Pereira, neta de Rui Barbosa) a idéia do Movimento de Desagravo ao Rosário, que, como já dissemos, deu origem às Marchas. Tal iniciativa foi compartilhada com o deputado Cunha Bueno, que, indignado com o discurso proferido por Goulart na Central do Brasil em 13 de março, procurou a irmã, e recebida a sugestão, partiu naquela mesma noite para os preparativos da Marcha paulista. A data da manifestação foi também escolhida segundo as diretrizes da irmã: 19 de março, dia de São José, padroeiro da família e da Igreja Universal.<sup>165</sup>

A Marcha teria início com uma concentração na Praça da República e percorreria as ruas Barão de Itapetininga, Praça Ramos de Azevedo, Viaduto do Chá, Praça do Patriarca, Rua Direita e, finalmente, Praça da Sé. Seus organizadores aguardavam um número de manifestantes que pudesse, ainda que por uma pequena margem, superar o comparecimento ao Comício da Central. Ao meio-dia daquela quinta-feira, já se podia observar um pequeno movimento em torno da Praça da República. Pessoas se juntaram ao redor de "um homem que anda[va] de lado para outro. 'Cristo disse: o bem com o bem se paga', fala[va] em tom de tribuna(...)" Ainda não era a Marcha. "Mas os primeiros participantes [iam] chegando e, como t[inham] de esperar até às 16 horas para a

---

<sup>164</sup> *Idem.* p. 93.

<sup>165</sup> *Idem.* p. 94.

concentração, fica[vam] por ali."<sup>166</sup>

Até aquele momento não se podia prever que cerca de 500 mil pessoas congestionariam as ruas da capital paulista em manifestação pública pela derrubada do presidente (ver ilustrações pp.113-116). Senhoras com rosários em punho rezavam para que se afastasse do país o "perigo comunista." A multidão seguia num coro: "Tá chegando a hora de Jango ir embora." Carregavam faixas e cartazes com mensagens anticomunistas e contra o governo, algumas delas lembravam: "Trinta e dois mais trinta é dois igual a sessenta e quatro", numa referência à Revolução Constitucionalista.<sup>167</sup> Também no sentido de homenagem à Revolução, duzentos ex-combatentes de 32 abriram as fileiras da Marcha, numa "trincheira democrática", que seguiu ao som de *Paris Belford*, que foi consagrado o seu hino da Revolução.<sup>168</sup>

A passeata foi promovida por cerca de oitenta entidades, que se autodenominavam "organizações democráticas", sediadas no Estado de São Paulo.<sup>169</sup> Mais de 300 municípios no interior enviaram delegações femininas à manifestação,<sup>170</sup> que contou também com a adesão das esposas dos governadores de São Paulo, da Bahia, do Paraná, do Rio Grande do Sul e da Guanabara.<sup>171</sup> Para a ocasião foi lançado um manifesto que continha os princípios pelos quais se estava indo às ruas:

O povo não admite que entidades subversivas sejam

---

<sup>166</sup> DUARTE, Eurilo. *Op. cit.* p. 132.

<sup>167</sup> Os organizadores das Marchas, em diversos pontos do país, procuraram lançar mão das especificidades culturais dos locais em que estas se realizavam. Tal aspecto será abordado no próximo capítulo.

<sup>168</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 106.

<sup>169</sup> Delegação feminina de Minas na concentração de hoje em São Paulo. *Estado de Minas*, 18 mar. 1964. p. 2.

<sup>170</sup> Defesa da Legalidade, da Liberdade e da Fé. *Estado de Minas*, 18 mar. 1964. p. 8.

<sup>171</sup> Delegação feminina de Minas na concentração de hoje em São Paulo. *Estado de Minas*, 18 mar. 1964. p. 2.

patrocinadas pelos homens públicos que juraram defender a Constituição. O povo não aceita que comícios com lideranças comunistas sejam protegidos pelas Forças Armadas. O povo repudia a mensagem presidencial ao Congresso, que ameaça a Constituição e o Congresso Nacional. O povo se levanta em defesa de sua fé cristã, menosprezada pelo próprio Presidente da República, com sua referência ao rosário que simboliza a fé católica. O povo se une em defesa da legalidade, da liberdade e da fé. O povo defenderá com a própria vida o progresso da democracia que conquistou, e não permitirá o regresso da ditadura. O povo esmagará pela união cívica de todos os brasileiros a subversão que ameaça seu progresso. Eles vão realizar este progresso dentro da ordem e da lei, repudiando subserviências, assim como doutrinas estrangeiras. Para edificar a democracia brasileira baseada no civismo, e torná-la sempre mais autêntica, mais justa e mais próspera, o povo apoiará todas as medidas legais capazes de acelerar o processo de seu desenvolvimento social, econômico e cultural. Marcharemos com Deus, pela Liberdade.<sup>172</sup>

A Marcha paulista contou com a presença de vários ilustres, dentre eles, postado em suas primeiras fileiras, estava o "folclórico governador Adhemar de Barros, trocando momentaneamente seu estilo cínico e debochado (...) pela postura compungida de sacristão improvisado."<sup>173</sup>

Diante da Igreja da Sé (ver ilustração p. 118) discursaram, entre outras personalidades, o senador Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, os deputados Plínio Salgado e Conceição da Costa Neves e o senador padre Benedito Mário Calansas, que demonstrou obstinada oposição às propostas reformistas do governo Goulart:

Hoje é o dia de São José, padroeiro da Família, o nosso padroeiro. Fidel Castro é o padroeiro de Brizola. É o padroeiro dos comunistas. Nós somos o povo. Não somos do comício da Guanabara. Aqui estão mais de 500 mil pessoas para dizer ao presidente da República que o Brasil quer a democracia e não o tiranismo vermelho. Aqui está a resposta ao plebiscito da Guanabara: não! não! e não!<sup>174</sup>

---

<sup>172</sup> Povo paulista fará passeata contra o comunismo. *O Estado de Minas*, 18 mar. 1964. p. 2.

<sup>173</sup> MORAES, João Quartim de. O colapso da resistência militar ao Golpe de 64. In TOLEDO, Caio Navarro *Op. cit.* p. 129.

<sup>174</sup> Paulistas nas ruas dizem não ao comunismo. *O Cruzeiro*, 11 abr. 1964. Paginação não disponível.

Chegado de automóvel, do Rio de Janeiro, uma figura assistia à parte da Marcha paulista, sem se deixar mostrar. Ao seu término, afirmaria: "São Paulo começa a salvar o Brasil."<sup>175</sup> Era Carlos Lacerda, o "bem sucedido derrubador de presidentes",<sup>176</sup> que tinha autêntica vocação para conspirador.

Entretanto, nem o presidente, nem as esquerdas, se preocupavam, àquela altura, com a importância política da manifestação paulista. Confiante em seu "dispositivo militar" e no apoio popular, Goulart, juntamente com os dirigentes sindicais, preparava a realização de outros comícios grandioso, em todo o Brasil, nos moldes do ocorrido no dia 13. A agenda compreendia, um no dia 3 de abril, em Santos; outro, dia 10, em Santo André; dia 11 haveria mais um em Salvador e, no dia 17 seria a vez de Ribeirão Preto. Para o dia 19, aniversário do nascimento de Vargas, previa-se uma comemoração especial em Belo Horizonte. Em Brasília, a concentração se realizaria no dia 21, aniversário da cidade. "O 1º de maio seria o teste decisivo de Goulart em São Paulo. A programação terminava no Anhangabaú." <sup>177</sup>

Enquanto isso, as cidades de Araraquara, Limeira, Presidente Prudente, Assis e Santos organizavam suas Marchas da Família.<sup>178</sup>

Nos dias que se seguiram, dois episódios desincompatibilizariam de maneira decisiva o governo e as Forças Armadas. No dia 25 de março, o ministro da Marinha, Silvio Mota, deu ordens de prisão a 40 marinheiros e cabos que insistiam, contra sua determinação, em comemorar o 2º

---

<sup>175</sup> DUARTE, Eurilo. *Op. cit.* p. 134.

<sup>176</sup> NETO, Araújo. *Op. cit.* p. 24.

<sup>177</sup> FIGUEIREDO, Wilson. *Op. cit.* p. 225.

<sup>178</sup> *Idem.* p. 222.

aniversário da Associação dos Marinheiros, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, localizado na Rua Ana Néri, no bairro de São Cristóvão.<sup>179</sup> Os marinheiros, liderados pelo cabo José Anselmo, exigiam a revogação das penas e se amotinaram no Palácio do Aço.

O ministro mantivera-se firme em sua decisão de punir os marinheiros mas, no dia seguinte, após receber a notícia de que o choque de fuzileiros que havia sido enviado para prender os amotinados aderira à rebelião, e já minado em suas energias, enviou um pedido de demissão ao Palácio das Laranjeiras,<sup>180</sup> de onde Jango havia se retirado para desfrutar com a família alguns dias de descanso e tranqüilidade durante o feriado da Semana Santa numa de suas fazendas em São Borja. Os rebelados, assistidos pelo CGT, permaneciam amotinados. Na Sexta-Feira Santa, dia 27 de março, o presidente, interrompendo seu retiro, retornou ao Rio de Janeiro e nomeou o almirante reservista Paulo Mário da Cunha Rodrigues, de conhecidas ligações com o PCB,<sup>181</sup> para o cargo de ministro da Marinha. Em seguida, deu ordens para a libertação e anistia dos marinheiros, que logo tomaram as ruas da cidade em clima de grande euforia. Seguiram pela Avenida Rio Branco, de mãos dadas, em direção à Candelária, onde avistaram, nos arredores do Ministério da Guerra, o almirante Cândido Aragão. O "Almirante do Povo", ou "Almirante Vermelho", foi carregado nos ombros pelos marinheiros, aos gritos de "Viva Jango, Viva Aragão", no caminho que os levou à Associação, onde comemoraram a vitória.<sup>182</sup>

O episódio se afigurou de extrema relevância para os militares. Haviam sido feridos os princípios de hierarquia

---

<sup>179</sup> CALLADO, Antonio. *Op. cit.* p. 263.

<sup>180</sup> FIGUEIREDO, Wilson. *Op. cit.* p. 228.

<sup>181</sup> GASPARI, Elio. *Op. cit.* p. 50.

<sup>182</sup> FIGUEIREDO, Wilson. *Op. cit.* p. 230.

e disciplina, valores caros para as corporações militares. A iminência de uma grave crise militar levou os oficiais a se reunirem, no sábado, em assembléia permanente no Clube Naval. De lá não sairiam enquanto o presidente não punisse os responsáveis pela rebelião,<sup>183</sup> que foi chamada de "Motim da Páscoa", pela imprensa francesa.<sup>184</sup> Os jornais daquele domingo reproduziram o manifesto expedido pela oficialidade da Marinha:

O grave acontecimento que ora envolve a Marinha de Guerra, ferindo-a na sua estrutura, abalando a disciplina, não pode ser situado apenas no setor naval. É um acontecimento de repercussão nas Forças Armadas e a ele o Exército e a Aeronáutica não podem ficar indiferentes. Caracteriza-se, claramente, a infiltração de agentes da subversão na estrutura das Forças Armadas. O perigo que isto representa para as instituições e para o Brasil não pode ser subestimado.<sup>185</sup>

Quando Jango decidiu, no dia 30 de março, comparecer a uma reunião da Associação dos Suboficiais e Sargentos da PM da Guanabara, realizada no Automóvel Clube, que também comemorava seu aniversário e pretendia homenageá-lo, estava, conscientemente ou não, acendendo o estopim para a ação do núcleo conspiratório que reunia importantes membros dos círculos militares e expressivas lideranças civis e que, desde que eclodira a crise na Marinha, ia acumulando adesões de oficiais inclusive com histórico e formação legalista, como o general Humberto de Alencar Castelo Branco.

O presidente chegou ao local acompanhado de sete ministros, entre eles os três militares.<sup>186</sup> No auditório,

---

<sup>183</sup> DINES, Alberto. *Op. cit.* p. 330.

<sup>184</sup> FIGUEIREDO, Wilson. *Op. cit.* p. 233.

<sup>185</sup> Manifesto do Clube Naval (mar. 1964). *In Textos políticos da História do Brasil*, de Paulo Bonavides e Roberto Amaral. Vol. 7. Terceira República, 2ª parte (1956-1964): <http://www.cebela.org.br>

<sup>186</sup> Nessa cena, o ministro da Guerra era o general Genaro Bontempo, que ocupava a pasta interinamente, pois o titular, Jair Dantas Ribeiro, estava hospitalizado. *In GASPARI, Elio. Op. cit.* p. 62.

superlotado de cabos e sargentos, já se haviam proferido algo em torno de vinte discursos.<sup>187</sup> Jango trazia o seu consigo. Era um discurso escrito a várias mãos, escolhido entre tantos que lhe apresentaram naquele dia. Dele, os oficiais esperavam uma reprimenda aos recentes acontecimentos de insubordinação nas Forças Armadas.<sup>188</sup> Dele, a população, presa aos rádios e TVs noite adentro, esperava uma definição. Era esta sua última chance de conciliação com as três armas e com os segmentos políticos que lhe desferiam críticas sem cessar nos últimos dias. E todos acabaram por se surpreender. Num discurso de improviso Jango solidarizou-se com as reivindicações dos policiais e elogiou os sargentos.<sup>189</sup> O seu habitual tom de moderação foi substituído por violentos ataques às forças antagonistas:

Para compreender o esquema de atuação desses grupos que tentam impedir o progresso do País e barrar a ampliação das conquistas populares, basta observar que são comandados pelos eternos inimigos da democracia, pelos defensores dos golpes de estado e dos regimes de emergência ou de exceção. (...)Vimos, de repente, os políticos que mais pregaram o ódio neste País estenderem a mão para os políticos mais corruptos da história brasileira e juntos terem o cinismo de falar em nome dos sentimentos católicos do povo. (...)Com fé em Deus e confiança no povo, quero afirmar, claramente, nesta noite, na hora em que, em nome da disciplina, se estão praticando as maiores indisciplinas, que não admitirei que a desordem seja promovida em nome da ordem; não admitirei que o conflito entre irmãos seja pregado e que, em nome de um anti-reformismo impatriótico, se chegue a conclamar as forças da reação para se armarem contra o povo e contra os trabalhadores; não permitirei que a religião de meus pais, a minha religião e a de meus filhos, seja usada como instrumento político de ocasião, por aqueles que ignoram o seu sentido verdadeiro e pisoteiam o segundo mandamento da lei de Deus. O meu mandato, conferido pelo povo e reafirmado pelo povo numa segunda vez, será exercido em toda a sua plenitude, em nome do povo e na defesa dos interesses populares. Enganam-se redondamente aqueles que imaginam que as forças da reação

---

<sup>187</sup> *Idem.*

<sup>188</sup> Insubordinação na tropa foi o estopim. Caderno Especial: 30 anos depois. *Folha de S. Paulo*, 27 mar. 1994. p. B-5.

<sup>189</sup> *Idem.*



serão capazes de destruir o mandato que não é meu, o mandato que é do povo brasileiro.<sup>190</sup>

Segundo versão publicada pelo Conselho Editorial do jornal *Folha de São Paulo*, em 1994, assinada por Jânio de Freitas, o presidente, naquela noite, não se encontrava em estado de plena lucidez. Dois de seus amigos, Samuel Wainer e João Etcheverry, teriam ido ao seu encontro no Palácio das Laranjeiras, no dia 30, para repassarem o discurso e acompanhá-lo até o Automóvel Clube. Ao chegarem, encontraram Jango agastado e relutante "em ir ao encontro de um pessoal que andava exaltadíssimo e vinha tomando atitudes de audácia crescente." Foi então que Samuel Wainer ofereceu a Jango um estimulante, uma das "bolinhas" de que costumava fazer uso regularmente. "O remédio funcionou. Foi um Jango mais que animado que saiu do Laranjeiras para o clube." Ainda no carro, entusiasmado com os efeitos da primeira "bolinha" resolveu valer-se de mais uma. "E Jango, dotado de boa intimidade com os efeitos do whisky, não tinha o menor preparo para a mistura de álcool e bolinha, aliás, duas."<sup>191</sup>

Esta versão poderia ser confirmada pelos relatos de vários cronistas que caracterizaram Jango como irreconhecível naquela noite. Seria a expressão de sua outra face hamletiana? De todo modo, qualquer que tenha sido o enredo, a transmissão de seu discurso através do rádio, no interior de Minas Gerais, daria início a uma outra história.

---

<sup>190</sup> Discurso do presidente João Goulart no Automóvel Club do Brasil (30 mar. 1964.) *In O Rio de Janeiro através dos Jornais - 1888-1969*, de João Marcos Weguelin: <http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj47.htm>.

<sup>191</sup> Na noite de 30 de março, todo o país estava ligado no discurso de Jango no Automóvel Clube. Caderno Especial: 30 anos depois. *Folha de S. Paulo*, 27 mar. 1994. p.B-5.

## CAPÍTULO II: AS MARCHAS DA FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE NAS CAPITAIS E NO INTERIOR DOS ESTADOS

Um olhar, céu  
de passagem, paisagem do  
pensamento, água, tremor,  
recompondo amálgamas de  
sombra e luz com o lastro  
de perspectivas, enfoques,  
e o decoro das cores, a sua  
incrustação até o  
limite do enquadramento  
de cada objeto, elemento,  
movimento.

*Luta, Ronald Polito.*

### **Ao centro da praça<sup>192</sup>**

O jornalista da pequena cidade mineira, distante cerca de 170Km da capital Belo Horizonte, afirmava terem atribuído a Nossa Senhora Aparecida o milagre. Resguardados estavam os princípios da ordem e da democracia no país, afastada a sombra do comunismo. Revestia-se de caráter divino um golpe de Estado perpetrado, dias antes, pelas Forças Armadas. Por esta razão realizava-se a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", em 5 de abril de 1964.

A população de duas paróquias, São Sebastião e São José, situadas em pontos opostos da cidade, partiu em procissão ao encontro do cortejo que se dispunha em suas principais ruas e avenidas, em direção à Igreja Matriz. Todos entoavam hinos religiosos e prestavam louvores à sua padroeira, Nossa Senhora da Piedade. De quando em quando, ouviam-se vivas aos militares ali representados pelo 9º B.I. e por oficiais da Força Aérea.

Do desfile participavam estudantes, integrantes de irmandades religiosas, do clero, políticos, esposas de oficiais, que carregavam consigo a Bandeira Nacional, além

---

<sup>192</sup> O título foi retirado de um verso do poema *O lutador*, de Carlos Drummond de Andrade. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *A palavra mágica*. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.75.

de pessoas de distritos e cidades vizinhas. Um andor com a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi carregado por militares. Figurava, de forma algo peculiar, um carro simbólico onde se representava o mapa de Minas Gerais envolto em um rosário que era seguro por duas mãos postas.

Às portas da Igreja, um número expressivo de pessoas aguardava a chegada da Marcha, que algumas horas depois alcançava a praça, de onde se podia avistar um altar especialmente montado para a bênção do Santíssimo Sacramento. Falava-se na presença de milhares de pessoas, prontas a ouvir os tradicionais discursos que geralmente precedem tais manifestações: o cônego, o deputado, o prefeito. Desta forma, seguindo a praxe, a Marcha teve fim com a execução do hino nacional.<sup>193</sup>

### **Breve intervalo historiográfico**

Recentemente lançado à arena de debates da historiografia sobre a Ditadura Militar,<sup>194</sup> o apoio da sociedade civil ao golpe de 1964 ainda suscita muitas questões e, quiçá, alguma suspeita. A inicial predominância de produções voltadas a uma rigorosa reconstituição factual, ancorada em farta documentação, que constitui o perfil das obras de muitos brasilianistas, bem como sobre a montagem e estrutura do Estado Autoritário e a chamada "ideologia de segurança nacional"<sup>195</sup> e, num momento posterior, de trabalhos acerca da trajetória das esquerdas - da história da resistência ao Regime Autoritário, acompanhada de um caráter natural de denúncia - aliada a

---

<sup>193</sup> Marcha da Família com Deus pela Liberdade. O desfile cívico de domingo. *Cidade de Barbacena*, 12 abr. 1964. p 1.

<sup>194</sup> Cf. FICO, Carlos. Algumas notas sobre Historiografia e História da Ditadura Militar. *Estudos de História*, Franca, vol. 8, n. 1, pp. 69-90.

<sup>4</sup> *Idem*.

problemas como a relativa proximidade temporal e a conseqüente dificuldade de acesso às fontes, relegou tais temas a permanecerem por algum tempo na categoria de "subtema" da história.

O verificado crescimento dos estudos sobre a Ditadura Militar, para além de ampliar o campo das discussões sobre o que se convencionou chamar "retorno" ou "renovação" da História Política, tem contribuído para que trabalhos como este, cujo foco da investigação se concentra na dimensão simbólica do poder político, adquiram, a cada dia, maior importância.

A retomada dos estudos em história política, na esteira das renovações metodológicas operadas pela terceira geração dos *Annales*, ocupa, cada vez mais, significativo espaço no debate historiográfico. Apesar do estatuto de "modismo" com que muitas vezes se caracterizou o grande número de publicações surgidas nesta área, nos últimos anos tem-se verificado um constante esforço de conceitualização<sup>196</sup> de seu campo de atuação e de redimensionamento de suas esferas de influência.

O artigo "A política", de Jacques Julliard,<sup>197</sup> publicado em 1974, em *História: Novas Abordagens*, foi um dos primeiros trabalhos a dar relevo a essa problemática, ao reivindicar a existência de um domínio essencialmente político, que não poderia ser confundido com os dados culturais de uma sociedade, por exemplo, e ao apontar para as novas questões surgidas com o advento dos meios de

---

<sup>196</sup> "O objeto da história conceitual do político é a compreensão da formação e evolução das racionalidades políticas, ou seja, dos sistemas de representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação e encaram seu futuro". ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político (nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, pp. 9-22, 1995.

<sup>197</sup> JULLIARD, Jaques. A política. In LE GOFF, J., NORA, P. (Dir.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp.

comunicação de massa, reavaliando o acontecimento, e "reconduzindo-o" à história. Nesta mesma obra, "O retorno do fato", de Pierre Nora,<sup>198</sup> também acenderia o questionamento sobre a inserção dos fenômenos políticos numa perspectiva estrutural.

Nos anos oitenta, com a organização do "manifesto" *Pour une histoire politique*,<sup>199</sup> por Réne Rémond, estaria selado o compromisso definitivo com a política como uma instância autônoma, e com novos métodos e conceitos para se apreendê-la. A recuperação de temas então caros à história tradicional (condenados na França a um considerável período de oclusão pela geração de Febvre e Bloch), como as instituições, os partidos ou a guerra, revisitados e abordados de forma inovadora, e a conseqüente ampliação das perspectivas de utilização das fontes, são as características principais do livro. Esforço, aliás, que acabou por se realizar em detrimento de aspectos importantes dessa história política "rejuvenescida", quais sejam, as relações entre poder e política em suas manifestações simbólicas, ritualísticas, referentes à identidade, ao mito, que não estão presentes na obra.<sup>200</sup>

De fato, nos anos que se seguiram à publicação de *Por une histoire politique*, o estudo das chamadas "culturas políticas"<sup>201</sup> conheceu um crescimento expressivo,

---

180-196.

<sup>198</sup> NORA, Pierre. O retorno do fato. In LE GOFF, J., NORA, P. (Dirs.) *Op. cit.* pp. 179-193.

<sup>199</sup> RÉMOND, Réne (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>200</sup> Em 1996, ano da primeira edição em português, Carlos Fico chamava atenção para a ausência de referências aos estudos que têm como objeto a dimensão simbólica do poder político, o que, segundo ele, denotava um caráter datado da obra coletiva de Rémond. Cf. FICO, Carlos. Renovação da história/recuperação da política. *Registro. Informativo do CNRH*, Mariana, Ano 4, n. 8, set. 1997/fev. 1998. p. 7.

<sup>201</sup> "(...) conjunto de atitudes, normas, crenças, mais ou menos partilhadas pelos membros de uma determinada unidade social e tendo como objeto os fenômenos políticos". In BOBBIO, Noberto. *Dicionário de*

proporcionado pelo desenvolvimento de inúmeros trabalhos voltados para essa especialidade.<sup>202</sup>

A perspectiva da valorização analítica das relações entre as escolhas políticas dos indivíduos - no presente caso, a opção por aderir a um movimento que buscava a derrubada de um governo legalmente estabelecido e, posteriormente, a uma intervenção militar nas instituições democráticas - e o conjunto de crenças e valores que as orientaram, a maneira pela qual foram eleitos e manipulados tais bens simbólicos, é um dos vetores principais do estudo das Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade.

### **As cidades**

Apesar de encontrarmos referências às Marchas da Família com Deus pela Liberdade em boa parte da historiografia do período em questão, os estudos que se dedicaram a uma reconstrução mais detalhada dessas manifestações são escassos,<sup>203</sup> muito embora tais eventos sejam freqüentemente citados na literatura relativa ao Golpe de 1964.

Em uma das leituras acerca da marcha paulista, alguns setores representantes dos movimentos sociais de esquerda a caracterizaram como um desfile do *café-society*<sup>204</sup> e boa

*política*, UnB, 1986. pp. 306-308. Sobre o assunto consultar também MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história e o conceito de cultura política. *LPH - Revista de História*, Mariana, n. 6, p. 83-91, 1996.

<sup>202</sup> No Brasil são significativas as publicações de CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 e DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

<sup>203</sup> É o caso dos já citados trabalhos de Dreifuss, Simões e Starling.

<sup>204</sup> Por ocasião da passeata de São Paulo, o jornal *Brasil Urgente*, veículo ligado a um setor da Igreja Católica com tendências reformistas e comprometido com os movimentos sociais, publicou nota onde a descrevia como um desfile do *café-society*, que transformou as ruas em "passarelas", para o "inusitado desfile de elegância", que teria contado com a presença de, "no máximo cem mil pessoas", que a acompanharam "possivelmente por proselitismo ou ingenuidade." Segundo o periódico, o povo não teria comparecido à *Marcha*, "mas não procurou

parte dos trabalhos sobre o tema partilham dessa opinião, acabando por deter suas considerações apenas nesse viés.

O fato é que pouco se conhece a respeito das marchas para além daquelas ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Após a realização da primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade na capital paulista, a exemplo da narrativa que inicia este capítulo, foram organizadas manifestações em diversas cidades. A princípio, estas se realizaram no interior deste estado, para, em pouco tempo, adquirirem abrangência nacional e o estatuto de um autêntico movimento em apoio ao golpe militar, posto que a boa parte das marchas ocorreu posteriormente ao 31 de março.

Para este trabalho, foi realizado um levantamento de 69 marchas,<sup>205</sup> ocorridas entre os meses de março e junho de 1964. Este número dá conta da complexidade do fenômeno estudado, que não deve ser reduzido à mera função propagandística e tampouco deve ser entendido apenas como produto da insatisfação das classes médias urbanas. Não está entre os objetivos desta dissertação caracterizar as Marchas da Família com Deus pela Liberdade como manifestações de cunho popular, nem mesmo negar a existência de um eficiente trabalho de organização e promoção das passeatas, mas sim conduzir a um questionamento acerca da pluralidade de tais manifestações, que, apesar de abarcarem os conteúdos acima mencionados, contêm em si algo de permanência, quando se quer referir-se ao componente da religiosidade católica - resguardadas algumas exceções quando as marchas tiveram caráter ecumênico, como no Rio de Janeiro - como também de

---

impedi-la nem tumultuá-la. Respeitou o sagrado direito de reunião que deve proteger até mesmo os totalitários."

In STARLING, H. *Op. cit.* p. 239.

<sup>205</sup> Ver tabela em anexo.

recriação de significados, quando se procura chamar a atenção para as especificidades culturais ou políticas de determinadas regiões. Dentre as maiores preocupações deste trabalho está a tentativa de explorar o quadro multifacetado que constitui o objeto de estudo. A descrição de algumas Marchas da Família ocorridas em diferentes pontos do país talvez auxilie neste exercício.

Nas cidades de Bandeirantes, no Paraná, e Ipauçu, em São Paulo, uma comissão composta pelo senador e padre Benedito Mário Calasans e os deputados Cunha Bueno, Hebert Levy e Conceição da Costa Neves<sup>206</sup> - expressivas lideranças da marcha paulista- esteve presente para auxiliar nos preparativos das passeatas que se realizaram nos dias 24 e 29 de março, respectivamente. De acordo com o jornal *O Estado de São Paulo*, em Ipauçu,

no Cine Rivera, teve lugar uma reunião que contou com a presença de mais de mil pessoas, salientando-se a presença de delegações de cidades vizinhas. Ourinhos, Sta. Cruz do Rio Pardo, Xavantos, Bernardino de Campos, Piraju, Fartura, Manduri, Salto Grande, Oleo e Sarutaiá, sendo que a maioria das delegações eram chefiadas ou pelo prefeito ou pelo presidente da Câmara local.<sup>207</sup>

Em São Carlos foi realizada uma reunião na sede Ação Católica Diocesana com vistas ao planejamento da Marcha da Família que se daria no dia 2 de abril. Dela teriam participado representantes das indústrias, agricultores, profissionais liberais, professores, funcionários públicos, estudantes, trabalhadores, senhoras e representantes do clero.<sup>208</sup> O bispo da cidade, d. Rui Serra, presidente de

---

<sup>206</sup> Mulher Carioca prepara a "Marcha da Família": no dia 2, da Candelária à Esplanada. *O Globo*, 23 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>207</sup> Os santistas mostrarão nas ruas que a liberdade persistirá. *O Estado de S. Paulo*, 25 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível. A esposa do Secretário de Agricultura de São Paulo, Beatriz Thompson, também participou dessa reunião.

<sup>208</sup> Os santistas mostrarão nas ruas que a liberdade persistirá. *O*



honra da comissão organizadora, deu a seguinte declaração à imprensa:

Sejamos dignos descendentes de Fernão Dias e Raposo Tavares e dignos discípulos de Nóbrega e Anchieta, não permitindo que a Cruz de Cristo, levantada pela primeira vez em terras brasileiras por frei Henrique de Coimbra, seja substituída pela foice e o martelo.<sup>209</sup>

De fato, várias reuniões chamadas de "comícios preparatórios" foram realizadas no interior paulista e paranaense. Até mesmo em São Paulo,<sup>210</sup> no dia anterior à primeira Marcha da Família, ocorreram encontros semelhantes "em praças públicas de dez bairros da Capital, com a presença de líderes estudantis, dirigentes de entidades de classes, bem como de parlamentares, que falaram em defesa das liberdades democráticas".<sup>211</sup>

Segundo o *Diário de Notícias* de 16 de abril de 1964, o deputado Cunha Bueno recebera em sua casa em Brasília, no dia anterior à reportagem, as principais lideranças das marchas do Rio de Janeiro e São Paulo, quando se decidiu, com o aval de membros da Camde e da Limde, que, numa data próxima, cerca de 60 delegações das principais cidades do país se dirigiriam à capital com o objetivo de prestigiar o

---

*Estado de S. Paulo*, 25 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não Disponível.

<sup>209</sup> Prosseguirão no interior as marchas contra o comunismo. *O Estado de S. Paulo*, 27 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>210</sup> Em São Paulo foram realizados comícios em Barra Funda (estudante Estêvão Augusto); no Largo do Pau (Cunha Bueno), Santo Amaro no Largo da Matriz (senador padre Calansas e estudantes) e no Largo Central do bairro (Camila Mesquita Sampaio, Quirino Ferreira Neto e estudantes), na Mooca (padre Caio e estudantes), Vila Mariana (deputado Camilo Aschar), na Penha (deputado Ciro Albuquerque, Oscar Thompson e estudantes), na Lapa (deputado Nelson Pereira, Roberto Abreu Sodré e o estudante Marco Antônio Castelo Branco), em Perdizes (o vereador Eduardo de Souza Queiroz), em Vila Prudente (padre Paixão), no Ipiranga (o deputado Mário Telles), no Cambuci (o vereador Manuel Ferraz). In SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 103.

<sup>211</sup> Hoje a grande passeata em defesa das instituições; o interior enviará mais de 130 mil representantes. *O Estado de S. Paulo*, 19 mar.

presidente Castelo Branco, o Congresso Nacional e o Poder Judiciário. Estiveram ainda presentes os senadores Auro de Moura Andrade e padre Benedito Mário Calansas, o general Olímpio Mourão Filho, o deputado Hebert Levy, entre outros.<sup>212</sup>

A Marcha da Família em Belo Horizonte (ver ilustrações p. 130-131) foi realizada em 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, um dos grandes ícones cristãos contra o comunismo e origem da simbologia do rosário. "Ambas construções simbólicas, Fátima e o rosário, animaram a fé dos crentes e ocuparam posição destacada no imaginário anticomunista católico dos anos 60."<sup>213</sup> Um dos discursos, proferido pelo deputado Eurípedes Cardoso de Menezes, após a realização da Marcha, é bastante revelador do ânimo anticomunista que parecia dominar a manifestação:

Porque, não há dúvida senhores, Deus interveio no curso da nossa história. Conseguimos, para escarnecimento dos mais argutos, empunhando a mesma arma, o Sacratíssimo Rosário, vencer a foice e o martelo, derrotar a Rússia e a China de Mao Tse Tung, e sem que se disparasse um tiro sequer. Por isso, humildemente, pois não merecíamos favor tamanho, vimos à rua para lhe render graças. (...) A nossa marcha pela liberdade foi feita com Deus e por Deus. Eis o segredo da nossa vitória.<sup>214</sup>

O desfile reuniu cerca de 200 mil pessoas, e sua finalização, bem como a realização dos demais discursos, se deu ao pé da estátua de Tiradentes. A Inconfidência Mineira e a figura do mártir foram bastante utilizados neste estado. Tiradentes representava o símbolo republicano do sacrifício em nome da liberdade, além da associação com a

---

1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>212</sup> Brasília verá a Marcha com o Presidente. *Diário de Notícias*, 16 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>213</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.* p. 218.

<sup>214</sup> Fidelidade à Deus e à Democracia. *Estado de Minas*, 14 mai. 1964. p. 1.

figura de Cristo e seu martírio.<sup>215</sup>

Dois carros ornamentados compunham o desfile, sendo que um deles conduzia a imagem de Nossa Senhora Aparecida, transportada de Juiz de Fora especialmente para o acontecimento. No dia seguinte, o jornal *O Estado de Minas* divulgou a disposição da passeata:

A Marcha teve início por volta das 16h, surgindo à frente os batedores do P.M. e do trânsito, seguidos pela banda do 5 Bpo e Dragões da Ind., conduzindo o Pavilhão Nacional e alunos do Curso de Formação de Oficiais do D.I., transportando a bandeira de Minas Gerais. Depois, vieram dezenas de colegiais, escoteiros e bandeirantes conduzindo os pavilhões de seus respectivos estabelecimentos, num belo espetáculo de cores. Em seguida, as autoridades civis, militares e eclesiásticas, integrantes da LIMDE representação de São Paulo (U.C.F), da Guanabara, Brasília, Goiás; duas viaturas ornamentadas, sendo que uma conduzia a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, vinda especialmente de Juiz de Fora, delegações colegiais e de associações e, por último, o povo.<sup>216</sup>

Uma romaria composta por ônibus, automóveis e peruas partiu, no dia 15 de abril, da cidade de Capivari com destino a Aparecida, ambas no interior de São Paulo. Com esse gesto, realizava-se mais uma Marcha da Família.<sup>217</sup> O município de Aparecida, no Vale do Paraíba, possui atualmente cerca de 33 mil habitantes e é um dos principais centros de peregrinação do país, recebendo, em média, 7 milhões de visitantes ao ano. O culto a Nossa Senhora Aparecida data do século XVII e é forte referência no imaginário popular brasileiro. Por reiteradas vezes a figura da "padroeira do Brasil" foi evocada nas marchas, como mencionado há pouco. Ademais, o "estar em marcha" pode

---

<sup>215</sup> CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: um herói para a república. In *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. Op. cit. pp. 55- 75.

<sup>216</sup> Fidelidade à Deus e à democracia. *Estado de Minas*, 14 maio 1964. p. 1.

<sup>217</sup> Com uma romaria a Aparecida, Capivari realizou sua Marcha. *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

adquirir, nesse momento, um significado muito próximo de "estar em romaria", que remete a um sentido de devoção, de graça e penitência. Momento privilegiado onde se imbricam representações sobre o político e o religioso e em que, ao mesmo tempo, estas se tornam mais visíveis.

Em Passos, a organização da Marcha esteve a cargo do presidente e vice-presidente da Associação Rural do Sudoeste Mineiro, ao lado do presidente da Cooperativa de Laticínios da cidade. Contava-se com a adesão de várias cidades do sul de Minas Gerais.<sup>218</sup> Não poderia ser de outra forma, numa região em que a economia girava em torno da produção agropecuária e onde, certamente, as representações em torno da ameaça à propriedade privada a partir da instauração do comunismo encontraram terreno fértil.

Para Londrina, no norte do Paraná, a Marcha da Família, declarada popular e antitotalitária, era esperada para o dia 2 de abril e partiria de uma quermesse beneficente que se realizava na cidade.<sup>219</sup>

Em Itu, a realização da Marcha da Família uniu-se às comemorações do aniversário da Convenção Republicana.<sup>220</sup> A data de 18 de abril fazia parte da memória política da região como marco do início do processo de fundação de um dos primeiros partidos republicanos regionais no Brasil, o PRP, em 1870.<sup>221</sup> A ligação da Marcha da Família a este

---

<sup>218</sup> Passeata continua a repercutir na Câmara. *O Estado de S. Paulo*, 24 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>219</sup> *Idem*.

<sup>220</sup> Hoje, dia da Convenção, Itu realiza também a sua Marcha. *O Estado de S. Paulo*, 18 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>221</sup> Em dezembro de 1870 surge no Rio de Janeiro o jornal *A República*, que publica o *Manifesto Republicano*, texto de referência para os republicanos brasileiros. Essas idéias ganham força em Províncias importantes, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde são formados partidos republicanos regionais, uma novidade frente aos partidos até então constituídos, de caráter nacional. João Tibiriçá Piratininga e José Vasconcelos de Almeida Prado, ricos fazendeiros da

acontecimento pode sugerir uma referência à idéia de respeito às liberdades políticas, de democracia, ou mesmo da extinção de uma "velha ordem" superada.

Na cidade do Recife (ver ilustrações pp. 128-129) , a Marcha da Família aconteceu no dia 10 de abril de 1964. O evento, assim como em Belo Horizonte, teve a participação de cerca de 200 mil pessoas. Para o jornal *O Estado de S. Paulo*, registrava-se a maior concentração humana de que ali se tivera notícia.<sup>222</sup> O desfile percorreu a Av. Conde da Boa Vista e parte da Guararapes, local onde a multidão se concentrou. Na Marcha do Recife foram utilizadas representações acerca do "invasor", então transfigurado no "comunismo internacional" e do histórico da resistência empreendida pelos pernambucanos, "que eram convocados para, na marcha, repetir o passado glorioso de lutas contra o estrangeiro".<sup>223</sup> A imagem feminina foi da mesma forma evocada, numa referência às heroínas de Tejucupapo.<sup>224</sup>

---

região de Itu, em São Paulo, e adeptos do liberal-republicanismo, dão início ao processo de organização do Partido Republicano Paulista. Convocam a Convenção de Itu, em 18 de abril de 1873, com 133 convencionais - 78 fazendeiros, 12 negociantes, 10 advogados, 8 médicos e 25 de outras profissões - e fundam o PRP, em 1º de julho, num congresso de delegados eleitos em 29 municípios. Dominado pelos grandes cafeicultores do oeste paulista, o PRP não se define sobre a abolição da escravatura até 1887.  
<http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-do-brasil/decadencia-do-imperio.html>

<sup>222</sup> A "Marcha" em Recife. *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>223</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* pp. 106-107.

<sup>224</sup> O Reduto de Tejucupapo localiza-se em terras da Propriedade Megaó de Cima, pertencentes ao Distrito de Tejucupapo, município de Goiana, no Estado de Pernambuco. Quando se deu o episódio de Tejucupapo, no ano de 1646, os holandeses já tinham perdido a quase totalidade do domínio nas terras pernambucanas, estavam cercados e necessitavam desesperadamente de provisões. Tentaram, então, ocupar a região, uma área tradicional de plantio da mandioca, escolhendo justamente o domingo, dia em que os homens costumavam ir ao Recife realizar atividades de comércio. Enquanto alguns poucos homens que ficaram em Tejucupapo foram receber os invasores a bala, as mulheres puseram água para ferver, acrescentando pimenta em tachos e panelas de barro. Eram lideradas por Maria Camarão, Maria Quitéria, Maria Clara e Joaquina. Escondidas em trincheiras, atacavam com a mistura, jamais esperada pelos soldados. Os olhos dos inimigos eram os principais alvos e, a

Na cidade mineira de Oliveira, pompa e circunstância não faltaram aos que estiveram presentes à Marcha da Família, em 12 de abril. O desfile obedecia a uma ordenação que parecia seguir rigorosamente o lema *Deus, Pátria e Família*. Em primeiro lugar avistava-se a

Cruz de Cristo, símbolo do Brasil cristão – Terra de S. Cruz, conduzida pelo sr. José Luiz de Souza Júnior, representando os pais de família, ladeado por outros chefes de família, sob a orientação do mons. Leão Medeiros Leite. O Pavilhão Nacional levando pela primeira-dama da cidade, sra. Elza Pinheiro Leite, acompanhada por um grupo de mães e educadores que conduziam a bandeira de Minas. O Tiro de Guerra 100, sob o comando dos sargentos instrutores Gaspar Pedrosa dos Santos e José Carlos Soares da Costa, fazendo a guarda nobre dos símbolos da Fé e da Pátria. As autoridades da cidade (...) Toda aquela multidão desfilou até a Praça XV em meio de grande contentamento, ao som da música dos hinos a Nossa Senhora Aparecida e reza do terço de Nossa Senhora.<sup>225</sup>

Quando os participantes chegaram à Catedral da cidade, uma cerimônia uniu a Bandeira da Igreja, da Santa Sé, à Bandeira Nacional. Para os oliveirenses, o significado era de "Pátria e Religião, unidas para a glória de Deus e felicidade do Brasil."<sup>226</sup> No encerramento da cerimônia, o Monsenhor ressaltou a importância da oração do rosário e prestou uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida, ao que "toda aquela enorme assembléia levantou o Terço, de braço erguido, sendo rezada uma dezena."

A população de Araraquara, no interior de São Paulo, foi convocada a participar de uma "passeata em defesa da democracia e de repulsa ao comunismo". No dia 21 de março

---

surpresa o melhor ataque. Como saldo, mais de 300 cadáveres ficaram espalhados pelo vilarejo, sobretudo flamengos. Depois de horas na batalha, no dia 24 de abril de 1646, as mulheres guerreiras do Tejuco-papo saíram vitoriosas, pondo um fim à dominação Holandesa no Brasil. O texto é o resultado da fusão de trechos dos artigos Tejuco-papo: sem os homens, mulheres foram o elemento surpresa (Jornal do Comércio, Recife - 18.02.99) e Reduto de Tejuco-papo (Brasil Arqueológico - Recife). <http://www.brazzil.com>

<sup>225</sup> A página não se encontra mais disponível na web.

<sup>226</sup> *Idem*.

as principais ruas da cidade seriam percorridas em silêncio, a marcha terminaria no cemitério da cidade diante do monumento ao Soldado Constitucionalista, onde estudantes depositaram coroas de flores em memória dos araraquarenses mortos em 1932.<sup>227</sup>

A memória da Revolução Constitucionalista<sup>228</sup> de 1932 constitui-se como uma das construções imagéticas mais expressivas da Marcha da Família na capital paulista. Nela, o conjunto de representações acerca de 1932 foi reelaborado, tendo seu repertório calcado especialmente no respeito à Constituição e às liberdades democráticas. O governador da Guanabara, Carlos Lacerda, chegou mesmo a declarar que a passeata marcava o "início do processo de ressurreição da democracia no Brasil, [e que] o espírito de São Paulo (...) a partir da Marcha é o de 1932, mas de 1932 dialético, em que as trincheiras são de paz."<sup>229</sup> Para além

---

<sup>227</sup> Empreende também o Interior passeatas anticomunistas. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>228</sup> Em 1930, uma revolução derrubava o governo dos grandes latifundiários de Minas Gerais e São Paulo. Getúlio Vargas assumia a presidência do Brasil em caráter provisório, mas com amplos poderes. Todas as instituições legislativas foram abolidas, desde o Congresso Nacional até as Câmaras Municipais. Os governadores dos Estados foram depostos. Para suas funções, Vargas nomeou interventores. A política centralizadora de Vargas desagradava as oligarquias estaduais, especialmente as de São Paulo. As elites políticas do Estado economicamente mais importante, sentem-se prejudicadas. E os liberais reivindicam a realização de eleições e o fim do governo provisório. Em 1932, uma greve mobiliza 200 mil trabalhadores no Estado. Preocupados, empresários e latifundiários de São Paulo se unem contra Vargas. No dia 23 de maio é realizado um comício reivindicando uma nova constituição para o Brasil. O comício termina em conflitos armados. Quatro estudantes morrem: Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo. As iniciais de seus nomes formam a sigla MMDC, que se transforma no grande símbolo da revolução. E em julho, explode a revolta. Quando se inicia o levante, uma multidão sai às ruas em seu apoio. Tropas paulistas são enviadas para os fronts em todo o Estado. Mas as tropas federais são mais numerosas e bem equipadas. Aviões são usados para bombardear cidades do interior paulista. 35 mil homens de São Paulo enfrentam um contingente de 100 mil soldados. Em outubro de 32, após três meses de luta, os paulistas se rendem. <http://www.geocities.com/Athens/Troy/9288/historia.htm>.

<sup>229</sup> O civismo paulista domina o país; mais 3 passeatas. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação

da presença de 200 ex-combatentes à frente da marcha, de acordo com o que foi descrito no primeiro capítulo, outros dispositivos simbólicos foram utilizados com o fim de mobilizar os diversos segmentos da sociedade a tomarem parte do acontecimento. De acordo com o jornal *O Estado de S. Paulo*

Profundo simbolismo, de cunho cívico e religioso, assinalou todas as fases da monumental passeata. Onde se iniciou a manifestação? Na Praça da República, no local exato a que tombaram, a 23 de maio de 1932, varados pelas baias da polícia ditatorial, os jovens idealistas Martins, Miraguaia, Dráusio e Camargo. O sangue então derramado acabou-se transformado no agente catalisador, que iria provocar, três meses depois, a formidanda [sic] explosão que abalou o país: a Revolução Constitucionalista. Onde terminou a passeata? Na Praça da Sé, à sombra das torres da Catedral Metropolitana, repositório da fé paulista. Assim, o civismo assinalou o início e o desenvolvimento da manifestação que se encerraria sob o signo da Cruz.<sup>230</sup>

Esta tendência pode ser da mesma forma observada nos discursos proferidos na Praça da Sé. O primeiro excerto pertence ao discurso da deputada Conceição da Costa Neves, o segundo, ao deputado Hebert Levi

Está dado o grito de guerra da gente paulista, do povo brasileiro contra aqueles que desejam comunizar a nossa querida pátria brasileira: que o presidente compreenda agora que a resistência será tão homérica quanto a que os paulistas ofereceram em 1932 e que o Brasil não será bolchevizado, ainda que isso custe a nossa vida, a vida de nossos filhos (...) [A deputada] encerrou sua oração, dizendo: "Brasileiros, é melhor morrer livre do que viver escravo."

(...) que ocorre hoje em São Paulo é a demonstração de que o povo brasileiro não quer ditaduras, não quer comunismo, o que o povo quer é paz e progresso. O espírito de 32 reacende-se pelos quatro cantos de São Paulo na preservação, mais uma vez, da Constituição (...) <sup>231</sup>

---

não disponível.

<sup>230</sup> Lançada a semente. *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>231</sup> Um milhão de pessoas na "Marcha da Família". *Diário de Notícias*, 20



Tais manifestações oferecem, também, a percepção de todo um leque de imagens ligadas a um universo de temas como família, pátria, moral, ordem, religiosidade, etc, estão inscritos num código de saberes compartilhados em sociedade. Lida na Praça da Sé, a "Oração da Mulher Paulista ao Apóstolo Anchieta", de autoria não identificada, exalta, de maneira expressiva, a figura de mártires e heróis nacionais

#### Venerável Apóstolo Anchieta

(...)

Vemos de longe- vemos dos Palmares e dos Guararapes- vemos dos arrecifes de Pernambuco, e fomos trincheiras, couraça e espada, guardando fronteiras, postos, praias e promontórios, impedindo os passos dos piratas e dos vendilhões da pátria. Vemos de longe- trazemos na alma as lições de civismo, de patriotismo e de fé que ouvimos da boca de Vieira, de Nabuco, de Rui e de José do Patrocínio. Trazemos no coração os poemas de Castro Alves e Gonçalves Dias - de Bilac e de Guilherme de Almeida, gritos de guerra santa, com que nossas mães nos embalaram com cantigas de ninar, plasmando as nossas almas, na coragem e na fé.(...) Vemos de longe, trazemos na nossa retina a imagem de nossos heróis: Henrique Dias e Camarão, Osório e Caxias, os heróis do Forte e general Salgado, mártires e guerreiros da pátria.<sup>232</sup>

Das guerreiras do Tejucupapo às devotas de Anchieta e Aparecida, as Marchas da Família com Deus pela Liberdade ocorridas nestas cidades demonstram a força do imaginário anticomunista e do discurso legitimador do golpe militar plasmados no período.

Singulares e, ao mesmo passo, componentes de um movimento, de um projeto que foi paulatinamente ganhando estrutura e extensão, seja através de um bem elaborado trabalho de propaganda, seja através da iniciativa isolada de uma paróquia, as marchas revelam que, para que haja uma

---

mar. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>232</sup> *Idem.*

conexão efetiva entre as esferas de produção e recepção de um discurso ou mensagem, é necessária uma correspondência destes com os bens simbólicos pertencentes a determinado grupo ou sociedade. Ação que gera identidade, reconhecimento.

Indispensável a esse processo, a inserção de elementos presentes nas culturas políticas regionais na realização das marchas concorre para que o acontecimento se torne, também, produtor de sentidos. Deste modo, as Marchas da Família acabam por forjar um imaginário próprio, entendido o termo como um dos

pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual (...) ela se percebe, divide e elabora seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distinção dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns (...).<sup>233</sup>

A crença de que a intervenção militar nas instituições democráticas expressava um desejo da sociedade civil, que compõe um dos principais alicerces desse imaginário, serviu por alguns anos como justificativa do autoritarismo em voga. Contudo, tais recursos discursivos não foram suficientes para manter acesas tais imagens durante todo o regime. Aos poucos, a memória das Marchas da Família foi desaparecendo da vida coletiva. Percurso que também tem muito a contribuir para a compreensão da sociedade de então e dos caminhos traçados por ela em 21 anos sob ditadura.

---

<sup>233</sup> BACKZO, Bronislaw. Op. cit. p. 309.

### CAPÍTULO III: "IMAGINANDO" O GOLPE: AS MARCHAS E A DITADURA MILITAR

"Marchar ou evoluir?"<sup>234</sup>

#### Os grupos femininos no pós-64

Fotografias de refugiados políticos estampavam a construção erguida na Praça Marechal Floriano, na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro. Policiais, arame farpado e holofotes cingiam uma extensão de cem metros<sup>235</sup>; letreiros aludiam ao transtorno que seria causado aos cidadãos cariocas caso a cidade se dividisse em regiões Norte e Sul. Torres de vigilância a cinco metros e vinte e cinco centímetros da superfície do chão compunham o cenário.<sup>236</sup> O *front*, armado num importante ponto referencial da cidade, era mais uma das iniciativas da Camde, visando a alertar os brasileiros, através de um símbolo de opressão, sobre as "atitudes trágicas tomadas pelos comunistas".<sup>237</sup> Uma réplica do Muro de Berlim, erigido três anos antes na capital alemã, que dividia a cidade em setores oriental e ocidental, um dos maiores símbolos da Guerra Fria, foi inaugurada em 13 de agosto de 1964.

Para o evento foram convidados o presidente da República, os ministros militares e o governador do Estado da Guanabara.<sup>238</sup> A banda do Corpo de Fuzileiros Navais contribuiria com toques de solenidade, sempre bem-vindos em

---

<sup>234</sup> Texto do comercial "GNT pela Paz". Vencedor do PROMAX & BDA e finalista no Festival de Nova York 2004.

<sup>235</sup> Camde faz réplica do "muro". *Correio da Manhã*, 11 ago 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>236</sup> Muro de Berlim no Rio causa prisões. *Correio da Manhã*, 14 ago. de 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>237</sup> "Muro de Berlim" na Cinelândia. *Correio da Manhã*, 12 ago de 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>238</sup> Três anos de vergonha. *O Globo*, 11 ago 1964. Recorte de jornais do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

ocasiões desta natureza.<sup>239</sup> Os espectadores seriam contemplados com discursos do presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde e de Amélia Bastos. Ele falaria "sobre as crises políticas que provocaram a divisão do povo alemão (...) [e da] repercussão da separação [de Berlim], no mundo livre."<sup>240</sup> A presidente da Camde versou sobre o significado do muro, que, segundo a mesma, "isolou pais dos filhos, esposas dos maridos, desagregando a coletividade", lembrando ainda que, graças aos acontecimentos de março, tal perigo se "afastou imensamente de nós."<sup>241</sup>

Expatriados da antiga Europa Oriental residentes no Brasil, procurando mostrar-se solidários com a empreitada levada a cabo pelo grupo de mulheres, se dispuseram a comparecer, no dia 28 de agosto, na Cinelândia, para "homenagear os que tentaram atravessar o 'Muro da Vergonha', tombando sob as balas dos comunistas". Aguardava-se a presença de cidadãos da "Albânia, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Theco-Eslováquia, Ucrânia e Iugoslávia, com as bandeiras nacionais."<sup>242</sup>

Das pessoas que estiveram presentes à inauguração, algumas foram detidas por ordem do secretário de Segurança da Guanabara, coronel Gustavo Borges, em razão de se pronunciarem contrariamente à idéia do muro. Do grupo também fez parte o vendedor de balas "Victor Domingos da Silva, que estava apregoando o seu produto em voz

---

<sup>239</sup> "Muro de Berlim" na Cinelândia. *Correio da Manhã*, 12 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>240</sup> *Idem*.

<sup>241</sup> Presidente da Camde entrega "Muro da Vergonha" dizendo que ele é sinal de alerta. *O Globo*, 14 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>242</sup> Os refugiados da cortina de ferro solidarizam-se com a Camde. *O Globo*, 27 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

considerada muito alta para o diapasão da DPPS."<sup>243</sup>

O jornal *Correio da Manhã* foi implacável nas críticas dirigidas à Camde. Matérias intituladas "Muro Vazio" ou "Povo de um lado, polícia de outro", expressavam a indignação daqueles que, tolhidos em suas liberdades e direitos políticos, assistiam a manifestações como esta, algo espetaculares, com o intuito de incutir legitimidade e feições democráticas ao regime que se instalara. Em tempos em que ainda se desfrutava de uma relativa liberdade nos meios de comunicação, protestos como os que seguem abaixo puderam ser veiculados

A idéia, em princípio, não é ruim. Mas se algum brasileiro, sugestionado pela propaganda, acreditar que, pulando o Muro da Cinelândia, encontrará regime capaz de respeitar os direitos e de garantir as liberdades, terá uma grande decepção. A grande conquista da "revolução" de abril foi a de fazer com que um dos lados do muro seja exatamente igual ao outro.<sup>244</sup>

As piedosas senhoras da chamada "Campanha da Mulher pela Democracia" - que têm assistido, sem protestos, à invasões de lares, às prisões de sacerdotes e de trabalhadores e à expulsão de jovens estudantes de suas Faculdades-inauguraram, na Cinelândia, ontem, uma réplica do "Muro da Vergonha" de Berlim, numa cerimônia em que vários oradores reclamaram liberdade para os cidadãos de Berlim Oriental mas se esqueceram de pedi-la, também, para os brasileiros que a vêem espezinhada e negada. (...) o presidente da Academia Brasileira de Letras, Sr. Austregésilo de Athaíde, disse que o muro de Berlim impede o "livre trânsito das idéias", fenômeno que também ocorre aqui, sem que se precisasse gastar dinheiro na construção de uma muralha.<sup>245</sup>

Após o estabelecimento do regime autoritário de 1964, os grupos femininos prosseguiram em seus trabalhos, que iam desde atividades assistenciais, como a promoção de cursos

---

<sup>243</sup> Povo de um lado, polícia de outro. *Correio da Manhã*, 14 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>244</sup> Muro Vazio. *Correio da Manhã*, 12 ago 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>245</sup> Inaugurado "Muro da Vergonha" *Correio da Manhã*, 13 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

para moradoras de favelas,<sup>246</sup> até o comparecimento a congressos internacionais.<sup>247</sup> A instalação do "Muro de Berlim" é um exemplo claro da intervenção destas mulheres na vida política nacional, dado o reconhecimento conquistado através de suas ações contrárias ao governo João Goulart, a partir de 1962 e, especialmente, por sua participação nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, quando elas alçaram a estatura de "porta-vozes" da vontade popular nas ruas.

Cedo tal influência se fez ver, na ocasião do lançamento da candidatura do general Castelo Branco à presidência. Grupos como a UCF e Camde a endossaram publicamente através de manifestações transmitidas em rádio e televisão.<sup>248</sup> A organização paulista recolheu assinaturas de apoio nas ruas principais de sua capital, enquanto a Camde convocou uma concentração em frente à residência de Castelo, onde, através de um discurso, em que uma das mulheres<sup>249</sup> o exaltava "com a singela mas incomparável autoridade d[as] mães brasileiras",<sup>250</sup> foi feito o pedido para que este assumisse o cargo de presidente.

A Limde se encarregou de confeccionar uma nova faixa presidencial para a posse de Castelo Branco, uma vez que se acreditava estar "a velha faixa verde-amarela 'já

---

<sup>246</sup> Curso de corte e costura para faveladas. *O Globo*, 16 nov. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>247</sup> Presidente da Camde nos EUA hoje. *Jornal do Brasil*, 8 nov. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>248</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 120. DANTAS, Eudóxia Ribeiro. *Op. cit.* p. 89.

<sup>249</sup> Eudóxia R. Dantas relembra a ocasião em que realizou o seu primeiro discurso: "Com a folha do meu discurso na mão, fui levantada por dois rapazes para cima de uma mesa e, rodeada por milhares de pessoas atraídas pelo rádio e televisão, comecei a ler meu discurso quando vozes - naturalmente de rapazes -, gritaram "Tira a folha, queremos ver a moça bonita!" Consegui ler!! Bateram palmas naturalmente pela Camde e pela coragem de nossa atitude nesses dois anos de luta." DANTAS, Eudóxia Rideiro. *Op. cit.* p. 90.

<sup>250</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 122. Extraído do manifesto lido por Eudóxia R. Dantas em frente à residência do general Castelo

conspurcada por tantos maus presidentes.'"<sup>251</sup> O presente oferecido pela entidade continha a seguinte mensagem: "Ao bravo general Castelo Branco, herói da Revolução Brasileira, a gratidão da mulher mineira."<sup>252</sup>

Para coroar esta verdadeira campanha presidencial, foi formada uma comissão composta por cerca de 200 mulheres representantes da Camde, UCF, LIMDE, ADFG e outras organizações para uma viagem a Brasília, onde, junto ao Congresso, buscaram angariar adeptos, ao passo em que solicitavam a realização de eleições sem demora.<sup>253</sup>

No mesmo período, outra campanha de caráter patriótico contaria com o engajamento feminino. Promovida pelos Diários e Emissoras Associadas, "Ouro para o Bem do Brasil" buscava arrecadar, para além de contribuições em dinheiro e jóias, o assentimento da população à "revolução democrática". Segundo *O Jornal*, tal "arrancada pela recuperação econômica do país (...) transformou-se numa das mais belas jornadas cívicas, em qualquer tempo, no Brasil."<sup>254</sup> Empenharam-se também nesta jornada políticos, artistas de TV e cantores populares, estes últimos, expressando sua contribuição através de eventos como "shows promocionais."<sup>255</sup> De acordo com Solange Simões, a campanha, lançada em São Paulo, foi organizada pela UCF em todas as cidades onde esta possuía seus núcleos. A Cruzada Democrática Feminina (CDF) foi uma das patrocinadoras em Pernambuco, onde o Banco do Estado se encarregou da aquisição de anéis em alumínio que possuíam a seguinte legenda: "Dei ouro para o Bem do Brasil." Os anéis eram

---

Branco no dia 5 de abril de 1964.

<sup>251</sup> *Idem.* p. 17.

<sup>252</sup> *Idem.*

<sup>253</sup> *Idem.* p. 121.

<sup>254</sup> Camde apóia a Campanha "Ouro para o Bem do Brasil". *O Jornal*, 20 abr. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

entregues às mulheres que ofereciam as próprias alianças em doação.<sup>256</sup>

Dando continuidade ao trabalho diligente pelo "fortalecimento do regime", a Camde inaugurou um de seus núcleos na Rocinha. O contato com moradores de favelas se deu a partir da colaboração da entidade em ações como a "Alimentos para a Paz", promovida pela Cruz Vermelha Internacional e Brasileira, bem como através de cursos de artesanato e palestras de cunho educativo.<sup>257</sup> Da mesma forma era parte de suas preocupações "mostrar filmes de educação sanitária, dar aulas de costura às gestantes, alfabetizar, etc."<sup>258</sup> A diretora de obras sociais da entidade, Mavy Harmon, assim definiu as atividades desenvolvidas dentro da comunidade:

Na Rocinha, a moradora faz parte da CAMDE, pois procuramos desenvolver as líderes natas entre as mulheres, para ajudarem as outras na comunidade. Já temos em funcionamento aulas de pontos de tapete, de costura, de crochê e tricô, com a colaboração do Posto 1, da LBA, aulas de mecânica para rapazinhos, e estamos fazendo um levantamento das necessidades da comunidade da Rocinha, para o que temos contato com o Adm. Regional da Lagoa e de sua assistente social.<sup>259</sup>

Tamanhas a tão diferenciadas atividades acabaram por repercutir internacionalmente, atraindo mídias e partidos políticos. Em agosto de 1964, as diretoras da Camde, Mavy Harmon e Clélia Aché de Araújo, estiveram por duas semanas na Colômbia, a convite da FEPRANAL- *Federación del Sector Privado para la Acción Comunal*-, para tomarem parte de um projeto de "desenvolvimento da comunidade."<sup>260</sup> Nesta

---

<sup>255</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 130.

<sup>256</sup> *Idem* 22. p. 131.

<sup>257</sup> *Idem*. p. 129.

<sup>258</sup> A Camde precisa de vigilantes para gigantesca obra social. *O Globo*, 21 jul. 1964.

<sup>259</sup> *Idem* 25.

<sup>260</sup> *Idem*.



oportunidade, o jornal *El Tiempo*, de Bogotá, publicou a seguinte matéria: "'Antes y Despues de Goulart.' Las amas de casa brasileras transforman ahora el país".<sup>261</sup> Em entrevista com as duas militantes da Campanha, foi apresentada aos leitores colombianos a história da criação da "organización de señoras que derrocó pacíficamente un gobierno pro- comunista", as razões e eventos que motivaram seu engajamento, a preservação da família e o combate às injustiças, como pode ser observado no trecho abaixo:

Porque resulta que en el Brasil, hasta el momento, lo más importante para la mujer es su vida de hogar, la familia..., después viene todo lo demás. Y cuando hay algo que atente contra esa unidad familiar, entonces son capaces de todo, inclusive de tombar a un presidente. Y así lo hicieron el primero de abril de este año. (...) Dejaron el delantal, los trapos del polvo y los aparatos eléctricos de limpieza, todas estas amas de casa de la clase media- en su mayoría- y salieron a enfrentarse a una de las situaciones más difíciles por las cuales ha atravesado el Brasil.<sup>262</sup>

A Marcha da Família é vista como realização de grande visibilidade e importância no desencadear dos acontecimentos políticos

Y así, paso a paso, a medida que se acercava el momento culminante, la "Camde" ponía más problemas al gobierno, protestaba contra las injustiças y al mismo tiempo preparaba la gigantesca marcha "Com Dios y la Familia, por la Paz y la Patria". Esto sería una oposición más que efectiva contra esas siniestras marchas (...) al estilo Hitler e Mussolini, a las que estaba aficionando en forma impresionante el presidente Goulart.<sup>263</sup>

Meses depois, surgiu dos partidos Republicano e Democrata americanos a proposta de uma viagem aos Estados Unidos. A Camde chefiou uma comissão composta por

---

<sup>261</sup> Antes y Despues de Goulart. Las amas de casa brasileras transforman ahora al país. *El Tiempo*, 21 ago. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>262</sup> *Idem*. p. 28.

<sup>263</sup> *Idem*.

representantes do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Eram cinco mulheres, que durante cerca de trinta dias fizeram "visitas a delegacias, penitenciárias e até um passeio pelas ruas de Nova York com o candidato a prefeito, Nelson Rockefeller"<sup>264</sup> e, o mais importante, tiveram um estágio com duração de uma quinzena, onde aprenderam como funcionavam as instituições democráticas americanas e assistiram às eleições.<sup>265</sup> Elas se mostraram admiradas com a participação feminina no processo eleitoral. De acordo com o *The New York Times*

All of the women expressed surprise at the role American women play in campaigning. "It's amazing how the man and the woman join and planning strategy", they said. "In our country women weren't able to play a role before the revolution."<sup>266</sup>

Contudo, a imprensa não deixou de ressaltar que nada do que foi visto a respeito da política norte-americana poderia ser tão excitante quanto a coragem com que elas, "with thousands of other women, risked everything to fight the forces of communism in their own country."<sup>267</sup>

Uma divulgação positiva das entidades através dos meios de comunicação era-lhes de grande interesse, posto que estava entre os objetivos da viagem "esclarecer melhor a opinião pública norte-americana a respeito da revolução de 31 de março."<sup>268</sup> Quaisquer que tenham sido as expectativas por parte da comissão, é válido afirmar sobre a excelência dos resultados. Primeiro, elas participaram de

---

<sup>264</sup> ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 60.

<sup>265</sup> DANTAS, Eudóxia Ribeiro. *Op. cit.* p. 91.

<sup>266</sup> Brazilian women observe politics. Plans and strategy here impress 5 Visitors. *The New York Times*, 15 nov. 1964. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>267</sup> Women tell of their part in toppling Goulart rule. Recorte de jornal do arquivo da camde. Referência não disponível.

<sup>268</sup> A presidente da Camde vai mostrar nos EUA o que fez a mulher brasileira. *O Globo*, 9 nov. 1964. Recorte de jornal do arquivo da

uma coletiva com mais de cinquenta jornalistas, onde Amélia Bastos fez um relato dos últimos dois anos de trabalho da Camde e suas ações contra o governo Goulart. Eudóxia Ribeiro Dantas, que também esteve presente ao evento, fala de suas impressões

Nós éramos representantes das entidades cívicas femininas brasileiras, vencedoras de uma guerra ideológica, na qual o Brasil representaria a maior conquista para as forças de esquerda, e para a mídia a arma mais poderosa. Fomos homenageadas por essa mídia com uma recepção reservada às personagens da maior importância mundial.<sup>269</sup>

As representantes dos grupos femininos foram ainda presenteadas com o lançamento, por parte da revista *Reader's Digest*, publicada no Brasil com o título *Seleções do Reader's Digest*,<sup>270</sup> do artigo *The country that saved itself* (ver ilustração p. 131) em que é descrita a trajetória da suposta infiltração comunista no Brasil e a maneira pela qual o país se livrou do "caos iminente", através de uma *contra-revolução* comandada pela classe média, "amadores mobilizados para a luta contra calejados revolucionários vermelhos."<sup>271</sup> O exemplar vinha na forma de um livreto que poderia ser descartado da revista, para que o leitor o enviasse a um amigo, segundo sugestão dos editores. Trazia fotos da marcha carioca, do presidente Castelo Branco e de Amélia Molina Bastos.

A publicação foi traduzida para "13 idiomas, entre eles o japonês, o árabe e as principais línguas européias," percorrendo também toda a América Latina, "num total de 25

---

Camde. Paginação não disponível.

<sup>269</sup> DANTAS, Eudóxia Ribeiro. Op. cit. p. 93.

<sup>270</sup> Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande*. Imaginando a América Latina em *Seleções: Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2000.

<sup>271</sup> *A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA*. Artigo especial da revista *Seleções do Reader's Digest*. p. 97. Grifos do autor.

milhões de exemplares."<sup>272</sup>

A situação da crise política brasileira foi descrita como das mais graves. O país rumava para o caos irreversível: "raramente uma grande nação esteve mais perto do desastre."<sup>273</sup> Segundo o *Reader's Digest*, a posição geográfica estratégica do país o tornava alvo perfeito para os planos comunistas:

o Brasil se limita com 10 países (sic) tôda a América do Sul, exceto Chile e Equador- seu domínio direto ou indireto pelos comunistas ofereceria excelentes oportunidades para subverter um vizinho após outro.<sup>274</sup>

O governo João Goulart foi considerado tomado por radicais. O presidente, "sedento de poder", havia se tornado um instrumento dos "vermelhos" e estava prestes a lhes entregar o país.

Na tentativa de apagar as "incertezas" ou inseguranças provenientes de determinada opção social ou política, estas escolhas são muitas vezes apresentadas pelos agentes sociais como o único caminho possível "e mesmo como impostas por um destino inelutável."<sup>275</sup> Deste modo a revista denunciou a escalada da tomada de poder pelos comunistas. As etapas, quase todas cumpridas

O país estava realmente maduro para a colheita. Os vermelhos tinham introduzido toneladas de munições por contrabando, havia guerrilheiros bem adestrados, os escalões inferiores das Fôrças Armadas estavam infiltrados, planos pormenorizados estavam prontos para a apropriação do poder, feitas as "listas de liquidação" dos anticomunistas mais destacados.<sup>276</sup>

A "revolução" surgiu, então, como redentora surpresa,

---

<sup>272</sup> *Idem.*

<sup>273</sup> *Idem.* p. 95.

<sup>274</sup> *Idem.* p. 96.

<sup>275</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 312.

<sup>276</sup> A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA. *Op. cit.* p. 96.

liderada em seus "bastidores" por civis, "rápida(...) relativamente sem derramamento de sangue (...) e popular além de todas as expectativas."<sup>277</sup>

A imprensa do período, notadamente os periódicos *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de S.Paulo*, foi classificada como destemida. Das figuras ligadas ao Ipês, "líderes da classe média", chamados investigadores, o artigo revelou a atuação através da propaganda de rádio e TV, com sua "Rede da Democracia", que possuía mais de cem estações em todo o país. A ação das Forças Armadas, no seu papel de "guardiã da legalidade", foi também devidamente destacada. O "chefe" Castelo Branco, representado como um honesto e rigoroso "homem de centro" e, "profundamente dedicado aos processos democráticos". A revista procurou enfatizar o caráter de democracia do novo governo

Sendo êle próprio a antítese do caudilho, Castelo Branco chefia um governo que está longe de ser uma ditadura militar. Os partidos políticos como o Congresso existem sem restrições. A imprensa é livre, sem limitações aos desacordos ou à crítica; até o jornal *Última Hora*, principal defensor de Jango, continua sendo publicado.<sup>278</sup>

Tais exemplos são elucidativos de uma das características dos mecanismos de propaganda, que, através de suas "possibilidades técnicas, culturais e políticas", especialmente em momentos de convulsão social, são capazes de "fabricar e manipular as emoções e imaginários coletivos", projetando, desta maneira, "sobre o chefe, os imaginários que se confundem na representação global de um salvador supremo, instrumento eleito pela Nação e a História." <sup>279</sup>

Aos grupos femininos coube grande parcela da

---

<sup>277</sup> *Idem.* p. 97.

<sup>278</sup> *Idem.* p. 117.

<sup>279</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 314.

responsabilidade pelo sucesso do movimento. A *marcha das mulheres* foi caracterizada como a "demonstração mais comovente da história brasileira", "entusiástica cruzada" em que mais de 600 mil pessoas, com livros de oração e rosários contra o peito tomaram as principais avenidas da cidade, num desfile "capaz de fazer a demonstração engendrada por Goulart parecer insignificante."<sup>280</sup> A revista reproduziu trecho de um manifesto distribuído na marcha paulista:

Eles infiltraram o nosso país, o nosso governo, as nossas Forças Armadas e até nossas igrejas com servidores do totalitarismo exótico para nós e que tudo destrói... Mãe de Deus, defendei-nos contra a sorte e o sofrimento das mulheres martirizadas de Cuba, da Polônia, da Hungria e de outras nações escravizadas.<sup>281</sup>

A Marcha da Família do Rio de Janeiro, tomada como a representação da vitória, da ação de graças, momento em que as pessoas saíram às ruas em reafirmação do direito de permanecerem livres, a demonstração do que tornou possível a "revolução". A manifestação era

um oceano de humanidade, totalizando mais de um milhão de pessoas, deslocando-se sob uma tempestade de papéis picados caindo dos arranha-céus ao longo das avenidas do Rio; um exército de paz com bandeiras, dizendo com firmeza e reverência a tóda a América do Sul que os brasileiros estavam decididos a permanecer livres.<sup>282</sup>

*A Nação Que Se Salvou A Si Mesma* oferece um notável exemplo de como a repercussão dada a um movimento pelos meios de comunicação pode conferir-lhe um novo conjunto de representações. De grande relevância no estudo do imaginário de um período, tal fato conduz a um

---

<sup>280</sup> *Idem.* p. 108.

<sup>281</sup> *Idem.* p. 45.

<sup>49</sup> *Idem.* p. 114.

questionamento acerca da (re)construção de uma "memória" das Marchas da Família e os reflexos sofridos por esta ao longo do tempo. Contudo, antes que se conduza a tal exercício, parece oportuno prosseguir a investigação a respeito da atuação dos grupos femininos durante a Ditadura Militar, fato que, sem dúvida, representará uma valiosa contribuição na compreensão das "imagens" das Marchas "produzidas" neste mesmo processo.

Havia transcorrido mais de um ano desde a deflagração do golpe civil-militar quando, em julho de 1965, Amélia Bastos recebeu do jornal *O Globo* o título de "mãe do ano" de 1964.<sup>283</sup> A entidade contava então com sete sucursais no Rio de Janeiro<sup>284</sup> e suas diretrizes para o futuro, divulgadas meses antes, pareciam convergir com o trabalho desenvolvido até então:

- 1 - Cooperação com o governo [ ] Rev. a fim de que possa realizar as reformas e o programa necessários ao fortalecimento do regime democrático;
- 2 - Campanhas cívicas de esclarecimento sobre a Democracia, suas vantagens, suas características;
- 3 - Vigilância permanente, de forma a impedir que os comunistas se reorganizem;
- 4 - Procurar melhorar o nível social e econômico do menos favorecido, atenuando desta forma o desnível que existe entre as camadas sociais.<sup>285</sup>

No mês de outubro de 1965, a entidade tomou um importante posicionamento político ao expressar publicamente seu apoio à edição do Ato Institucional n. 2. O excerto abaixo corresponde a um trecho de um telegrama enviado aos órgãos governamentais:

---

<sup>283</sup> A Camde continuará trabalhando pelo fortalecimento do regime. *O Globo*, 1965. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Data e paginação não disponíveis.

<sup>284</sup> As congêneres da Camde operavam nos bairros de Ipanema, Botafogo, Gamboa, Tijuca, Méier, Santana e Ilha do Governador. *O Globo*, 28 jul. 1965. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>285</sup> Camde comemora aniversário da Revolução que ajudou a realizar. *O Jornal*, 28 mar. 1965. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação

A Campanha da Mulher pela Democracia, Camde, congratula-se com Vossa Excelência pela ação eficaz, enérgica, e patriótica, em defesa dos altos objetivos revolucionários contida [ ] na edição do 2º Ato Institucional.<sup>286</sup>

Próximo ao episódio da decretação do AI2, ocorreram eleições para a diretoria da Camde, o que "à tona dissidências políticas que, naquele contexto, afloravam na entidade."<sup>287</sup> Duas chapas disputavam o mandato, a primeira, "Conselho Diretor", congregava, em quase sua totalidade, as mulheres que estavam à frente da entidade desde sua fundação. A segunda, chamada "Chapa de Renovação", reunia mulheres ligadas a uma organização denominada LIDER (Liga Democrática Radical), que se identificava com as teses da linha dura do Regime Militar, prestava apoios a Carlos Lacerda e exigia do governo medidas mais sérias de repressão e um cerco maior aos comunistas.

As eleições se realizaram num clima de tensão. Após várias acusações contra a diretoria da Camde, como a de lançar manifestos sem o conhecimento da grande maioria das associadas, ou de manter membros do SNI em suas reuniões, o "Conselho Diretor" saiu vitorioso por uma pequena margem de votos. Tal acontecimento porém, representou um considerável desgaste para a associação, pelo grande número de dissidências ocorrido, talvez devido ao fato de muitas senhoras representantes da chapa derrotada terem sido impedidas de votar, "sob a alegação de que, por não serem fundadoras", não gozavam de tal direito.<sup>288</sup>

A organização prosseguiria, assim, atuando em colaboração com o governo nas mais diversas instâncias da

---

não disponível.

<sup>286</sup> A Camde leva seu apoio à edição do Ato Institucional. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Referência não disponível.

<sup>287</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 125.

<sup>288</sup> *Idem.* pp. 125-126.



sociedade. Ainda em março de 1965, convocada pela SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) a integrar uma "Campanha em Defesa da Economia Popular", a Camde se mobilizou, para, junto às donas-de-casa, conscientizá-las sobre a necessidade de que cada uma delas se tornasse uma "fiscal de preços".<sup>289</sup>

Mais uma empreitada dessas senhoras naquele ano seria uma certa "campanha de expurgo aos comunistas", em que outras associações de mulheres fariam valer seus préstimos. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) seria um dos atingidos pelos seus altos "brados anticomunistas". Um manifesto enviado à instituição pedia o "afastamento de professores, livros e funcionários comunistas do convívio com os estudantes".<sup>290</sup>

Suas ações em nome da educação, cultura e informação incluíram também a realização de pedidos a diretores de colégios para que demitissem "'professores comunistas' e comunicassem às autoridades competentes por que o faziam".<sup>291</sup> A Camde realizava também, periodicamente, conferências em seu auditório, recebendo personalidades como o ministro do Planejamento, Roberto Campos, os deputados Armando Falcão e Cunha Bueno, que procuraram esclarecer os participantes acerca da política econômica do governo, ou ainda nomes como os de Carlos Lacerda e Ademar de Barros e até mesmo o colunista social Ibrahim Sued, que compareceu à entidade a fim de prestar um relato sobre recente viagem feita à Rússia.<sup>292</sup>

---

<sup>289</sup> *Idem.* p. 130.

<sup>290</sup> "Assinavam esse manifesto várias entidades femininas, citadas como 'núcleos' da Camde: Limde, MCMC de Fortaleza, Camde de Niterói, Teresópolis, Itajubá, Araguari, Uberaba, Araxá, Nova Iguaçu, Belém do Pará, Florianópolis, CDF de Recife e UCF de Santos." SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 126.

<sup>291</sup> *Idem.* p. 127.

<sup>59</sup> *Idem.* p. 128.

Seguindo as mesmas preocupações, a Camde lançou, em 1967, uma aguerrida campanha contra o uso de palavrões em peças teatrais<sup>293</sup> e tomaria ainda medidas com um tom mais moralizador, como a obstrução da circulação da revista *Realidade*, cuja capa exibia um parto, o que as mulheres consideravam impróprio, e mesmo o impedimento da entrada da atriz Norma Bengel no estado de Minas Gerais, em razão da mesma ter filmado nua.<sup>294</sup>

1967 é também o ano de uma grande realização da Camde, o I Congresso Sul-Americano da Mulher em Defesa da Democracia, sediado no Hotel Glória, no Rio de Janeiro.<sup>295</sup> A ele compareceram representantes de países como Venezuela, Equador, Colômbia, Chile, Bolívia, Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai e República Dominicana. Das entidades brasileiras estiveram presentes a CDF de Pernambuco, a UCF de São Paulo, a LIMDE, a Cruzada da Mulher Democrática (Rio Grande do Sul), o Movimento Cívico da Mulher Cearense, o MAF.<sup>296</sup>

Um ano depois, a organização participaria de outro congresso de grande porte, o II Congresso Mundial da WACL (World Anti-Communist League) "organização de âmbito internacional que se destina[va] a promover estudos sobre os diversos regimes políticos existentes em todo o mundo."<sup>297</sup> Realizado em Saigom, o encontro reuniu representantes de mais de 60 países, inclusive Maria Helena

---

<sup>293</sup> Camde contra o palavrão no teatro. *O Globo*, 18 set 1967. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível. "Em resposta à campanha CAMDE contra o palavrão no palco, o ator Paulo Autran fez o seguinte comentário: 'Essas piedosas senhoras da CAMDE deviam preocupar-se mais com a melhor qualidade do teatro e preços mais baixos da cebola. Palavrão mesmo é fome e analfabetismo, latifúndio e desemprego'". ASSIS, Denise. *Op. cit.* p. 56.

<sup>294</sup> *Idem.* p. 55.

<sup>295</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 131.

<sup>296</sup> *Idem.* p. 132.

<sup>297</sup> Presidente da Camde viajou para Saigom. *O Globo*, 11 dez. 1968. Recorte de jornal d arquivo da Camde. Paginação não disponível.

da Gama Câmara e Mavy Aché Assunção Harmon, "respectivamente, presidente e diretora social da Campanha da Mulher pela Democracia".

Durante o período em que se desenrolaram tais eventos, os grupos femininos iriam paulatinamente perdendo força e visibilidade. Apesar de alcançarem grande repercussão em suas atividades durante os primeiros anos do governo militar, as mulheres logo sofreriam os reflexos das próprias disputas ocorridas nos altos escalões do regime, ao passo em que o governo acabou por optar por uma repressão acintosa em detrimento dos esforços por legitimidade.

Desgastes inerentes às próprias organizações também contribuiriam para o fim de suas atividades, como é o caso da Liga da Mulher Democrata (Limde), de Minas Gerais. "A Camde alega ter entrado em "recesso" devido à não-renovação da liderança no início da década de setenta." A UCF representa a parcela de grupos que iria reorientar suas diretrizes, se voltando ao trabalho assistencial e às atividades de cunho cívico, ao lado da CDF de Pernambuco e o MAF.<sup>298</sup>

### **"Marchando" sob a ditadura**

Passados mais de trinta anos desde instauração do regime militar, algumas das mulheres que ocuparam a direção da entidade que maior visibilidade e impacto adquiriu em suas aparições públicas, falaram sobre sua participação na Camde e do significado de seu engajamento no movimento das Marchas da Família com Deus pela Liberdade.<sup>299</sup>

---

<sup>298</sup> SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* p. 136.

<sup>299</sup> Entrevistas concedidas a Denise Assis no ano de 1999, que compõem o livro *Propaganda e cinema a serviço do golpe. Op. cit.* pp. 53-66.

Os motivos que teriam levado Lúcia Jobim a aderir a Campanha da Mulher pela Democracia não parecem muito se distinguir do que foi expresso em praça pública nas passeatas que se realizaram pelo país, foi "em defesa dos nossos lares e para livrar o país de uma política diferente da nossa. Não queríamos um país onde a religião era vista como o ópio do povo."<sup>300</sup> Eudóxia Ribeiro Dantas, sentia ainda ter sido "a maior glória da [sua] vida ter podido servir ao [seu] país."<sup>301</sup> Mavy Harmon descreve com entusiasmo semelhante as suas impressões sobre aquele dia dois de abril:

Igreja, estudantes, estavam todos lá. Andamos em paz, com segurança. (...) Eu confesso que foi a coisa mais linda que já vi na vida. As pessoas se abraçavam de terço na mão, porque a revolução havia se resolvido.<sup>302</sup>

Ignez Félix Pacheco Brito, falecida em agosto de 2000, única das entrevistadas a confessar sua "profunda decepção" com os rumos tomados pelo regime implantado em 1964, salienta, contudo, a importância do seu trabalho na Camde: "Acredito que, se não tivéssemos feito a revolução, nosso país teria se transformado numa grande Cuba."<sup>303</sup>

O significado atribuído à marcha carioca, deste modo, apresenta-se como o resultado de um esforço pela preservação de certos valores - éticos, morais, religiosos - expressos reiteradas vezes pelos grupos femininos como razão primordial de seu engajamento:

A marcha foi o ponto alto do nosso trabalho e um triunfo porque foi feita com a revolução já vencida. (...) Havia uma alegria muito grande porque só se ouvia falar em golpe comunista que viria para nos roubar a liberdade. A revolução foi feita para impedir isto, e acabou dando no

---

<sup>300</sup> *Idem. Op. cit.* p. 61.

<sup>301</sup> *Ibidem. Op. cit.* p.58.

<sup>302</sup> *Ibidem. Op. cit.* pp.63-64.

<sup>303</sup> *Ibidem. Op. cit.* p.57

que deu, estatizando tudo, tirando a liberdade de imprensa e cometendo abusos.<sup>304</sup>

Decerto, tais relatos apresentam, em sua maioria, uma certa disposição por privilegiar determinados aspectos presentes no imaginário social sobre o golpe civil - militar. O que parece ter se tornado emblemático é a luta contra o "inimigo comunista" que teria culminado numa "revolução redentora" e popular; mesmo no depoimento em que a militante da Camde se mostra descontente com os rumos tomados pelos governos militares esse aspecto é ressaltado. Tal ação resulta de uma 'escolha' da memória, que implicou em ocultar, neste caso, o trabalho empreendido pela Camde e outros grupos femininos posteriormente ao golpe, visando principalmente reforçar a legitimidade do novo governo, ou ainda os momentos em que as mulheres chegaram a pleitear uma repressão mais efetiva às manifestações contrárias à ditadura. Prática comum especialmente em momentos de transição e situações de conflito, onde

qualquer sociedade precisa imaginar e inventar a legitimidade que atribui ao poder. Por outras palavras, o poder tem necessidade de enfrentar o seu *arbitrário* e controlá-lo reivindicando uma legitimidade.(...) Ora, na legitimação de um poder, as circunstâncias e os acontecimentos que estão na sua origem contam tanto, ou menos, do que o imaginário a que dão nascimento e de que o poder estabelecido se apropria. Às relações de força e de poder que toda a dominação comporta, acrescentam-se assim, relações de sentido.<sup>305</sup>

No entanto, estas relações são, acima de tudo, processuais, 'construídas' ao longo do tempo, passíveis de modificações e reviravoltas, o que remete ao questionamento a respeito da maneira pela qual as representações sobre as marchas foram difundidas durante os governos militares,

---

<sup>304</sup> *Idem* 70.

<sup>305</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 310. Grifos do autor.

exercício que se realizará a partir da observação de algumas cerimônias em comemoração às marchas ocorridas neste período.

O primeiro aniversário da Marcha da Família em São Paulo foi celebrado em tons oficiais, com missas na catedral da Sé<sup>306</sup>, local onde foi finalizada a primeira manifestação. A reafirmação do compromisso que parte da Igreja católica expressou durante a realização das marchas em 1964 representou, para o "poder instituído", muito mais que mera demonstração de apoio: tais solenidades asseguram, muitas vezes, uma manipulação mais efetiva dos imaginários, dado que todo poder, especialmente o poder político, necessita estar rodeado de representações coletivas, onde o domínio do simbólico constitui um importante "lugar estratégico".<sup>307</sup>

O jornal *Folha de São Paulo* veiculou matéria intitulada "Faz um ano que São Paulo se pôs em marcha na defesa do regime". Para o periódico, o desfile figurava como "a mais extraordinária manifestação popular que São Paulo assistiu desde os dias heróicos e legendários de 1932".<sup>308</sup>

Em 19 de março de 2004, passados 40 anos desde o golpe militar, a *Folha de São Paulo* publicou seguinte reportagem: "O dia em que a direita foi às ruas."<sup>309</sup> Assinada por Sérgio Dávila, o texto afirma que, "de direito", a Marcha da Família teria se iniciado em 1962, quando o Departamento de Estado dos EUA recomendou a vinda do padre Patrick Peyton ao Brasil, cuja "Cruzada do Rosário" foi considerada como a

---

<sup>306</sup> SILVA, Evelyn Chaves. *Memória, esquecimento e imaginário social nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade*. Dissertação de mestrado apresentada à UNI-RIO. Rio de Janeiro, 2002. p. 57.

<sup>307</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 297.

<sup>308</sup> SILVA, Evelyn Chaves. *Op. cit.* p. 57.

<sup>309</sup> O dia em que a direita foi às ruas. *Folha de São Paulo*, 19 mar. 2004. p. 12.

semente das marchas. Motivações religiosas e econômicas justificavam a presença de "trabalhadores, donas-de-casa e gente da classe média" às ruas. O medo do comunismo, o "denominador comum" da adesão ao movimento. A polêmica acerca do número de participantes permanece acesa: segundo o jornal, de meio milhão, "o número foi caindo progressivamente com o passar dos anos, até estacionar em algo entre 100 mil e 200 mil manifestantes." Infelizmente, suas fontes não foram citadas.

A publicação nos dá a oportunidade de acompanhar uma leitura atual da manifestação. Se, por um lado, caiu o mito de que de que as marchas constituíam um movimento essencialmente de elite, por outro, a comparação entre os títulos de 1965 e 2004 parece bastante sugestiva: no primeiro caso 'São Paulo se pôs em marcha em defesa do regime', enquanto que, no segundo, 'a direita foi às ruas'. Ora, quando designo um certo segmento como 'de direita' estou automaticamente, caracterizando-o como 'o outro' no plano simbólico, e estabelecendo a "antinomia entre 'nós' e 'eles'".<sup>310</sup> Não deixa de constituir uma alternativa à afirmação de que significativa e diversificada parcela da sociedade civil se pôs às ruas pedindo uma intervenção militar que, em momento posterior foi amplamente apoiada, debate apenas recentemente posto à pauta entre os historiadores do período.

Em 1966 vozes dissonantes se fizeram ouvir entre aqueles que estiveram à frente do movimento das marchas. Em missa comemorativa do 2º aniversário da Marcha de São Paulo, o padre Calansas teria afirmado que

---

<sup>310</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.* p. 316.

a "Marcha da Família se extinguiu com o início do processo revolucionário e que o atual governo é uma negação integral aos desejos e esperanças daquela Marcha."<sup>311</sup>

No dia 1º de abril de 1969, passados cinco anos desde o golpe militar e apenas alguns meses da decretação ao AI-5, a Camde lançou um manifesto ao povo, "conclamando cada cidadão a colaborar para o bem do Brasil."<sup>312</sup> Dizia o documento, em linhas essenciais:

Há cinco anos, a 2 de abril de 1964, esta cidade assistiu a uma manifestação pacífica de um milhão de cidadãos que, ordeiramente, num espírito de ação de graças, acorreu às ruas, espontaneamente, para comemorar a vitória da Revolução contra o caos, a indignidade e a corrupção moral e ideológica que ameaçavam destruir a todos nós. Desde então, vivemos um processo revolucionário que só terminará quando todas as metas da Revolução tiverem sido alcançadas. Tivemos alguns tropeços, mas a obra total, desenvolvida pelos governos revolucionários, apresenta um saldo extraordinário de progresso, de realização e sobretudo de esperança. (...)  
A liberdade tem um preço. E esse preço pagamos diariamente com nosso trabalho em prol da comunidade e pelo bem do Brasil.<sup>313</sup>

O jornal *O Globo* fez-se valer da ocasião para prestar uma homenagem à Camde, lembrando a "organização feminina que primeiro se lançou no campo contra a comunização do país".

Em sua aparente fragilidade, as senhoras da Camde mostraram a força da mulher brasileira, o seu denodo calcado em tantos exemplos históricos. A galeria de tantas brasileiras da têmpera de Maria Ortiz, de Anita Garibaldi, de Maria Quitéria, inclui-se desde alguns anos a dessa corajosa dirigente da Camde- tratada carinhosamente de Amelinha pelas suas amigas e companheiras -, que foi grande figura do movimento feminino pela implantação de Revolução e uma das principais responsáveis pelo movimento de repúdio, em todo o país, pelos desmandos do Governo de então.<sup>314</sup>

<sup>311</sup> SILVA, Evelyn Chaves. *Op. Cit.* p. 58.

<sup>312</sup> Camde exalta o 31 de março. *Diário de notícias*, 2 abr. 1969. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>313</sup> Marcha da Família com Deus: 5º aniversário. *Diário de Notícias*, 2 abr. 1969. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.

<sup>314</sup> Marcha da vitória faz cinco anos. *O Globo*, 2 abr. 1969. Recorte de jornal do arquivo da Camde. Paginação não disponível.



Em 1970, mais uma vez a *Folha de São Paulo* irá dar destaque ao aniversário das Marchas da Família, desta vez dedicando três páginas de seu primeiro caderno ao assunto.<sup>315</sup> A partir desta data, as comemorações das marchas começam a escassear, ou partem para um ambiente privado, da iniciativa de uma organização isolada, por exemplo.

Em 1981, num sinal de que os ventos políticos sopravam em outra direção, a freira Ana de Lurdes, uma das idealizadoras da Marcha da Família em São Paulo prestou a seguinte declaração:

O atual momento brasileiro não é mais para marchas ou manifestações semelhantes, pois esse momento é grave para o mundo inteiro. Não podemos desassociar os problemas brasileiros dos mundiais. [...] *Não me envolvo em política.* Muita coisa foi feita e muita coisa resta a fazer.<sup>316</sup>

O percurso apresentado revela a existência de uma comunidade de imaginação unida por certo conjunto de valores, normas e crenças de naturezas diversas como morais, religiosos ou sociais, que a conduziu a protagonizar determinado fenômeno político, qual seja, a participação nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade no ano de 1964. Contudo, em relação ao conjunto da sociedade que naquele ano expressou em praça pública seu apoio ao golpe militar, é possível afirmar que, em algum momento, aquela comunidade de imaginação foi se enfraquecendo a partir da confusão formada pelos desvios de interesses dos diversos segmentos que a formaram; diante da dualidade de se opor a uma postura que ajudou a fomentar e ter que se estreitar com a parte que combateu. Das razões, é possível supor, está o fato de que em nenhum

---

<sup>315</sup> SILVA, Evelyn Chaves. *Op. cit.* p. 58.

<sup>83</sup> *Ibidem.* p. 60. Grifos da autora.

momento se reivindicou um regime de exceção durante a 'campanha anticomunista'. Esta constatação sugere uma mudança de postura por parte dos grupos que aderiram às marchas, ante os militares, após os primeiros anos de governo militar, especialmente em função das denúncias de violência praticadas pelo regime (tortura, prisões arbitrárias e assassinatos políticos).

Dentro desta perspectiva, a evocação das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, ilustrada neste trabalho a partir das comemorações realizadas durante a ditadura, foi sendo relegada aos "subterrâneos da memória", uma vez que, ao suscitar sentimentos ambivalentes, como até mesmo a culpa<sup>317</sup> (o que pode ser observado em alguns dos relatos), parcela da sociedade optou, em determinado momento, pelo silêncio em relação a estas manifestações<sup>318</sup>, o que, longe de se constituir num esquecimento, carrega em si um conjunto de representações sociais prontas a emergir em momentos de crises, redefinidas pelas roupagens do presente.

---

<sup>317</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 6.

<sup>85</sup> Ver o trabalho de SILVA, Evelyn Chaves. *Op. cit.*

## CONCLUSÃO

No decorrer desta dissertação buscamos demonstrar como um determinado momento de crise política pôde assistir à proliferação de imaginários sociais diversos, através do estudo de um aspecto destes imaginários, qual seja, a realização das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, da simbologia e das representações construídas ao redor destas manifestações. Além de fenômeno ideologicamente inspirado, evidenciou-se sobretudo a realização desse acontecimento como um momento de produção e difusão de sentido, expressão de conflitos sociais até então velados, cuja investigação revelou importantes aspectos da relação entre as esferas do político e do simbólico, elemento sem dúvida primordial para a compreensão da crise de 1964. Procuramos também delimitar as estratégias através das quais o "discurso vencedor" operou, isto é, de que forma ele obteve o controle de difusão do seu imaginário e exerceu a repressão sobre os imaginários antagonistas, tornando seu discurso global e unificador, travestindo o interesse de um grupo no interesse de todos.

Contudo, a existência de uma comunidade de imaginação que permitiu que diversos setores da sociedade se mantivessem coesos em torno deste "discurso" mostrou sua fragilidade diante de mudanças em trajetórias políticas e individuais, revelando a característica de seletividade da memória, uma vez que parcela da sociedade que protagonizou o acontecimento das Marchas da Família com Deus pela Liberdade fez a opção por silenciar-se diante do fato de haverem endossado uma intervenção nas instituições democráticas que acabou por culminar num regime de exceção, o que pode trazer em si algo de culpabilidade. Vale lembrar

que silêncio não implica em esquecimento. E que o conjunto de símbolos e representações sobre as marchas, como outras "imagens do golpe" de 1964 sobrevive, podendo ser evocado em sua força e vivacidade, desde que haja uma conjuntura favorável a disputas de poder capazes de mobilizar corações e mentes.

CADERNO DE ILUSTRAÇÕES



"Noite das Cadeiradas". *O Cruzeiro*, 21 mar. 1964. p. 10.



"Noite das Cadeiradas". *O Cruzeiro*, 21 mar. 1964. p. 10.



**Você deve estar presente ao**  
**COMÍCIO DAS REFORMAS**

**DIA 13, ÀS 17,30 HORAS**  
Estação Pedro II - Central do Brasil

Você também está convocado a participar desta jornada cívica em favor da concretização imediata das REFORMAS que o Brasil reclama! E, como ponto de partida, vamos realizar a REFORMA AGRÁRIA para dar ao Brasil mais proprietários de terras produtivas... para ampliar o mercado consumidor... para criar mais empregos na indústria e acelerar o progresso econômico do País!

**POR VOCÊ E PELO BRASIL**  
compareça dia 13, às 17,30 horas ao

**GRANDE COMÍCIO DAS REFORMAS**  
**COM JANGO**  
**FALANDO AO POVO!**

"Convocação para o Comício das Reformas."  
*O Globo*, 13 mar. 1964. p. 2.





"Comício das Reformas"

*Revista Manchete*, 28 mar. 1964. P.13



"Comício das Reformas"  
 Revista Manchete, 28 mar. 1964. P.16

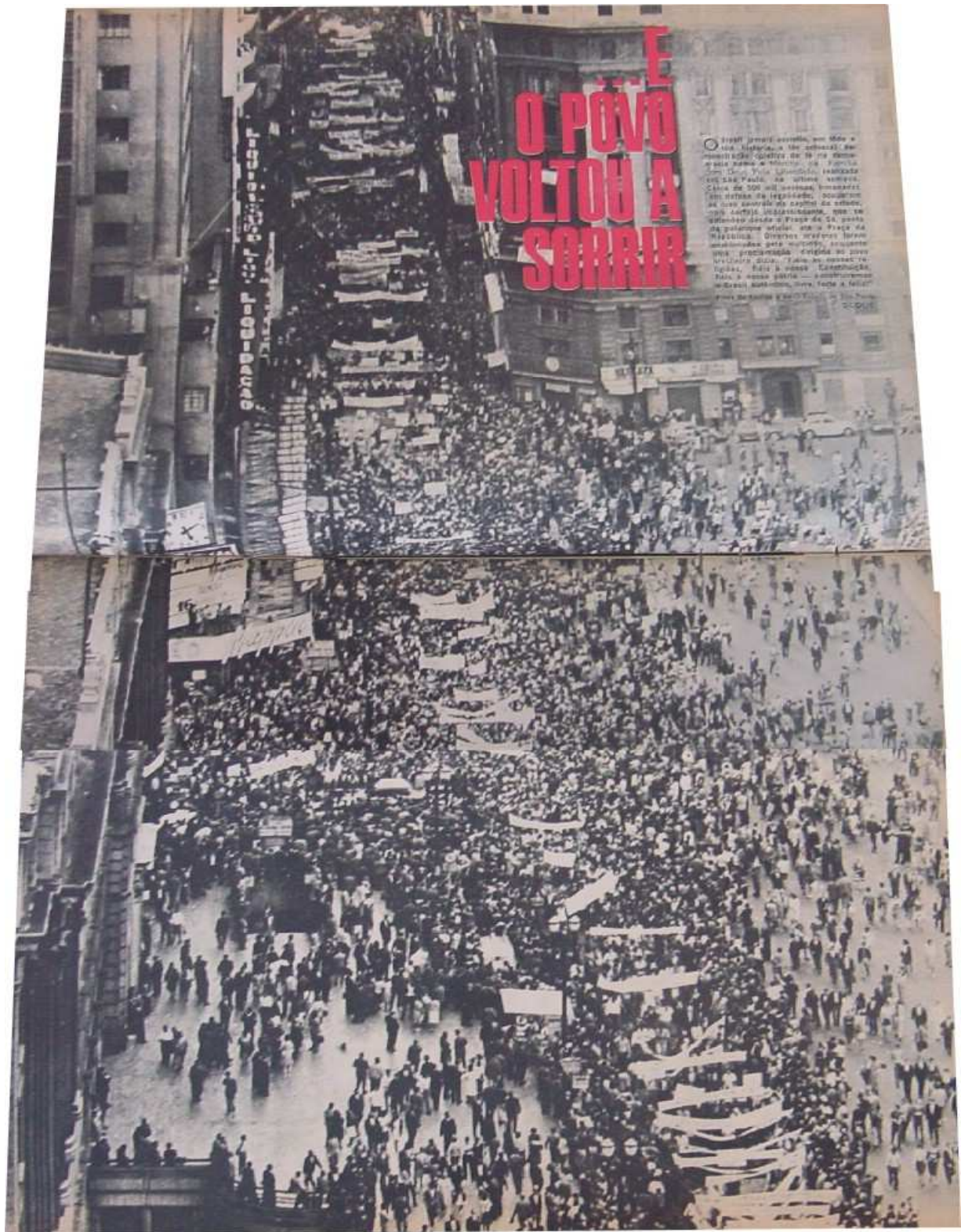


"Jango e Maria Teresa no Comício da Central."  
 In DINES, Alberto et alli. Os idos de março e a queda em abril. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.





"Marcha da Família em São Paulo."  
*O Globo*, 20 mar. 1964. p. 1.



"Marcha de São Paulo" Revista Manchete, 4 abr. 1964. Pp.12-13





"Marcha de São Paulo" *Revista Manchete*, 4 abr. 1964. p.14.



"Marcha de São Paulo" *Revista Manchete*, 4 abr. 1964. p.14.



"Marcha de São Paulo. Em destaque o Senador Padre Benedito Mário Calansas."  
*Revista Manchete*, 4 abr. 1964. p.15.



"Marcha de São Paulo" *Revista Manchete*, 4 abr. 1964. p.15.





"Marcha da Família em São Paulo. Concentração na Praça da Sé."  
O Cruzeiro, 11 abr. 1964. p. 128.



"Marcha da Família em Santos." *O Globo*, 26 mar. 1964. p. 6.



"Marcha da Família em Santos." *O Globo*, 26 mar. 1964 p. 1.





"Militares ocupam as ruas com tanques e  
acompanham a crise pelo jornal."  
Caderno Especial: 30 anos depois.  
*Folha de S. Paulo*, 27 mar. 1994. p. B-4.



"Populares comemoram em Copacabana as primeiras notícias da vitória do movimento golpista."  
*Revista Manchete*. Edição Extra. As fotos da Revolução. 11 abr. 1964. Paginação não disponível.



"Reunião de Preparação da Marcha do Rio na sede da Camde."  
*O Globo*, 24 mar. 1964. p. 1.





"Convocação para marcha carioca publicada na *Tribuna da Imprensa* em 2 de abril de 1964." In *Revista Nossa História*, ano 1, n° 5, março 2004.



"Marcha da Família no Rio de Janeiro. O Ex-Presidente Dutra em destaque."  
*O Cruzeiro*, Edição Extra, abr. 1964. p. 60.



"Senhora carrega a imagem de N.  
Sra. de Fátima na Marcha do Rio."  
*O Globo*, 3 abr. 1964 p. 15.



"Encerramento da Marcha do Rio"  
*O Globo*, 3 abr. 1964 p. 15.

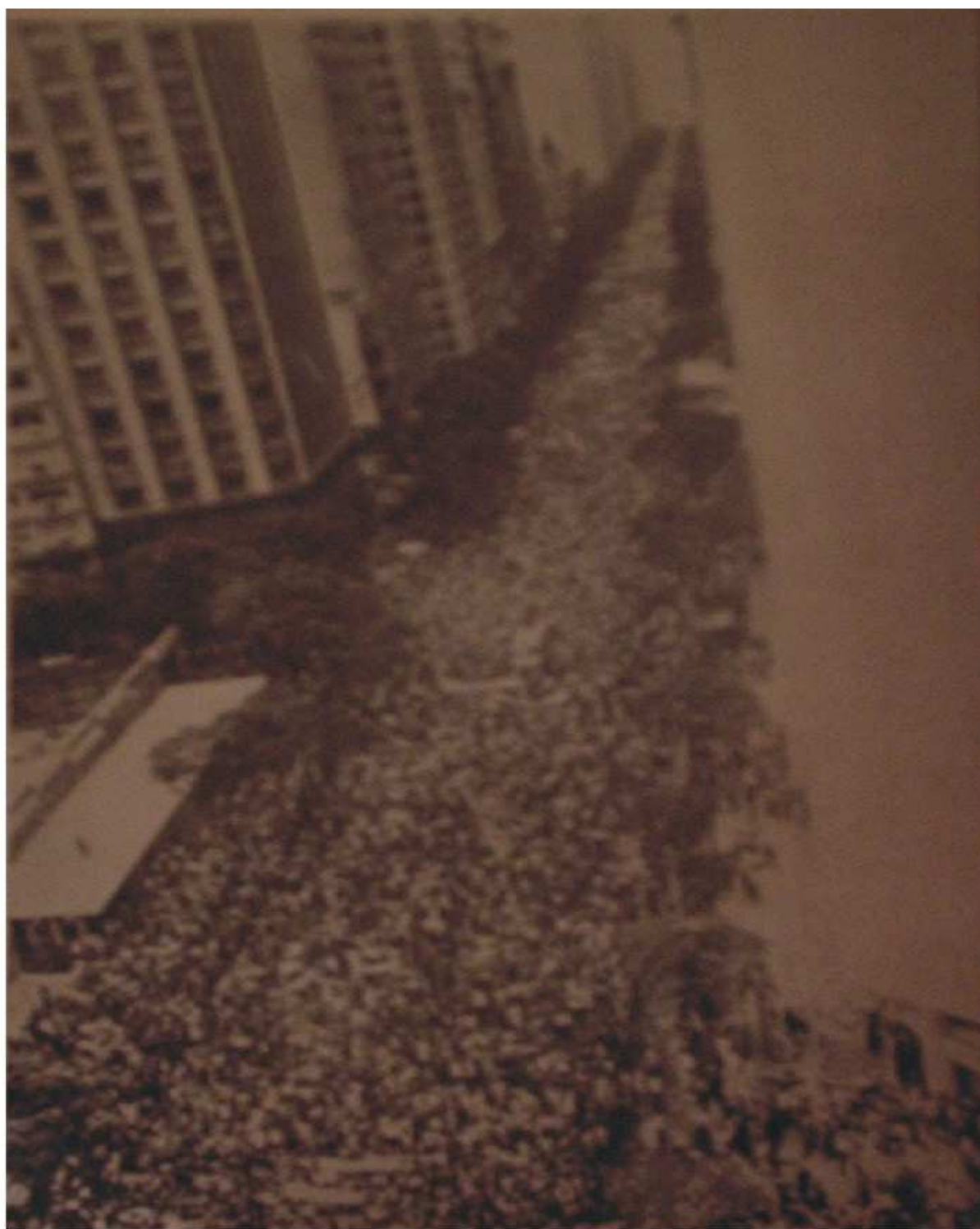


"Marcha da Família no Rio de Janeiro" *O Globo*, 3 abr. 1964 p. 15.





"Encerramento da Marcha do Rio"  
*O Globo*, 3 abr. 1964 p. 15.



"Cena da marcha carioca." In DINES, Alberto et alli. *Os idos de março e a queda em abril*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.





"Marcha da Família em Campos."  
*O Globo*, 14 abr. 1964. p.15



"Tanque militar cercado por manifestantes."  
*Revista Manchete*, 25 abr. 1964. p.38



"Mulher se ajoelha para rezar  
o terço na Marcha do Recife"  
*Revista Manchete*, 25 abr. 1964. p. 36.





"Marcha em Recife."

*Revista Manchete*, 25 abr. 1964. p.38



## UMA EMPOLGANTE DEMONSTRAÇÃO DE FÉ NA DEMOCRACIA !

De Minas Gerais surgiu a primeira greve de greve pela paz e pela liberdade. Foi a primeira greve mundial que ocorreu no terreno da liberdade e justiça. Greve para a grande vitória da liberdade que se encontra no Brasil.



300.000 pessoas em São Paulo, 1.000.000 no governo na Comissão entremem a manifestação que resultou a greve não somente de Greve mundial. Agora é a vez de Minas Gerais demonstrar sua fé na liberdade e na justiça.

PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM DA

# MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE!



(DIA 13, ÀS 16 HORAS, EM FRENTE  
À IGREJA DE SÃO JOSÉ)



"Convocação para a Marcha da Família em Belo Horizonte"  
*Estado de Minas*, 13 mai. 1964. p. 3.



"Marcha da Família em Belo Horizonte."  
*Revista Manchete*, 30 mai. 1964. p. 18.



"Marcha da Família em Belo Horizonte." *Revista Manchete*, 30 mai. 1964. p. 18.



ARTIGO ESPECIAL

# A NAÇÃO QUÊ SE SALVOU A SI MESMA

CLARENCE W. HALL  
Redator de The Reader's Digest



A história inspiradora de como um povo se rebelou e impediu os comunistas de tomarem conta de seu país. Por se tratar de um documento de significação muito especial, este artigo foi publicado em caderno separado para que possa ser destacado intato da revista e enviado a outras pessoas.

Suplemento especial da Revista  
*Seleções do Reader's Digest*. nov. 1964.



"Marchadeira." Ilustração de Jaguar.  
*In Livro de Cabeceira da Mulher.*  
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

**FONTES**

Estado de Minas - 1964

Folha de São Paulo - 27 de março de 1994 e 19 de março de 2004.

Manchete - 1964

O Cruzeiro - 1964

O Jornal - 2 de abril de 1964.

BRASIL. Arquivo Nacional. Seção de Documentos Particulares.

Fundo CAMDE.

## BIBLIOGRAFIA

### Artigos e Capítulos de Livros

- A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA. Artigo especial da revista *Seleções do Reader's Digest*, novembro de 1964.
- BACKZO, Bronislaw. Imaginação Social. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. vol. 5.
- BORGES, Vavy Pacheco. História política: totalidade e imaginário. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 9, n. 17, pp. 151-160, 1996.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. História Política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, pp. 161-165, 1996.
- DONA AMÉLIA MOLINA BASTOS OU COMO E ONDE MARCHA E CAMDE. Entrevista concedida a Stella M. Senra Pollanah. In *Livro de Cabeceira da Mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. vol. 5. p. 157-174.
- FALCON, Francisco. História e Poder. In CARDOSO, Ciro Flamaron Santana, VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp. 61-69.
- FRANCIS, Paulo. 1º aniversário do golpe: quem deu, quem levou, reações possíveis. In *Revista Civilização Brasileira*, ano I, n. 2, maio 1965. p. 61-70.
- \_\_\_\_\_. Tempos de Goulart. In *Revista Civilização Brasileira*, ano I, n. 7, maio 1966, 75-91.
- GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In *O saber local. Novos ensaios de antropologia interpretativa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 182-219.
- HOBBSAWM, RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. pp. 9-23.
- JULLIARD, Jaques. A política. In LE GOFF, J., NORA, P. (Dirs.) *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp.180-196.
- LEFORD, Claude. O fenômeno da crença em política. Tradução de Carlos Eduardo Baesse de Souza. ANDRÉS, Aparecida (Org.). *Utopias, sentidos, Minas, margens*. Belo Horizonte: UFMG, 1993. pp. 32-49.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. *LPH - Revista de História*, Mariana, n. 6, pp. 83-91, 1996.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In *História: Novas Abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp. 179-192.
- PIERUCCI, Antônio F. De Oliveira et al. Igreja Católica:

- 1945-1970. In FAUSTO, Boris (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol. 4. São Paulo: Difel, 1984. pp. 345 -380.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989. pp.3-16.
- RÉMOND, Réne. Por que a política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, pp. 7-20, jan./jun. 1994. p. 16.
- ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político (nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, pp. 9-22, 1995.
- SOARES, Luiz Eduardo. Os dois corpos do presidente e A política sacrificial. In *Os dois corpos do presidente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará 1993. pp. 151-169.
- TRINTA ANOS DEPOIS. *Folha de São Paulo*, Especial B.1, 27 de março, 1994.
- TUCK, Richard. História do pensamento político. In BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992. pp.273-289.

#### **Dissertações e teses**

- MATA, Sérgio Ricardo da. *A fortaleza do catolicismo. Identidades católicas e política na Belo Horizonte dos anos 60*. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG. Belo Horizonte, 1996.
- SILVA, Evelyn Chaves. *Memória, esquecimento e imaginário social nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade*. Dissertação de mestrado apresentada à UNI-RIO. Rio de Janeiro, 2002.

#### **Bibliografia Geral**

- A REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO - 2º Aniversário- Colaboração do Exército. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 1966.
- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ALVIM, Thereza Cesário (Ed.). *O golpe de 64: a imprensa disse não*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1979.
- ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema a serviço do Golpe - 1962/1964*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2001.
- BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BOTAS, Paulo César Loureiro. *A benção de abril. "Brasil, Urgente": memória e engajamento católico, 1963-64*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLO BRANCO, Carlos. *Introdução à Revolução de 1964*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975. Tomos 1 e 2.
- \_\_\_\_\_. *Os militares no poder*: Castelo Branco. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 3. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CHIAVENATO, Julio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo Brasil: Editora Moderna, 1994.
- CONY, Carlos Heitor. *O ato e o fato: crônicas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio, CASTRO, Celso (Orgs.) *Visões do Golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio (Orgs.). *Vinte e um anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- DINES, Alberto [et al.] *Os idos de março e a queda em abril*. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor, 1964.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DULLES, John W. F. *Castello Branco: o caminho para a presidência*. Tradução de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- FALCÃO, Armando. *Geisel: do tenente ao presidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Tudo a declarar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- FIGUEIREDO, Mário Poppe de. *A revolução de 1964 - Um depoimento para a história pátria*. Rio de Janeiro: APEC Editora, 1970.
- GASPARI, Elio. *As ilusões armadas. A Ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990.
- GUEDES, Carlos Luís. *Tinha que ser Minas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1979.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2000.
- JUREMA, Abelardo. *Sexta-feira, 13: os últimos dias do governo João Goulart*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.
- KRIEGER, Daniel. *Desde as Missões... saudades, lutas, esperanças*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- LABAKI, Amir. *1961: a crise da renúncia e a solução parlamentarista*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. São Paulo: Papirus, 1986.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MONIZ, Edmundo. *O golpe de abril*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- MORÉL, Edmar. *O golpe começou em Washington*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.
- MOURÃO FILHO, Olympio. *Memórias, a verdade de um revolucionário*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1978.
- RÉMOND, Réne (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (Orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998.
- RODREGUERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- SILVA, Hélio. *1964- Golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, Pátria e família: as mulheres no golpe de 64*. Belo Horizonte: UFMG, 1983.

- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo. 1930-1964*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- STARLING, Heloísa. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o Golpe de 64*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- TOLEDO, Caio Navarro. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_ (Org.) *1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

**ANEXO I - ENTIDADES QUE CONVOCAVAM A "MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE" NO RIO DE JANEIRO.**

Apostolado da Oração  
Assembléia de Deus  
Associação Cristã de Moços  
Associação das Antigas Alunas do Colégio *Sacré Coeur* de Jesus  
Associação das Donas-de-casa  
Associação das Senhoras Brasileiras  
Associação de Pais de Família  
Associação de Pais e Mestres  
Campanha da Mulher pela Democracia  
Círculos Operários Católicos  
Clube da Liberdade  
Clube do Otimismo  
Confederação Católica da Arquidiocese do Rio de Janeiro  
(com todas as suas 1573 associações e obras)  
Congregação de Belém  
Cruz Vermelha Brasileira  
Cruzada do Rosário em Família  
Falange Patriótica  
Federação de Associações Católicas  
Federação de Assistência dos Lázaros e Defesa contra a Lepra  
Federação Brasileira para o Progresso Feminino  
Federação dos servidores do Estado da Guanabara  
Frente da Juventude Democrática  
Frente Democrática dos Bancários  
Frente de Renovação Política Feminina  
Grupo de Ex-Combatentes da FEB  
Grupo de Desagravo ao Rosário  
Liga da Defesa Nacional  
Liga Democrática das Mães Fluminenses  
Movimento Cristão Brasileiro  
Movimento de Reafirmação Democrática Brasileira  
Movimento Sindical Democrático Fluminense  
Rede das Entidades Democráticas  
Serviço Social Católico de Niterói  
Sociedade Cristo Redentor  
Sociedade Sahara  
União Cívica de São Paulo  
União Nacional de Associações Familiares

Fonte: *Diário de Notícias* em 1º abril de 1964. Extraído de SIMÕES, Solange de Deus. *Op. Cit.* pp. 161-162.

**ANEXO II- ENTIDADES DE SÃO PAULO QUE ADERIRAM À "MARCHA DA FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE".**

Ação Brasileira de Cultura Democrática  
 Ala Paulista de Luta Antituberculosa  
 Aliança Democrática Brasileira  
 Aliança Eleitoral pela Família  
 Assistência Social "Dona Leonor Mendes de Barros"  
 Associação dos Advogados Democratas  
 Associação Brasileira dos Criadores de Bovinos  
 Associação Casa do Pequeno Trabalhador  
 Associação Cívica Feminina  
 Associação Colméia  
 Associação Colsan  
 Associação de Combate ao Câncer  
 Associação Comercial de São Paulo  
 Associação Cristã de Moços  
 Associação Cruz Azul  
 Associação Cruz Verde  
 Associação das Damas de Caridade de São Vicente de Paulo,  
 de São Paulo  
 Associação das Enfermeiras do Hospital das Clínicas  
 Associação dos Estudantes Democratas  
 Associação de Estudos Pedagógicos e Sociais  
 Associação das Famílias Rotarianas de São Paulo  
 Associação Paulista de Assistência aos Doentes de Lepra  
 Associação Paulista dos Ex- Dirigentes Universitários  
 Associação Paulista de Propaganda  
 Associação Santa Teresinha  
 Associação Santo Agostinho  
 Associação das Senhoras Evangélicas  
 Associação dos Sorotimistas  
 Associação dos Veteranos de 1932- MMDC  
 Bandeira Paulista Contra a Tuberculose  
 Bolsa de Mercadorias de São Paulo  
 Campanha de Educação Cívica  
 Centro Cultural Pereira Barreto  
 Centro Cívico de Cultura Política da Lapa  
 Centro do Comércio de Varejistas de Gêneros Alimentícios de  
 São Paulo  
 Centro de Defesa Democrática  
 Centro Democrático das Domésticas do Jardim Paulista  
 Centro Democrático dos Engenheiros  
 Centro Democrático dos Engenheiros Agrônomos de São Paulo  
 Centro José Bonifácio  
 Centro Operário Casa Verde  
 Círculo Operário CEDE- Lareira  
 Círculo Operário Central  
 Círculo Operário das Empregadas Domésticas do Itaim (Bibi)

Círculo Operário dos Empregados Domésticos do Jardim América  
Círculo Operário dos Empregados Domésticos do Jardim Europa  
Círculo Operário dos Empregados Domésticos do Jardim Paulistano  
Círculo Operário de Ermelindo Matarazzo  
Círculo Operário de Guaiauna  
Círculo Operário do Ipiranga  
Círculo Operário de Jaboticabal  
Círculo Operário da Mooca  
Círculo Operário Nossa Senhora dos Remédios  
Círculo Operário de Osasco  
Círculo Operário da Penha  
Círculo Operário de Pinheiros  
Círculo Operário Santo Amaro  
Círculo Operário de Tatuapé  
Círculo Operário de Vila Ema  
Círculo Operário de Vila Formosa  
Círculo Operário de Vila Guilhermina  
Círculo Operário Vila Hamburguesa  
Círculo Operário de Vila Prudente  
Círculo Operário Santana  
Clube dos Lojistas de São Paulo  
Commonwealth Relações Públicas  
Confederação das Famílias Cristãs  
Convívio- Sociedade Brasileira de Cultura  
Cruz Vermelha Brasileira- Seção de São Paulo  
Federação das Associações de Pais e Mestres  
Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo  
Federação dos Círculos Operários do Estado de São Paulo  
Federação das Indústrias do Estado de São Paulo  
Fraterna Amizade Cristã Urbana e Rural- FACUR  
Frente Anticomunista  
Frente Estudantil de São Paulo  
Grupo de Ação Católica  
Grupo de Ação Patriótica  
Instituto de Debates e Ação Social - IDEAS  
Instituto de Formação Social - Curso de Liderança Sindical  
Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais - Ipês  
Instituto Universal do Livro  
LAREIRA - Instituto a Serviço da Família  
Legião Brasileira Anticomunista  
Liga de Ação Democrática  
Liga Cristã Contra o Comunismo  
Liga dos Enfermeiros do São Paulo  
Liga das Enfermeiras Voluntárias  
Liga da Independência Democrática  
Liga Independente pela Liberdade  
Liga Operária Católica Feminina

Liga Católica Feminina  
Liga do Professorado Católico  
Liga do Professorado Paulista  
Liga das Senhoras Católicas de São Paulo  
Liga das Senhoras Católicas  
Movimento de Arregimentação dos Estudantes Democráticos -  
MAED  
Movimento de Arregimentação Feminina - MAF  
Movimento Cívico Evangélico  
Movimento Estudantil Democrático  
Movimento Estudantil de São Paulo  
Movimento Presbiteriano Jardim das Oliveiras  
Movimento de Resistência Acadêmica  
Movimento Sindical Democrático  
Oficinas de Caridade Santa Rita  
Partido de Representação Acadêmica  
Rede Feminina da Associação Paulista de Combate ao Câncer  
Rede Independente Democrática  
Sociedade Rural Brasileira  
União Cívica Feminina  
União Democrática Assistencial -UNIDAS  
União Independente Democrática

Fonte: SIMÕES, Solange de Deus. *Op. cit.* pp. 158-160.

ANEXO III - MARCHAS DAS FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE OCORRIDAS ENTRE 19 DE MARÇO E 1 DE JUNHO DE 1964

LOCAL	DATA	PRESENTES	ENTIDADES - CONVIDADOS	OBSERVAÇÕES	FONTES
São Paulo – SP	19-mar	500 mil	Ver anexo.	Primeira Marcha. Referências à Rev. De 1932	Jornais e revistas diversos.
Araraquara – SP	21-mar	6 mil		A marcha foi precedida por uma homenagem à memória aos araraquenses mortos em 1932 e em defesa da Constituição.- A passeata se dirigiu ao cemitério da cidade onde os estudantes depositaram coroas de flores sobre o túmulo do héroi-símbolo de Araraquara de 1932.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 21/03/64.
Assis – SP	21-mar				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 21/03/64.
Bandeirantes - PR	24-mar		Foram convidados o senador padre Calasans e os deputados Cunha Bueno, Hebert Levy e Conceição da Costa Neves.	A fonte se refere a comício, assim como na cidade de Ipaçu.	<i>O Globo</i> , 24/03/64.
Santos – SP	25-mar	80 mil		O Fôro Sindical de Debates divulgou extenso manifesto concitando a população a não participar da Marcha	<i>O Globo</i> , 25/03/64 e Simões.
Itapetininga - SP	28-mar			Este número do jornal cria uma certa confusão quanto ao dia da semana que se realizou a marcha, se sábado ou domingo.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 27/03/64 e Simões.
Atibaia – SP	29-mar		A marcha foi promovida pela Liga Cristã Contra o Comunismo.	Segundo <i>O Estado de S. Paulo</i> de 08/04 a Marcha foi realizada no domingo anterior à circulação do periódico.De acordo com o mesmo periódico, datado de 27/03/64, a marcha aconteceu no sábado.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 27/03/64 e 08/04/64.
Ipaçu – SP	29-mar		Foram convidados o senador padre Calasans e os deputados Cunha Bueno, Hebert Levy e Conceição da Costa Neves.	Uma comissão composta pelo Dep. Cunha Bueno, por membros da imprensa, e pela esposa do Sec. de Agricultura de SP, Beatriz Thompson, se dirigiu a esta cidade para a realização dos preparativos da	<i>O Estado de S. Paulo</i> 25/03/64 e Simões. <i>O Globo</i> divulgou a realização de um comício nesta cidade em 24/03/64. Em <i>O Estado de S. Paulo</i> , 29/03/64 é

				Marcha. Houve uma reunião no cinema da cidade que contou com a presença de mais de mil pessoas, onde estiveram presentes delegações de cidades vizinhas como Ourinhos, Sta Cruz do Rio Pardo, Xavantes, Bernardino de Campos, Piraju, Fartura, Manduri, Salto Grande, Oleo e Sarutaiá, sendo que a maioria das delegações eram chefiadas ou pelo prefeito ou pelo Presidente da Câmara das mesmas.	divulgada matéria com o título: "Repete-se hoje em Ipauçu a Marcha pela Liberdade".
Tatuí - SP	29-mar		A passeata foi organizada por uma comissão de senhoras daquela cidade.		<i>O Estado de S. Paulo</i> , 29/03/64.
São João da Boa Vista - SP	1-abr				Simões
Londrina - PR	2-abr			A passeata partiria de uma quermesse beneficente.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 24/03/64.
Rio de Janeiro - RJ	2-abr	1 milhão	Ver anexo.		Fontes diversas.
São Carlos- SP	2-abr		O bispo da cidade, d. Rui Serra, presidente de honra da comissão organizadora da marcha, em declaração feita à imprensa, citou Fernão Dias, Raposo Tavares, Nóbrega e Anchieta ao conclamar os cidadãos que não permitam que a cruz de Cristo, pela primeira vez levantada no Brasil por Henrique de Coimbra, seja substituída pela foice e o martelo.	A fonte se refere aos preparativos para a Marcha, dentre eles foi realizada uma reunião na sede da Ação Católica Diocesana, na qual participaram representantes das indústrias, agricultores, profissionais liberais, professores, funcionários públicos, estudantes, trabalhadores, senhoras e representantes do clero.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 25/03/64 e 27/03/64.
Uberlândia - MG	3-abr	200 mil			<i>O Estado de Minas</i> , 26/04/64.
Barbacena - MG	5-abr	A fonte faz referência a milhares de pessoas.	9º B.I., Corrêa de Almeida, Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), e Lira Barbacenense, representantes do clero e políticos locais.	No desfile se destacava a imagem de Nossa Senhora Aparecida, cujo andor era conduzido pelos militares em uniforme de campanha e a Bandeira Nacional pelas senhoras dos comandantes da EPCAR e do Nono Batalhão de Infantaria da PM da cidade.- Via-se também um carro simbólico, com o mapa de Minas Gerais envolto em um rosário, que era seguro por duas mãos postas.- O 9º BI esteve presente com todo o seu contingente de praças, toda	<i>Cidade de Barbacena</i> 12/05/64.



				a oficialidade, comandante e subcomandante, assim como o comandante da EPCAR, oficiais e alunos.- Houve representações de cidades vizinhas.- Às portas da Igreja Matriz foi armado um altar para a bênção do SS. Sacramento, onde se realizaram os discursos.- Participaram os vigários das principais paróquias da cidade e políticos como o prefeito e vice- prefeito, o presidente da Câmara, e o dep. Bonifácio Andrada.- O evento foi chamado pelo jornal de "Marcha da Família Católica"	
Rio Claro - SP	4-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> , 28/03/64.
Jaú - SP	5-abr	6 mil		A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> , 28/03/64 e Simões.
Maceió - AL	5-abr	10 mil	A Marcha foi promovida pelo <i>Movimento Democrático Feminino</i> , chefiado por Mariontina Cavalcanti, esposa do governador do Estado.	A Marcha contou com a presença de representações de colégios, da Patrulha Nacional Cristã, do Conservatório Nacional de Música, Seção de Alagoas, de entidades estudantis e de trabalhadores, de parlamentares e do governador do estado. Seu encerramento se deu com uma missa campal em frente ao Palácio do Governo celebrada pelo Arcebispo D. Adelmo Machado.	<i>O Globo</i> , 06/04/64 e Simões.
Pádua - RJ	5-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> , 25/03/64.
Campinas - SP	7-abr		A Marcha contou com a presença de Ibanez Moraes Sales, diretor do jornal em questão (não fica claro se este dirige a sucursal ou a matriz do jornal).	Ao término da passeata realizou-se um comício no Largo da Catedral.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64.
Natal - RN	7-abr				<i>Tribuna do Norte - Cadernos Especiais</i>
Amparo - MG	8-abr			A Marcha foi realizada no dia do aniversário da cidade.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64.
Regente Feijó - SP	X				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64.
Franca - SP	8-abr		A organização da passeata esteve a cargo de entidades religiosas da cidade.	Para Simões a marcha se realizou em 16/04	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64 e Simões.
Cajuru - SP	X			Nesta cidade foram realizadas missa	<i>O Estado de S. Paulo</i> ,

				vespertina solene, passeata e comício em comemoração à “vitória”.	08/04/64.
Piracicaba - SP	9-abr	40 mil			<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64.
Piraçununga – SP	9-abr		Em uma reunião na Associação Comercial da cidade, a Frente de Resistência Democrática e outras entidades planejaram a realização da marcha.		<i>O Estado de S. Paulo</i> , 08/04/64.
Mogi-Guaçu - SP	9-abr			A Marcha foi realizada no aniversário da cidade.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 09/04/64 e Simões.
Recife – PE	10-abr	200 mil		“Em Pernambuco, buscou-se resgatar o passado de lutas contra o invasor e a presença ativa das mulheres pernambucanas nessas lutas exaltando-se a memória das heroínas de Tejucupapo. Os pernambucanos eram convocados para, na marcha, repetir o passado glorioso de lutas contra o estrangeiro, agora transfigurado no ‘comunismo internacional’ .“ Simões pp.106-107.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 11/04/64 e Simões.
Passos – MG	11-abr		A comissão organizadora do evento foi constituída pelo presidente da cooperativa de laticínios local, Sebastião Lemos, e pelo presidente e vice- presidente da Associação Rural do Sudoeste Mineiro, Jairo de Andrade e José Maia. Segundo o periódico, várias cidades do sul de Minas Gerais haviam aderido à manifestação.	A fonte se refere à uma programação. Em <i>O Globo</i> de 24/03/64 é mencionado o convite de parlamentares para a realização de um comício. A fonte não deixa claro se tal comício se realizaria no dia da circulação do jornal.Em <i>O Estado de S. Paulo</i> de 24/03/64 é mencionada a realização da marcha no dia 5 de abril.	<i>O Globo</i> , 28/03/64. <i>O Estado de S. Paulo</i> , 24/03/64.
Presidente Prudente - SP	11-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> 28/03/64
Taubaté - SP	12-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> 28/03/64
Periqui – SP	12-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> , 28/03/6.
Botucatu - SP	12-abr			A fonte se refere à uma programação.Para Simões a marcha se realizou em 10/04	<i>O Globo</i> , 28/03/64 e Simões.
Oliveira - MG	12-abr		"Cessados os aplausos, monsenhor Leão assumindo a tribuna, em rápidas palavras, prestou, pela paróquia, uma saudação ao Exército Nacional, como homenagem de apreço aos soldados do glorioso Caxias!O senhor sargento Gaspar Pedrosa dos Santos agradeceu sensibilizado pelo Tiro de Guerra que é	"Concentrada uma imensa multidão na Praça Manuelita Chagas, iniciou-se a Marcha na seguinte ordem:A Cruz de Cristo, símbolo do Brasil cristão — Terra de S. Cruz conduzida pelo sr. José Luiz de Souza Júnior, representando os pais de	Marcha em Oliveira.htm

			parcela do Exército.Pela mulher oliveirense, porção da mulher mineira, subiu à tribuna, dona Yolanda Chagas Ribeiro de Castro.Dr. Emílio Haddad Filho, em nome da Câmara.Em seguida falaram numa autêntica profissão de fé democrática, o sr. Prefeito municipal, dr. José Ferreira Leite, e o sr. Bispo diocesano dom José Medeiros Leite.Após, monsenhor Leão fez comentário sobre a força da oração pelo terço de Maria e falou homenageando Nossa Senhora Aparecida.Toda aquela enorme assembléia levantou o Terço, de braço erguida, sendo rezada uma dezena."	família, ladeados por outros chefes de família, sob a orientação do Mons. Leão Medeiros Leite.O Pavilhão Nacional levando pela primeira-dama da cidade, sra. Elza Pinheiro Leite, acompanhada por um grupo de mães e educadores que conduziam a bandeira de Minas.O Tiro de Guerra 100, sob o comando dos Sargentos instrutores Gaspar Pedrosa dos Santos e José Carlos Soares da Costa, fazendo a guarda nobre dos símbolos da Fé e da Pátria.As autoridades da cidade (...)Toda aquela multidão desfilou até a Praça XV em meio de grande contentamento, ao som da música dos hinos a Nossa Senhora Aparecida e reza do terço de Nossa Senhora."	
				<b>Uma cena singular .</b> "Quando o préstito chegou diante da Catedral, ao encontro à Bandeira Nacional, foi conduzida a Bandeira da Igreja, da Santa Sé e, numa cerimônia simples, mas significativa: cruzaram as bandeiras num exemplo de amor e união: Pátria e Religião, unidas para a glória de Deus e felicidade do Brasil.(...) A banda de música de Morro do Ferro que tocou durante o desfile executou o Hino Nacional, antecedendo a homenagem dos atiradores."	
Campos - RJ	13-abr		A manifestação foi promovida pela Câmara Municipal, que aprovou projeto nesse sentido do vereador Severino Veloso.		<i>O Globo</i> 14/04/64 e Simões.
Brasília - DF	15-abr		De acordo com o Diário de Notícias de 16/04/64, foi realizada, no dia 15, uma reunião na residência do dep. Cunha Bueno com as principais lideranças das marchas do Rio e de São Paulo. Representantes da LIMDE e da CAMDE, juntamente com a Sra Nair Cascão (?) deliberaram que em data próxima todas as delegações das principais cidades do país, em número	A fonte se refere a uma programação.- Estiveram presentes à reunião o senador Auro de Moura Andrade, o Gal. Olímpio Mourão Filho, o vereador Luís Domingues e Castro, presidente da Câmara Municipal de São Paulo, o Min. Oscar Thompson, o senador Padre Calanzas, os dep. Nicolau	<i>O Globo</i> , 28/03/64. <i>Diário de Notícias</i> , 16/04/64.

			de 60,se dirigiriam à cidade com o objetivo de prestigiar o presidente Castelo Branco, o Congresso Nacional e o Poder Judiciário.	Tuma, Geraldo Freire, Hebert Levi e padre Godinho.	
Capivari - SP	15-abr			Uma grande romaria integrada por ônibus, automóveis e peruas partiu de Capivari com destino a cidade de Aparecida, maneira pela qual realizou sua Marcha da Família.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 16/04/64.
Lorena – SP	15-abr			A fonte se refere à uma programação.	<i>O Globo</i> , 28/03/64. <i>Diário de Notícias</i> , 16/04/64.
Dois Córregos - SP	16-abr				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64 e Simões.
Lavras – MG	16-abr				<i>Estado de Minas</i>
Conselheiro Lafaiete - MG	18-abr		A marcha foi organizada pela União Regional dos Estudantes Católicos e Grêmio Estudantil Cenegista.	A Comissão Organizadora foi constituída pelos estudantes Vicente de Faria Paiva e José Marques Moura JR, presidentes da UREC e GREC e dos estudantes Fábio Mirilo Coutinho e Márcio Hudson.	<i>Estado de Minas</i> , 16/04/64.
Indaiatuba- SP	18-abr				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64.
Santa Bárbara D'Oeste – SP	18-abr				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64 e Simões.
Itu- SP	18-abr	X		A Marcha foi realizada no dia da Convenção Republicana	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64.
Guaratinguetá	18-abr	5 mil			<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64.
Jacareí – SP	19-abr				<i>O Estado de S. Paulo</i> , 18/04/64 e Simões.
Formiga - MG	21-abr			Auto-falantes percorreram as ruas, convidando a população para o acontecimento. Nas escolas e estações de rádio foram proferidas palestras de cunho cívico, alusivas à democracia e à luta contra as ditaduras (28/04)	<i>Estado de Minas</i> 17/04/64 e 28/04/64.
Teresina - PI	22-abr	50 mil		A marcha partiu do Monumento do Cruzeiro, à margem do Rio Poty, em direção à Praça Rio Branco, onde se realizou um comício	<i>Estado de Minas</i> , 23/04/64.

Florianópolis - SC	X	50 mil			<i>O Globo</i> , 23-04-64 e Simões.
Cachoeira Paulista - SP	25-abr			A fonte, que se constitui de um recorte de jornal, com a data marcada a caneta, deixa dúvidas quanto ao mês da realização da marcha, se março ou abril.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 24/04/64.
Campos do Jordão - SP	26-abr			A fonte, que se constitui de um recorte de jornal, com a data marcada a caneta, deixa dúvidas quanto ao mês da realização da marcha, se março ou abril.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 24/04/64.
Londrina - PR	1-abr				Simões
Cruzeiro - SP					Simões
Palmeira dos Índios - PR	1-abr	3 mil			Simões
Juiz de Fora - MG	X	X		A Marcha foi realizada para recepcionar o Gal. Olímpio Mourão Filho, após deflagrado o golpe. O desfile passou pela Av. Rio Branco, em Direção ao Largo do Riachuelo, na Av. dos Andradas.	ACESSA_com - Estação 2000 - Juiz de Fora 150 anos em um minuto.htm
Pains - MG	1-mai			A fonte se refere à programação	<i>Estado de Minas</i> , 28/04/64.
São José dos Campos - SP	1-mai			A fonte se refere aos preparativos e divulga que esta cidade, seria, depois de Araraquara, Assis e Santos, a primeira a organizar a Marcha da Família em grandes proporções.	<i>O Estado de S. Paulo</i> , 29/03/64 e Simões.
Aparecida - SP	13-mai	10 mil			Simões
Belo Horizonte - MG	13-mai		LIMDE (Liga da Mulher Democrata). À frente da marcha encontravam-se os batedores da P.M. e do trânsito, seguidos pela banda do 5º Bpo e pelos Dragões da Independência, conduzindo o Pavilhão Nacional e alunos do Curso de Formação de Oficiais do D.I., transportando a bandeira de Minas. - Estiveram presentes colegiais, escoteiros e bandeirantes conduzindo os pavilhões de seus respectivos estabelecimentos. Observou-se também a presença de diversas autoridades civis militares e eclesiásticas, além de integrantes da União Cívica Feminina (UCF), de São Paulo, e demais associações dos estados da Guanabara, Brasília e Goiás.	A marcha foi realizada no dia de Nossa Senhora de Fátima, um dos grandes símbolos cristãos contra o comunismo e origem da simbologia do rosário.- A finalização do desfile, bem como a realização dos discursos se deu ao pé da estátua de Tiradentes. A Inconfidência Mineira e a figura do mártir foram bastante utilizados neste estado. Tiradentes encarnava o símbolo republicano da luta e do sacrifício pela liberdade.- Dois carros ornamentados compunham o desfile, sendo que um deles conduzia a imagem de Nossa Senhora Aparecida, transportada de Juiz de	<i>Estado de Minas</i> , 14/05/64 e Simões.

				Fora especialmente para o desfile.	
Goiânia - GO	13-mai	25 mil			Simões
Niterói - RJ	15-mai	50 mil			Simões
Fortaleza - CE	X	200 mil			Simões
Cerqueira César - SP	X	3 mil			Simões
Cândido Mota - SP	X	5 mil			Simões
Caxias - RJ	7-jun				Simões
Magé - RJ	8-jun	3 mil		A realização marcha fez parte das comemorações do 4º centenário de José de Anchieta.- Para Simões a marcha se realizou em 09/06	<i>O Globo</i> , 09/06/64 e Simões.
Mogi das Cruzes - SP	1-jun	4 mil			Simões
Moeda - MG	1-jun	4 mil			Simões